

Agatha
Christie

OS ÚLTIMOS
CASOS
DE MISS MARPLE



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Agatha Christie

Miss Marple # 13



**OS ÚLTIMOS CASOS
DE MISS MARPLE**

Título original inglés

Miss Marple's Final Cases and Two Other Stories

1939-1954

Agatha Christie

**OS ÚLTIMOS CASOS
DE MISS MARPLE**

Tradução de MÁRCIA KNOP e PEDRO GONZAGA

www.lpm.com.br

L&PM POCKET

Miss Marple's Final Cases and Two Other Stories são contos coletados postumamente, também publicados como *Miss Marple's Final Cases*, mas Miss Marple aparece em apenas seis dos oito textos.

Foram escritos entre 1939 e 1954 e publicados em 1979.

Agatha Christie

(1890-1976)



Agatha Mary Clarissa Miller nasceu em 15 de setembro de 1890 em Torquay, Inglaterra, caçula de três irmãos. Seu pai, Frederick, era americano, trabalhava como corretor da Bolsa e morreu quando ela tinha 11 anos; a mãe, Clara, era inglesa, com quem fez várias viagens após a morte do pai. A paixão por conhecer o mundo acompanharia a escritora até o fim da vida.

Agatha Christie é a autora mais publicada de todos os tempos, superada apenas por Shakespeare e a Bíblia. Numa carreira que durou mais de cinquenta anos, escreveu 66 romances de mistério, 163 contos, dezenove peças, poemas, dois livros autobiográficos, além de seis romances sob o pseudônimo de Mary Westmacott. Dois dos personagens que criou, o detetive belga Hercule Poirot e Miss Jane Marple, tornaram-se mundialmente famosos. Os livros da autora venderam mais de dois bilhões de exemplares em inglês, e sua obra foi traduzida para mais de 50 línguas. Grande parte da sua produção literária foi adaptada com sucesso para teatro, cinema e TV. A ratoeira, de sua autoria, é a peça que mais

tempo ficou em cartaz, desde sua estreia, em Londres, em 1952. A autora colecionou diversos prêmios em vida. É a única escritora de mistério a alcançar fama internacional como dramaturga e foi a primeira pessoa a ser homenageada com o Grandmaster Award, em 1954, concedido pela prestigiosa associação Mystery Writers of America. Em 1971, recebeu o título de Dama da Ordem do Império Britânico.

Em 1912, Agatha conheceu Archibald Christie, seu primeiro marido, um aviador. Eles se casaram na véspera do Natal de 1914 e em 1919 tiveram uma filha, Rosalind. A carreira literária de Agatha – fã dos livros de suspense do escritor inglês Graham Greene – começou quando a irmã a desafiou a escrever um romance em que não se descobrisse logo quem era o criminoso. Veio então *O misterioso caso de Styles* (1920), que teve boa acolhida da crítica. Era a primeira aparição de Hercule Poirot, o detetive destinado a se tornar o personagem mais popular da ficção policial desde Sherlock Holmes. Protagonista de 33 romances e mais de cinquenta contos da autora, o detetive belga foi o único personagem fictício a ter obituário publicado pelo *The New York Times*.

Em 1926, dois acontecimentos marcaram a vida de Agatha Christie: a mãe morreu, e Archie a deixou por outra mulher. É dessa época também um dos fatos mais nebulosos da biografia da autora: logo depois da separação, ela ficou desaparecida durante onze dias. Entre as hipóteses figuram um surto de amnésia, um choque nervoso e até uma grande jogada publicitária. Também em 1926, a autora escreveu o romance que muitos consideram sua obra-prima, *O assassinato de Roger Ackroyd*. Em 1927 Miss Jane Marple seria apresentada ao público no conto O Clube das Terças-Feiras, escrito em 1926.

Numa viagem ao Oriente Médio, Agatha conheceu o arqueólogo Max Mallowan, com quem se casou em 1930. A escritora passou a acompanhar o marido em expedições arqueológicas e nessas viagens colheu material para seus livros, muitas vezes ambientados em cenários exóticos.

Agatha Christie morreu em 12 de janeiro de 1976.



Illustrated
by Gilbert Wilkinson

"The art of writing gives one an insight into human nature," he said gravely. "One sees, perhaps, motives that the ordinary person would pass by."

"I know, dear," said Miss Marple, "that your books are very clever. But do you think that people are really so unpleasent as you make them out to be? I mean, so many people seem to me not to be either bad or good, but simply, you know, very

Miss Marple.

Primeira ilustração de Miss Marple
Gilbert Wilkinson
(The Royal Magazine, dezembro 1927)

ÍNDICE

SANTUÁRIO
UMA PIADA INCOMUM
O CASO DA FITA MÉTRICA
O CASO DA ZELADORA
O CASO DA CRIADA PERFEITA
MISS MARPLE CONTA UMA HISTÓRIA
A BONECA DA MODISTA
ATRAVÉS DE UM ESPELHO SOMBRIO
A EXTRAVAGÂNCIA DE GREENSHAW

SANTUÁRIO



1

A esposa do vigário dobrou a esquina do vicariato com os braços carregados de crisântemos. Seus rústicos sapatos irlandeses arrastavam uma grande quantidade de terra do jardim. Seu nariz estava sujo de poeira, mas ela estava totalmente alheia a esse fato.

Ela teve certa dificuldade em abrir o portão do vicariato, que se sustentava apenas sobre a metade de suas dobradiças enferrujadas. Uma rajada de vento moveu seu chapéu surrado, assentando-o em sua cabeça de maneira ainda mais desengonçada do que antes.

— Diabos! — disse Bunch.

Batizada de Diana por seus esperançosos pais, a Sra. Harmon passou a ser chamada de Bunch ainda na infância por razões óbvias, e esse nome a acompanhava desde então. Empunhando os crisântemos, ela atravessou o portão e chegou ao pátio da igreja, e em seguida à porta.

O ar de novembro era brando e úmido. Nuvens se moviam pelo céu e revelavam pedaços de azul aqui e ali. Do lado de dentro, a igreja era escura e fria; não era aquecida senão nos horários de culto.

— Brrrrrr! — disse Bunch de modo enérgico. — É melhor terminar logo com isso. Não quero morrer de frio.

Com a rapidez que advém da prática, ela reuniu a parafernália necessária: vasos, água, recipientes para as flores.

"Gostaria que tivéssemos lírios", pensou Bunch em silêncio. "Já estou cansada destes crisântemos ásperos." Seus dedos ágeis arrumavam as flores em

seus recipientes.

Não havia nada particularmente original ou artístico em suas decorações, pois Bunch Harmon não era nem original nem artística, mas eram composições simples e agradáveis. Carregando os vasos com cuidado, Bunch caminhou pela nave em direção ao altar. Enquanto ela fazia isso, o sol apareceu.

O astro brilhou através da janela leste, que tinha um vitral um tanto tosco, composto em azul e vermelho — presente de uma vitoriana rica que costumava frequentar igreja. O efeito era quase espantoso em sua repentina opulência. "Como pedras preciosas", pensou Bunch. De repente ela parou, olhando para a sua frente. Nos degraus do presbitério havia um vulto escuro junto ao chão.

Depondo com cuidado as flores no chão, Bunch foi até os degraus e se abaixou. Era um homem que estava debruçado sobre si mesmo. Bunch se ajoelhou ao seu lado e, lentamente e com muito cuidado, virou seu corpo. Seus dedos buscaram o pulso do homem, um pulso tão fraco e oscilante que revelava o estado de seu dono, assim como a palidez quase esverdeada de seu rosto. Não restava dúvida, pensou Bunch, de que ele estava morrendo.

Era um homem de aproximadamente 45 anos, vestido com uma roupa preta surrada. Ela pôs de volta no chão a débil mão que estava segurando e olhou para a outra. Esta estava cerrada sobre o peito. Olhando mais de perto ela pôde ver que os dedos estavam fechados sobre o que parecia ser um grande maço ou lenço que ele segurava firmemente contra o peito. A mão fechada estava coberta de respingos de cor marrom, que Bunch imaginou ser sangue seco. Bunch voltou a se equilibrar em seus calcanhares, franzindo a testa.

Até esse ponto, os olhos do homem tinham estado fechados, mas neste instante eles se abriram de súbito e se fixaram no rosto de Bunch. Eles não mostravam estupefação ou errância. Pareciam totalmente vivos e inteligentes. Os lábios do homem se moveram e Bunch se curvou para ouvir as palavras, ou melhor dizendo, a palavra. Ele disse apenas: — Santuário.

Havia, pensou ela, um pequeno sorriso em seus lábios enquanto ele pronunciava essa palavra. Não poderia haver erro, pois depois de um instante ele disse de novo: — Santuário...

Então, com um longo e lânguido suspiro, seus olhos se fecharam novamente. Mais uma vez os dedos de Bunch procuraram o pulso do homem. Continuava lá, mas agora ainda mais fraco e intermitente. Ela se levantou decidida.

— Não se mova — disse. — Vou buscar ajuda.

Os olhos do homem se abriram novamente, mas ele parecia agora estar com sua atenção voltada para a luz colorida que vinha da janela leste. Murmurou alguma coisa que Bunch não entendeu muito bem. Ela pensou, assustada, que poderia ter sido o nome do seu marido.

— Julian? — ela disse. — Você veio aqui procurar Julian?

Mas não houve resposta. O homem ficou ali estendido, a respiração curta e baixa.

Bunch virou-se e saiu rapidamente da igreja. Deu uma olhada no relógio e moveu a cabeça com certa satisfação. O Dr. Griffiths ainda estaria em seu consultório, que ficava a uma distância de poucos minutos a pé da igreja. Chegando lá, ela entrou, sem bater ou tocar a campainha, passando pela sala de espera para dentro do consultório do médico.

— O senhor precisa vir rápido — disse Bunch. — Tem um homem à beira da morte na igreja.

Passados alguns minutos, o Dr. Griffiths levantou-se após examinar brevemente o homem.

— Seria possível movê-lo daqui até o vicariato? Não creio que haja muita esperança, mas lá eu poderei atendê-lo melhor.

— Claro — disse Bunch. — Vou indo na frente para aprontar as coisas. Vou mandar Harper e Jones para cá, para ajudar o senhor a carregá-lo.

— Obrigado. Quando chegar ao vicariato, posso telefonar para chamar uma ambulância, mas receio que quando ela chegar...

Ele não terminou a frase.

— Hemorragia interna? — perguntou Bunch. O Dr. Griffiths assentiu com a cabeça.

— Como ele conseguiu chegar até aqui? — ele perguntou.

— Eu acho que ele deve ter passado a noite toda aqui — disse Bunch, reflexiva. — Harper destranca a porta da igreja pela manhã quando sai para o trabalho, mas não costuma entrar.

Cerca de cinco minutos depois, o Dr. Griffiths colocou o telefone de volta no gancho e voltou para a sala onde o ferido estava deitado sobre cobertores recém-postos no sofá. Bunch carregava uma bacia com água e organizava as coisas usadas no exame médico.

— Bem, isso é tudo — disse o Dr. Griffiths. — Chamei uma ambulância e notifiquei a polícia. — Ele ficou parado, franzindo a testa, olhando para o paciente que estava deitado de olhos fechados, a mão esquerda se movendo em nervosos espasmos para o lado.

— Ele foi baleado — disse Griffiths. — Baleado bem de perto. — Ele enrolou seu lenço e o pressionou sobre a ferida para estancar o sangue.

— Ele poderia ter ido longe depois do acontecido? — perguntou Bunch.

— Oh, sim, é bem possível. Um homem mortalmente ferido é capaz de se levantar e caminhar ao longo de uma rua como se nada tivesse acontecido, e então desfalecer de repente, cinco ou dez minutos depois. Logo, ele não foi necessariamente baleado na igreja. Não, mesmo. Ele pode ter sido baleado a uma boa distância daqui. Claro, ele pode ter atirado em si mesmo, largado o revólver e cambaleado até a igreja. Eu só não entendo por que ele foi até a

igreja e não até o vicariato.

— Ah, isso eu sei — disse Bunch. — Ele disse "santuário". O médico a encarou.

— Santuário? — Aqui está Julian — disse Bunch, virando a cabeça ao ouvir os passos do marido no corredor. — Julian! Venha até aqui.

O reverendo Julian Harmon entrou no aposento. Seus modos vagos e professorais sempre o faziam parecer muito mais velho do que de fato era.

— Meu Deus! — disse Julian Harmon, olhando de maneira tranquila e curiosa para os instrumentos cirúrgicos e para a figura debruçada sobre o sofá.

Bunch explicou a situação em poucas palavras, como era de costume.

— Ele estava na igreja, à beira da morte. Foi baleado. Você o conhece, Julian? Pensei tê-lo ouvido dizer seu nome.

O vigário foi até o sofá e olhou para o homem agonizante.

— Pobre sujeito — ele disse, e sacudiu a cabeça. — Não, eu não o conheço. Tenho quase certeza de que nunca o vi antes.

Naquele instante os olhos do homem se abriram mais uma vez. Eles passaram do médico para Julian Harmon e dele para a sua esposa. Os olhos estacionaram ali, fitando o rosto de Bunch. Griffiths deu um passo à frente.

— Se você pudesse nos dizer... — ele disse rapidamente.

Mas com os olhos fixos em Bunch, o homem disse numa voz fraca: — Por favor, por favor..

E então, com um leve tremor, morreu... O sargento Hayes lambeu a ponta de seu lápis e virou a página do seu caderno de anotações.

— Então isso é tudo que a senhora pode me dizer, Sra. Harmon?

— Sim, isso é tudo — disse Bunch. — Estas são as coisas que estavam em seus bolsos.

Sobre a mesa, perto do sargento Hayes, estavam uma carteira, um velho relógio danificado com as iniciais W.S. e a parte correspondente à volta de uma passagem de ida e volta para Londres. Nada mais.

— O senhor descobriu quem ele é? — perguntou Bunch.

— Um casal, Sr. e Sra. Eccles, telefonou para a delegacia. Ele é irmão da senhora, ao que parece. Seu nome é Sandbourne. Já estava mal de saúde e dos nervos há algum tempo. Andava cada vez pior. Anteontem ele saiu de casa e não voltou mais. Levava um revólver consigo.

— E ele veio até aqui e se deu um tiro com o revólver? — perguntou Bunch. — Por quê?

— Bem, ele andava deprimido... Bunch o interrompeu: — Não é isso que estou perguntando. O que quero saber é por que aqui? Como o sargento Hayes obviamente não sabia a resposta para aquela pergunta, replicou de maneira evasiva: — Ele chegou aqui no ônibus das 5h10.

— Sim — disse Bunch novamente —, mas por quê?

— Eu não sei, Sra. Harmon — disse o sargento Hayes.

— Não existe nenhuma explicação. Se o equilíbrio mental é perturbado...

Bunch terminou a sentença para ele: — Eles podem fazê-lo em qualquer lugar. Mas ainda me parece desnecessário tomar um ônibus para uma pequena área rural como esta. Ele não conhecia ninguém aqui, não é? — Não pelo que pôde ser averiguado — disse o sargento Hayes.

Ele tossiu de modo apologético enquanto se levantava e disse: — Pode ser que o Sr. e a Sra. Eccles venham até aqui lhe fazer uma visita, dona, se a senhora não se importar.

— Claro que eu não me importo — disse Bunch. — É muito natural. Eu só gostaria de ter algo a dizer a eles.

— Eu tenho que ir — disse o sargento Hayes.

— Fico muito aliviada — disse Bunch enquanto acompanhava o sargento até a porta da frente — que não tenha sido assassinato.

Um carro havia parado em frente ao portão do vicariato. O sargento Hayes, olhando rapidamente, comentou: — Parece que o Sr. e a Sra. Eccles já estão aqui, dona, para falar com a senhora.

Bunch se preparou para suportar o que, ela pensava, poderia ser uma difícil provação. "De qualquer modo", pensou, "posso chamar Julian para me ajudar se for o caso. Um homem do clero é de grande ajuda quando as pessoas estão desoladas pela perda de um parente." Bunch não sabia exatamente o que esperar do Sr. e da Sra. Eccles, mas foi acometida, ao cumprimentá-los, de certa perplexidade. O Sr. Eccles era um homem corpulento e vistoso, de modos alegres e brincalhões. A Sra. Eccles tinha um ar um pouco esnobe. Sua boca era pequena, bem delineada. Sua voz era fina e aguda.

— Foi um choque terrível, Sra. Harmon, como a senhora bem pode imaginar — ela disse.

— Oh, eu sei — disse Bunch. — Deve ter sido. Sentem-se, por favor. Eu posso oferecer-lhes, bem, talvez seja um pouco cedo para o chá...

A Sra. Eccles sacudiu sua pequena mão de dedos curtos: — Não, não se incomode — ela disse. — É muito gentil da sua parte. Só gostaria de saber... bem... o que o pobre William disse e todo o resto, a senhora entende?

— Ele estava fora há tempos — disse o Sr. Eccles —, e eu acho que ele deve ter tido algumas experiências muito desagradáveis. Desde que voltou para casa, andava muito quieto e deprimido. Dizia que o mundo não era um bom lugar para se viver e que não tinha nenhuma expectativa quanto ao futuro. Pobre Bill, ele sempre foi um sujeito melancólico.

Bunch olhou para eles por alguns instantes sem dizer nada.

— Ele roubou o revólver do meu marido — continuou a Sra. Eccles — sem que percebêssemos. Então, ao que parece, veio até aqui de ônibus. Acho que foi sensível de sua parte. Ele não teria gostado de fazer isso em nossa casa.

— Pobre homem, pobre homem — disse o Sr. Eccles com um suspiro. — Não se pode julgá-lo.

Houve outra pausa curta, então o Sr. Eccles disse: — Ele deixou uma mensagem? Últimas palavras, algo assim? Seus olhos claros observavam Bunch atentamente. A Sra. Eccles também se inclinou para frente como se estivesse ansiosa pela resposta.

— Não — disse Bunch em voz baixa. — Ele foi para a igreja quando estava à beira da morte, buscando um santuário.

— Santuário? — disse a Sra. Eccles de maneira confusa. — Acho que não estou...

O Sr. Eccles interrompeu: — Lugar sagrado, minha querida — ele disse impacientemente. — É isso que a esposa do vigário quer dizer. Suicídio é pecado, você sabe. Suponho que ele quisesse se redimir.

— Ele tentou dizer algo um pouco antes de morrer — disse Bunch. — Começou dizendo "por favor", mas não foi além disso.

A Sra. Eccles colocou seu lenço sobre os olhos e fungou.

— Oh, querido, é terrivelmente triste, não é?

— Acalme-se, Pam — disse seu marido. — Não se culpe, essas coisas não podem ser evitadas. Pobre Willie. Ele está em paz agora. Bem, muito obrigado Sra. Harmon. Espero que não a tenhamos estorvado em nada. A esposa de um vigário é uma mulher ocupada, sabemos disso.

Eles se despediram com um aperto de mãos. Então Eccles se voltou repentinamente para trás, para dizer: — Ah, sim, só mais uma coisa. Creio que o casaco dele está aqui, não? — O casaco? — Bunch franziu a testa.

— Gostaríamos de ficar com todos os pertences dele, a senhora sabe. São de valor sentimental — disse a Sra. Eccles.

— Ele tinha um relógio, uma carteira e uma passagem de trem nos bolsos — disse Bunch. — Eu entreguei tudo ao sargento Hayes.

— Então está bem — disse o Sr. Eccles. — Ele entregará a nós, assim espero. Seus documentos particulares devem estar na carteira.

— Havia uma nota de uma libra na carteira — disse Bunch. — Nada além disso.

— Nenhuma carta ou coisa que o valha? Bunch sacudiu a cabeça.

— Bem, mais uma vez obrigado, Sra. Harmon. O casaco que ele estava vestindo, é possível que também esteja com o sargento? Bunch franziu a testa tentando se lembrar.

— Não — ela disse —, acho que não... deixe-me ver. O doutor e eu o tiramos para examinar a ferida — ela deu uma olhada incerta ao redor do ambiente. — Devo tê-lo levado para o andar de cima, junto com as toalhas e a bacia.

— Eu estava pensando, Sra. Harmon, se a senhora não se importar... Nós

gostaríamos de ficar com o casaco, a senhora entende, a última coisa que ele vestiu. Bem, teria um valor imenso para minha esposa.

— Claro — disse Bunch. — O senhor gostaria que eu mandasse lavar antes? — Oh, não, não, não, isso não é necessário. Bunch franziu a testa.

— Agora eu me pergunto onde é que... me deem licença por um momento.

Ela subiu as escadas e demorou alguns minutos para retornar.

— Desculpem-me — ela disse ofegante —, minha diarista deve ter posto o casaco junto com as outras roupas que foram para a lavanderia. Levei um bom tempo para encontrá-lo. Aqui está. Vou embrulhá-lo para vocês.

Contrariando os protestos do casal, ela o fez, então, despedindo-se efusivamente mais uma vez, o Sr. e a Sra. Eccles partiram.

Bunch voltou lentamente pelo corredor e entrou no escritório. O reverendo Julian Harmon levantou os olhos e seu rosto desanuviou-se. Ele estava escrevendo um sermão e receava ter sido desviado do rumo pelo interesse que lhe despertaram as relações políticas entre a Judeia e a Pérsia, durante o reinado de Ciro.

— Sim, querida? — ele disse esperançoso.

— Julian — perguntou Bunch —, o que é exatamente um santuário? Julian Harmon gentilmente pôs de lado a folha do sermão.

— Bem — ele disse —, santuário em templos gregos e romanos era a celia na qual ficava a estátua de um Deus. A palavra em latim para altar, "ara", também significa proteção — ele continuou doutamente. — No ano 399 d.C, o direito a santuário foi final e definitivamente reconhecido nas Igrejas Cristãs. A mais antiga menção do direito a santuário na Inglaterra está no Código de Leis emitido por Ethelbert no ano 600 d.C...

Ele continuou por algum tempo com sua explicação. Julian seguidamente ficava desconcertado com a receptividade de sua esposa aos seus pronunciamentos eruditos.

— Querido — ela disse, você é um doce. Inclinando-se, ela o beijou na ponta do nariz. Julian se sentiu um pouco como um cão que fosse congratulado por realizar um truque engenhoso.

— O Sr. e a Sra. Eccles estiveram aqui — disse Bunch. O vigário franziu a testa.

— O Sr. e a Sra. Eccles? Eu não me lembro...

— Você não os conhece. Ela é irmã do homem da igreja e ele é o marido.

— Minha querida, você deveria ter me chamado.

— Não houve necessidade — disse Bunch. — Eles não estavam precisando de consolo. Será que... — ela franziu a testa — se eu deixasse um enopado no forno amanhã, você conseguiria se virar, Julian? Estou pensando em

ir até Londres, há uma liquidação [*sale* em inglês] que quero aproveitar.

— Navegar? [*sail* em inglês] — O marido a olhou sem entender. — Você diz andar de barco ou num iate?

— Não, uma liquidação especial na Burrows & Portman's. Você sabe, lençóis, toalhas de mesa e lâ. Não sei o que nós fazemos com nossas lâs, mas elas ficam gastas em muito pouco tempo. Além disso — ela acrescentou habilmente —, acho que está na hora de visitar a tia Jane.

2

Aquela doce velhinha, Miss Jane Marple, estava gozando dos prazeres da metrópole por duas semanas, confortavelmente instalada no apartamento do seu sobrinho.

— É tão gentil da parte de Raymond — ela murmurou.

— Ele e Joan foram para os Estados Unidos por duas semanas e insistiram para que eu ficasse aqui e me divertisse. E agora, querida Bunch, me conte o que a está preocupando.

Bunch era a afilhada predileta de Miss Marple, e a velha senhora a olhava com grande afeição quando Bunch, com seu chapéu enfiado na parte de trás da cabeça, começou a contar a história.

O relato de Bunch foi claro e conciso. Miss Marple acenou com a cabeça quando Bunch terminou.

— Entendo — ela disse —, entendo.

— É por isso que eu achei que deveria vir até a senhora — disse Bunch. — A senhora vê, sem ser muito esperta...

— Mas você é esperta, minha querida.

— Não, não sou. Não como Julian.

— Julian, é claro, tem um intelecto muito sólido — disse Miss Marple.

— Exatamente — disse Bunch. — Julian tem o intelecto, mas eu, por outro lado, tenho a sensibilidade.

— Você tem muito bom senso, Bunch, e é muito inteligente.

— A senhora vê, eu não sei muito bem o que fazer. Não posso perguntar a Julian porque, bem, quero dizer, Julian é tão cheio de integridade...

A declaração pareceu ter sido perfeitamente compreendida por Miss Marple, que disse: — Eu entendo o que você quer dizer. Para nós mulheres, bem, é diferente. — Ela continuou. — Você me contou o que aconteceu, Bunch, mas eu gostaria de saber primeiro exatamente o que você pensa sobre isso.

— Está tudo errado — disse Bunch. — O homem que estava na igreja, morrendo, sabia tudo sobre santuário. Ele disse exatamente da maneira que Julian teria dito. Quero dizer, ele era um homem instruído e culto. E se ele tivesse dado um tiro em si mesmo, não se arrastaria, depois disso, até uma igreja para

dizer "santuário". Santuário significa que quando você está sendo perseguido, ao entrar numa igreja, você está salvo. Seus perseguidores não podem tocá-lo. Em certa época nem mesmo as autoridades podiam pegar você.

Ela olhou inquisitivamente para Miss Marple. Esta acenou com a cabeça. Bunch continuou: — Aquelas pessoas, o Sr. e a Sra. Eccles, eram bem diferentes. Ignorantes e vulgares. E tem mais uma coisa. O relógio, o relógio do falecido. Tinha as iniciais W.S. na parte de trás. Mas dentro, eu o abri, estava escrito em letras muito pequenas "Para Walter, de seu pai" e tinha uma data. Walter. Mas o Sr. e a Sra. Eccles se referiam a ele como William ou Bill.

Miss Marple parecia pronta para dizer alguma coisa, mas Bunch continuou, afobada: — Oh, eu sei que nem sempre alguém é chamado pelo nome de batismo. Quero dizer, posso entender que você seja batizado William e seja chamado de "Peixe" ou "Cenoura" ou algo assim. Mas a sua irmã não chamaria você de William ou Bill se o seu nome verdadeiro fosse Walter.

— Você quer dizer que ela não era irmã dele?

— Tenho certeza de que ela não era irmã dele. Eles eram repugnantes, os dois. Foram até o vicariato para pegar as coisas do homem e para saber se ele havia dito alguma coisa antes de morrer. Quando eu lhes disse que ele não havia dito nada, vi apenas uma coisa escrita em seus rostos: alívio. Pensei comigo mesma — concluiu Bunch — que foi Eccles que atirou nele.

— Assassinato? — disse Miss Marple.

— Sim — disse Bunch. — Assassinato. É por isso que eu procurei a senhora, querida tia.

As observações de Bunch poderiam ter parecido incongruentes para um ouvinte comum, mas Miss Marple era famosa, em certas esferas, por desvendar assassinatos.

— Ele disse "Por favor" a mim, antes de morrer — disse Bunch. — Ele queria que eu fizesse alguma coisa por ele. O mais triste é que eu não faço ideia do que essa coisa possa ser.

Miss Marple refletiu por alguns instantes, e então perguntou algo que já tinha ocorrido a Bunch: — Mas por que ele estava lá, afinal?

— A senhora quer dizer — disse Bunch — que, se você está procurando um santuário, pode entrar numa igreja em qualquer lugar. Não há necessidade de pegar um ônibus que só sai quatro vezes ao dia e ir até um local isolado como o nosso.

— Ele deve ter ido até lá com algum propósito — cogitou Miss Marple. — Deve ter ido para ver alguém. Chipping Cleghorn não é uma cidade grande, Bunch.

Bunch repassou em sua mente todos os habitantes do lugarejo antes de sacudir a cabeça ainda um tanto hesitante.

— De certo modo — ela disse —, poderia ser qualquer pessoa.

— Ele não mencionou nenhum nome? — Ele disse Julian, ou eu pensei tê-lo ouvido dizer Julian. Poderia ter sido Júlia, acho. Mas até onde sei, não há nenhuma Júlia vivendo em Chipping Cleghorn.

Ela apertou os olhos enquanto se lembrava da cena. O homem deitado nos degraus da capela, a luz entrando pela janela, brilhando como joias azuis e vermelhas.

— Joias — disse Miss Marple pensativamente.

— Agora estou chegando — disse Bunch — na parte mais importante de todas. A senhora vê, o Sr. e a Sra. Eccles fizeram a maior questão de ficar com o casaco do falecido. Nós o tiramos quando o médico estava examinando ele. Era um casaco velho e surrado, não haveria nenhuma razão para eles quererem tanto a peça. Eles fingiram que era algo sentimental, mas aquilo foi pura tolice. De qualquer maneira, subi até o andar de cima para buscá-lo, e quando eu estava subindo as escadas, me lembrei que ele havia feito um gesto com a mão, tateando o casaco como se quisesse pegar alguma coisa. Então, quando peguei o casaco, examinei-o bem e vi que, numa das partes, o forro havia sido recosturado com uma linha diferente. Então eu descosturei essa parte e encontrei um pequeno pedaço de papel lá dentro. Tirei o papel e costurei o forro novamente com a linha apropriada. Fui muito cuidadosa e não acho que o Sr. e a sra, Eccles notaram o que eu fiz. Acho que eles não notaram, mas não posso ter certeza. Depois eu descí com o casaco, entreguei a eles e inventei alguma desculpa para a demora.

— E o pedaço de papel? — perguntou Miss Marple. Bunch abriu sua bolsa.

— Não mostrei a Julian — ela disse —, porque ele teria dito que eu deveria tê-lo entregado ao Sr. e a Sra. Eccles. Mas pensei que seria melhor trazê-lo para a senhora em vez disso.

— Um canhoto de guarda-volumes — disse Miss Marple olhando para o papel. — Estação de Paddington.

— Ele tinha uma passagem de volta para Paddington no bolso — disse Bunch.

Os olhos das duas mulheres se encontraram.

— Precisamos agir — disse Miss Marple vivamente.

— Mas seria aconselhável ter muita cautela. Você notou, minha querida Bunch, se estava sendo seguida em sua vinda para Londres esta tarde?

— Seguida! — exclamou Bunch. — A senhora não acha que...

— Bem, eu acho que é possível — disse Miss Marple.

— Quando tudo é possível nós temos que tomar precauções. — Ela se levantou num movimento rápido. — Você veio até aqui pretensamente, minha querida, para ver as liquidações. Eu acho que a coisa certa a fazer seria irmos até algumas lojas. Mas antes de começarmos, é melhor fazermos alguns ajustes. Suponho — acrescentou Miss Marple sombriamente — que não precisarei do

velho casaco de tweed com a gola de pele de castor esta tarde.

Cerca de uma hora e meia depois, as duas senhoras, muito mal vestidas e parecendo esgotadas, ambas agarradas a suados embrulhos contendo roupas de cama e mesa, sentaram-se numa pequena e isolada hospedaria chamada Galho de Maçã, para recuperar suas forças com uma torta de carne com miúdos seguida de torta de maçã e manjar.

— Com certeza são toalhas de rosto de qualidade, como as antigas — disse Miss Marple ofegante. — E têm um jota bordado. É uma alegre coincidência que a esposa de Raymond se chame Joan. Eu vou guardá-las até que sejam realmente necessárias, e elas poderão servir para Joan caso eu vá desta para melhor antes do esperado.

— Eu estava mesmo precisando de tecido isolante — disse Bunch. — E estas peças estavam muito baratas, embora não tão baratas quanto as que aquela ruiva arrancou da minha mão.

Uma mulher jovem e elegante, usando uma quantidade considerável de blush e batom, entrou no Galho de Maçã naquele instante. Depois de olhar em volta por alguns instantes de modo vago, precipitou-se até a mesa onde estavam sentadas Bunch e Miss Marple. Ela colocou um envelope sobre a mesa perto de Miss Marple.

— Aqui está, Miss — ela disse alegremente.

— Oh, obrigada, Gladys — disse Miss Marple. — Muito obrigada. Muito gentil da sua parte.

— É uma satisfação servi-la — disse Gladys. — Ernie sempre me diz, "Tudo de bom que você aprendeu foi com aquela Miss Marple para quem você trabalhou", e sem dúvida eu sempre fico feliz em ajudá-la, senhora.

— Uma moça muito simpática — disse Miss Marple enquanto Gladys se retirava. — Sempre tão disposta e tão gentil.

Ela olhou dentro do envelope e depois o passou para Bunch.

— Agora tenha muito cuidado, querida — ela disse.

— A propósito, aquele simpático inspetor ainda trabalha em Melchester?

— Não sei — disse Bunch. — Espero que sim.

— Bem, se não for este o caso — disse Miss Marple pensativamente —, posso ligar para o chefe de polícia. Acho que ele ainda deve estar lembrado de mim.

— É claro que ele vai lembrar da senhora — disse Bunch. — Qualquer pessoa se lembraria da senhora. A senhora é única — ela concluiu.

Chegando a Paddington, Bunch se dirigiu ao guichê de bagagens e apresentou o canhoto do guarda-volumes. Após alguns instantes uma velha e surrada mala foi entregue a ela, e carregando-a ela caminhou até a plataforma.

A viagem de volta para casa foi tranquila. Bunch levantou-se quando o trem se aproximou de Chipping Cleghorn e pegou a velha mala. Assim que ela desceu do vagão, um homem, correndo rapidamente ao longo da plataforma, puxou de repente a mala da mão de Bunch e saiu, disparado com ela.

— Pare! — gritou Bunch. — Detenham-no! Ele pegou a minha mala! O bilheteiro que, nessa estação rural, era um homem de reações um tanto lentas, apenas começara a dizer: "Olhe aqui, você não pode fazer isso...", quando um forte golpe no peito o empurrou para o lado, e o homem correu para fora da estação, carregando a mala. Ele foi até um carro que o esperava. Jogou a mala para dentro e estava prestes a segui-la, mas antes que pudesse se mover uma mão segurou seu ombro, e a voz do chefe de polícia Abel disse: — E então, o que está acontecendo aqui? Bunch chegou ofegante, vinda da estação.

— Ele roubou a minha mala. Eu tinha acabado de sair do trem com ela.

— Bobagem — disse o homem. — Eu não sei o que esta senhora está falando. Esta mala é minha. Eu acabo de descer do trem com ela.

Ele fitou Bunch com um olhar estúpido e imparcial. Ninguém diria que o chefe de polícia Abel e a Sra. Harmon haviam passado longos períodos, durante os intervalos de Abel, discutindo as respectivas virtudes do adubo e da farinha de ossos para as roseiras.

— A senhora afirma, dona, que a mala é sua? — disse o chefe de polícia Abel.

— Sim — disse Bunch. — Definitivamente.

— E o senhor?

— Eu digo que a mala é minha.

Era um homem alto, moreno e bem vestido, falava lentamente e agia de maneira superior. Uma voz feminina vinda de dentro do carro disse: — É claro que esta mala é sua, Edwin. Eu não sei do que esta mulher está falando.

— Vamos ter que esclarecer esta situação — disse o chefe de polícia Abel. — Se esta mala é sua, madame, diga-me o que tem dentro dela.

— Roupas — disse Bunch. — Um longo casaco de tweed com gola de pele de castor, dois blusões de lã e um par de sapatos.

— Bem, isso foi claro o suficiente — disse o policial. Ele voltou-se para o outro.

— Eu sou figurinista de teatro — disse o homem arrogantemente. — Esta mala contém objetos cenográficos que eu trouxe até aqui para uma performance amadora.

— Muito bem, senhor — disse o chefe de polícia Abel.

— Bem, vamos ter que dar uma olhada, não é? Podemos ir até a delegacia de polícia ou, se estiverem com pressa, podemos levar a mala até a estação e abri-la lá mesmo.

— Para mim está bem assim — disse o homem moreno. — A propósito, meu nome é Moss, Edwin Moss.

O chefe de polícia, carregando a mala, voltou para a estação.

— Só vou levar isto até o setor de despacho, George — ele disse ao bilheteiro.

O chefe de polícia Abel colocou a mala sobre a bancada do despacho e puxou o fecho para trás. A mala não estava chaveada. Bunch e o Sr. Edwin estavam um de cada lado do policial, seus olhos se encontrando num mesmo sentimento de vangança.

— Ah! — disse o chefe de polícia Abel, conforme puxava a tampa.

Do lado de dentro, primorosamente dobrado, estava um surrado casaco de tweed com uma gola de pele de castor. Havia também dois blusões de lã e um par de sapatos.

— Exatamente como a senhora havia dito, madame — disse o policial voltando-se para Bunch.

Ninguém podia dizer que o Sr. Edwin Moss não fazia as coisas direito. Sua consternação e remorso foram impressionantes.

— Me desculpe — ele disse. — Mil perdões. Por favor, acredite em mim, cara senhora, quando eu lhe digo que sinto muitíssimo. É imperdoável, totalmente imperdoável o meu comportamento — ele olhou para o seu relógio.

— Bem, tenho que ir agora. É provável que a minha mala tenha ido com o trem.

Levantando mais uma vez seu chapéu, ele disse docemente a Bunch: — Perdooe, senhora — e saiu apressado da sala de despacho.

— O senhor vai deixá-lo escapar? — perguntou Bunch em tom conspirador ao chefe de polícia.

O último fechou lentamente um de seus olhos bovinos numa piscadela.

— Ele não irá muito longe, dona — ele disse. — Quero dizer, ele não irá muito longe sem que seja visto, se a senhora me entende.

— Ah — disse Bunch aliviada.

— Aquela velha senhora me telefonou — disse o chefe de polícia Abel —, aquela que esteve aqui há alguns anos. Esperta ela, não é? Mas hoje teve muito movimento por aqui. E provável que o inspetor ou o sargento fale com a senhora amanhã de manhã.

Foi o inspetor quem compareceu, o inspetor Craddock, de quem Miss Marple havia se lembrado. Ele cumprimentou Bunch com um sorriso nos lábios, como um velho amigo.

— Mais um crime em Chipping Cleghorn — ele disse animadamente. — Aqui não se sente falta de emoção, não é, Sra. Harmon?

— Eu estaria satisfeita com bem menos — disse Bunch. — O senhor veio para me fazer perguntas ou para me contar alguma coisa, afinal? — Primeiro eu

vou lhe contar algumas coisas — disse o inspetor. — Para começar, o Sr. e a Sra. Eccles já estavam sendo vigiados havia algum tempo. Há suspeitas de que eles estejam envolvidos em diversos roubos na região. E mais, embora a Sra. Eccles tenha um irmão chamado Sandbourne, que recentemente voltou do exterior, o homem que a senhora encontrou agonizando na igreja ontem definitivamente não era Sandbourne.

— Eu sabia que não era ele — disse Bunch. — Para começar seu nome era Walter, e não William.

O inspetor concordou com um aceno de cabeça.

— O nome dele era Walter St. John, e ele havia fugido da prisão de Charrington 48 horas antes.

— Claro — disse Bunch baixinho para si mesma — ele estava sendo perseguido pela lei e procurou um santuário.

Então ela perguntou: — O que ele havia feito?

— Vou ter que retroceder bastante para lhe contar. É uma história complicada. Há muitos anos, havia uma certa dançarina que apresentava números num teatro de variedades. A senhora provavelmente nunca ouviu falar dela, mas ela havia se especializado numa dança de As mil e uma noites: "Aladim na Caverna das Joias", como era chamada. Ela usava alguns diamantes falsos e pouquíssima roupa. Não era uma grande dançarina, mas era, bem, atraente. De qualquer modo, um nobre asiático se apaixonou por ela. Entre outras coisas, ele a presenteou com um magnífico colar de esmeraldas.

— As históricas joias do Rajá? — murmurou Bunch extasiada.

O inspetor Craddock tossiu.

— Bem, uma versão mais moderna, Sra. Harmon. O caso não durou muito tempo. Acabou-se quando a atenção do potentado foi capturada por uma estrela de cinema cujas exigências eram bem menos modestas.

"A dançarina, vamos chamá-la de Zobeida, seu nome artístico, ficou com o colar, e este foi roubado pouco tempo depois. O colar desapareceu do seu camarim no teatro, e havia uma suspeita fundada das autoridades de que ela mesma haveria planejado o sumiço. Esse tipo de coisa era um golpe para chamar a atenção, para encobrir algo ainda mais desonesto. O colar nunca foi recuperado, mas durante o curso da investigação a atenção da polícia se voltou para esse homem, Walter St. John. Era um homem de boas maneiras e boa formação, que havia entrado em decadência e trabalhava como vendedor de joias para uma firma um tanto obscura, que era suspeita de ser receptadora de joias roubadas. Havia evidências de que este colar havia passado por suas mãos. Porém, foi só quando se pôde provar a sua ligação com outro ladrão de joias que ele foi enfim levado a julgamento e condenado à prisão. Sua pena não seria muito longa, por isso sua fuga pegou a todos de surpresa.

— Mas por que ele veio até aqui? — perguntou Bunch.

— É isso que nós queremos descobrir, Sra. Harmon. Seguindo seu rastro, parece que ele foi primeiro a Londres. Não visitou nenhum de seus antigos sócios, mas visitou uma senhora idosa, a Sra. Jacobs, que havia sido figurinista de teatro anteriormente. Ela não quis dizer uma palavra sobre o motivo de sua visita, mas de acordo com outros inquilinos da residência, ele saiu de lá carregando uma mala.

— Entendo — disse Bunch. — Ele deixou a mala no guarda-volumes em Paddington e veio até aqui.

— A essa altura — disse o inspetor Craddock —, Eccles e o homem que se apresentou como Edwin Moss já estavam em seu encaixo. Eles queriam aquela mala. Eles o viram entrar no ônibus. Devem ter vindo de carro um pouco à frente e esperado que ele saísse do ônibus.

— E então ele foi assassinado? — disse Bunch.

— Sim — disse Craddock — Ele foi baleado. O revólver era de Eccles, mas eu acho que foi Moss quem atirou. Agora, Sra. Harmon, o que queremos saber é: onde está a mala que Walter St. John de fato guardou na estação de Paddington? Bunch deu uma risada.

— Acho que já deve estar com a tia Jane — ela disse —, quero dizer, Miss Marple. Este era o plano dela. Mandou uma antiga empregada fazer uma mala com algumas coisas dela e depositá-la no guarda-volumes de Paddington. Depois, nós trocamos de recibo. Retirei a mala que a empregada havia deixado e a trouxe de trem. Miss Marple já estava prevendo que haveria alguma tentativa de tomar a mala de mim.

Foi a vez de o inspetor Craddock rir.

— Foi o que ela disse quando telefonou. Vou até Londres para vê-la. A senhora quer vir junto, Sra. Harmon?

— Bem... — disse Bunch, pensativa. — Bem... para falar a verdade, é uma grande coincidência. Eu tive uma dor de dente na noite passada, então realmente devo ir a Londres para fazer uma visita ao dentista, não devo?

— Definitivamente — disse o inspetor Craddock.. Miss Marple correu os olhos do rosto do inspetor Craddock diretamente para o rosto ávido de Bunch Harmon. A mala estava sobre a mesa.

— É claro que não a abri — disse a velha senhora. — Nunca pensaria em fazer qualquer coisa antes que chegasse alguma autoridade. Além do que — ela acrescentou com um recatado e malicioso sorriso vitoriano —, ela está trancada.

— A senhora gostaria de arriscar um palpite sobre o que tem dentro, Miss Marple?

— Imagino — disse Miss Marple — que sejam os figurinos de Zobeida. O senhor gostaria de um cinzel, inspetor? O cinzel logo cumpriu sua função. As duas mulheres deram uma leve arfada quando a tampa abriu. A luz do sol vinda da janela iluminou o que parecia um inesgotável tesouro de joias brilhantes:

vermelhas, azuis, verdes, laranjas.

— A Caverna de Aladim — disse Miss Marple. — As joias falsas que a garota usava para dançar.

— Ah! — disse o inspetor Craddock — O que há de tão precioso nisto para que um homem tenha sido assassinado em nome de sua captura?

— Ela era uma garota esperta, acredito — disse Miss Marple pensativamente. — Ela já está morta, não está, inspetor?

— Sim, morreu há três anos.

— Ela tinha um valioso colar de esmeraldas — disse Miss Marple meditativamente. — Retirou as pedras do cordão e as ajustou aqui e ali em suas fantasias de teatro, onde todos as veriam como meras pedras de vidro colorido. Então mandou fazer uma réplica do colar verdadeiro, e essa réplica, obviamente, é que foi roubada. É por isso que nunca chegou ao mercado. O ladrão logo descobriu que as pedras eram falsas.

— Tem um envelope aqui — disse Bunch, empurrando algumas pedras brilhantes.

O inspetor Craddock pegou o envelope das mãos de Bunch e tirou dele dois documentos oficiais. Leu em voz alta: — "Certidão de Casamento entre Walter Edmund St. John e Mary Moss." Esse era o verdadeiro nome de Zobeida.

— Então eles eram casados — disse Miss Marple. — Muito bem.

— O que é o outro papel? — perguntou Bunch.

— A certidão de nascimento de uma filha, Jewel.

— Jewel? — gritou Bunch. — Mas é claro. Jewel! Jill. É isso. Agora eu entendo por que ele veio para Chipping Cleghorn. É isso que ele estava tentando me dizer. Jewel. Os Sr. e a Sra. Mundy. Laburnum Cottage. Eles criam uma menininha para alguém. Eles são muito afeiçoados a ela. Eles a tratam como se fosse sua própria neta. Sim, agora eu me lembro, o nome dela era Jewel, só que, é claro, eles a chamam de Jill. A Sra. Mundy teve um derrame há mais ou menos uma semana, e o Sr. Mundy está muito doente, pneumonia. Os dois iam ter que ir para o hospital. Tenho tentado encontrar um bom lar para Jill. Não queria que ela fosse levada para uma instituição. Acho que seu pai deve ter ouvido essas notícias na prisão e dado um jeito de escapar e de pegar esta mala que ele ou a mulher havia deixado com a velha figurinista. Suponho que se as joias de fato pertenciam à mãe, elas podem ser usadas para ajudar a menina agora.

— Imagino que sim, Sra. Harmon. Se elas estiverem aqui.

— Oh, elas estarão aqui certamente — disse Miss Marple alegremente.

4

— Graças a Deus você está de volta, querida — disse o reverendo Julian

Harmon, saudando sua esposa com afeição e uma ponta de satisfação. — A Sra. Burt sempre faz o melhor que pode quando você não está, mas ela meserviu uns bolinhos de peixe muito peculiares no almoço. Eu não queria magoá-la, então os dei para o Tiglath-Pileser, mas nem ele quis comê-los, então eu tive que jogá-los pela janela.

— *Tiglath-Pileser* — disse Bunch acariciando o gato do vicariato, que estava ronronando encostado ao seu joelho — é muito seletivo em relação aos peixes que come. Sempre digo a ele que ele tem um paladar refinado!

— E o seu dente, querida? Resolveu o problema?

— Sim — disse Bunch. — Nem doeu muito, e já aproveitei para visitar a tia Jane de novo.

— Querida velhinha — disse Julian. — Espero que ela não esteja muito debilitada.

— Nem um pouco — disse Bunch com uma risada.

Na manhã seguinte Bunch levou uma leva fresca de crisântemos para a igreja. O sol estava mais uma vez vertendo pela janela leste, e Bunch parou nos degraus do altar sob a luz brilhante. Numa voz muito baixa e suave ela disse: — A sua menininha vai ficar bem. Vou cuidar para que isso aconteça. Eu prometo.

Então ela arrumou a igreja, foi até um banco e se ajoelhou por alguns momentos para fazer suas preces. Depois teria que retornar ao vicariato para enfrentar as tarefas acumuladas de dois dias de ausência.

FIM

UMA PIADA INCOMUM



— E esta — disse Jane Helier, terminando as apresentações — é Miss Marple!

Como toda atriz, conseguiu o seu intento. Aquilo era realmente o clímax, o triunfante final! O tom de sua voz era igualmente respeitoso. O estranho é que a pessoa tão efusivamente apresentada não passava de uma solteirona afável e bisbilhoteira. No olhar dos dois jovens a quem Jane, tão gentil, a tinha apresentado, havia incredulidade e uma certa decepção. Eram ambos bonitos; a moça, Charmian Stroud, morena e elegante, e o rapaz, Edward Rossiter, louro, alto e amável.

— É um prazer enorme conhecê-la — disse Charmian, um pouco ofegante. Mas lançou um rápido olhar, cheio de dúvidas, para Jane Helier.

— Querida — disse Jane, em resposta a seu olhar —, ela é uma pessoa maravilhosa. Deixe tudo por conta dela. Prometi que a traria e cumpri a promessa. — E voltando-se para Miss Marple: — Você resolverá tudo para eles, tenho certeza. Não será difícil.

Miss Marple voltou os calmos olhos azuis para Edward: — Poderia dizer-me do que se trata? — Jane é uma grande amiga nossa — disse Charmian, impaciente. — Edward e eu estamos com um problema sério. Então, Jane nos convidou para esta festa, dizendo que nos apresentaria a alguém que poderia... bem, que talvez pudesse...

— Jane nos disse que a senhora é uma excelente detetive, Miss Marple — completou Edward.

Os olhinhos da solteirona piscaram, mas ela protestou, humilde: — Não, Não! De forma alguma. É que quem mora em uma cidadezinha como essa sempre acaba conhecendo um pouco melhor a natureza humana. Mas agora

vocês me deixaram curiosa. Qual é o problema? — Acho que é algo terrivelmente corriqueiro... um tesouro enterrado — informou Edward.

— É mesmo? Isso parece muito interessante! — Pois é. Como a Ilha do Tesouro. Pena que no nosso caso falte o romantismo de costume. Não há mapas marcados com uma caveira ou um fêmur, nem indicações como "quatro passos à esquerda, a oeste pelo noroeste". É bastante prosaico o lugar onde devemos procurá-lo.

— Vocês já tentaram? — Nós cavamos cerca de dois acres. O local foi preparado para virar uma horta. Agora estamos decidindo se devemos plantar verduras ou batatas.

— Será que, realmente, devemos falar-lhe a respeito disso? — interrompeu Charmian.

— Mas é claro, minha querida! — Então, só precisamos encontrar um lugar tranquilo. Venha, Edward.

— Ela saiu da sala apinhada e sufocante de fumaça e dirigiu-se a uma saleta no segundo pavimento. Sentaram-se, e Charmian disse, de chofre: — Bom, é o seguinte. Tudo começou com tio Mathew, quer dizer, um tio de nosso avô, meu e de Edward. Ele era muito velhinho, gostava bastante de nós e sempre dizia que, quando morresse, nos deixaria todo o seu dinheiro. Tio Mathew morreu em março e deixou tudo o que tinha para ser dividido igualmente entre Edward e eu. Pode até pensar que é mentira, mas sua morte não me alegrou absolutamente. Gostava dele, de verdade. Mas já estava doente há algum tempo.

— O problema é que tudo o que ele deixou era praticamente nada. Isso, francamente, foi um choque para nós, não foi, Edward? Edward concordou, dizendo: — Sabe... nós estávamos contando com isso. Quando se espera receber uma bolada, não se faz muito esforço pra ganhá-la... de outra forma. Sou da Marinha e só tenho o meu soldo, e Charmian não possui nada. Trabalha como assistente de diretor num teatro de segunda categoria. É um trabalho interessante que ela gosta de fazer, mas não ganha quase nada. Pretendíamos nos casar e não estávamos preocupados com dinheiro porque sabíamos que, algum dia, ficaríamos bem.

— E como vê, não estamos! — disse Charmian. — E, o que é pior, Anstey's, a propriedade da nossa família, provavelmente terá que ser vendida. Edward e eu a amamos tanto! Acho que não suportaríamos isso! Se não encontrarmos o dinheiro de tio Mathew, é o que teremos de fazer.

— Charmian, ainda não tocamos no X do problema — disse Edward.

— Fale, então.

Edward encarou Miss Marple. — À medida que tio Mathew envelhecia, ia-se tornando cada vez mais desconfiado. Suspeitava de tudo e de todos.

— Muito sensato de sua parte — retrucou Miss Marple. — A ambição dos homens pode chegar a limites inacreditáveis.

— É. Tem razão. Era o que tio Mathew também pensava. Ele tinha um amigo que perdera todo o dinheiro em negociatas bancárias, e outro que fora arruinado por um advogado desonesto e ele próprio já havia perdido o dinheiro que investira em uma companhia fraudulenta. Tio Mathew ficou tão impressionado com esses acontecimentos que decidiu de uma vez por todas, transformar o dinheiro em tesouro, e enterrá-lo.

— Ah — disse Miss Marple. — Começo a compreender.

— Os amigos argumentaram com ele, fazendo-o ver que não obteria nenhum lucro desta forma, mas ele estava irredutível. Dizia que seu dinheiro deveria ser guardado em uma caixa debaixo da cama ou ser enterrado no jardim.

— E, quando morreu, deixou muito pouco em ações, apesar de ser muito rico. Por isso acreditamos que tenha, realmente, feito o que dizia — concluiu Charmian.

Edward continuou a explicação. — Descobrimos que tinha vendido algumas ações e retirado grandes somas em dinheiro, mas ninguém sabe o que fez dele. É provável que tenha agido de acordo com seus princípios, ou seja, comprado ouro e enterrado.

— Ele não disse nada antes de morrer? Não deixou nada escrito? Um documento, uma carta...? — É isso o que nos deixa loucos. Ele não deixou nada. Ficou inconsciente por alguns dias, mas voltou a si pouco antes de morrer. Olhou-nos e suspirou levemente. Depois disse: — Vocês estarão bem, meus queridos pombinhos. — Então piscou o olho direito e morreu. Pobre Tio Mathew! — Ele piscou o olho... — repetiu Miss Marple, pensativa. Edward replicou ansioso: — Isso lhe diz alguma coisa? Fez-me lembrar de uma história de Arsène Lupin. Havia alguma coisa escondida no olho de vidro de um homem. Mas tio Mathew não tinha olho de vidro.

Miss Marple abanou a cabeça. — Não... Não me ocorre nada no momento. Charmian estava desapontada. — Jane jurou que você diria logo onde deveríamos cavar. Miss Marple sorriu. — Bem, não sou mágica. Não conheci seu tio, não sei que tipo de homem era ele e não conheço nem a casa nem o solo.

— E se o conhecesse? — perguntou Charmian.

— Talvez fosse fácil dizer alguma coisa — respondeu Miss Marple.

— Ótimo — disse Charmian. — Venha conosco a Ansteys para ver o que pode fazer. É possível que Charmian não imaginasse que Miss Marple fosse levar o convite a sério; porém, ela disse logo: — É muita gentileza sua, minha querida. Sempre desejei procurar um tesouro escondido, e — continuou olhando para eles com um jeito romântico e cúmplice — ainda mais havendo amor em jogo! — Aqui estamos — disse Charmian, gesticulando vivamente. Acabavam de visitar as dependências de Ansteys. Estiveram no jardim (que mais parecia uma trincheira), andaram pelo pequeno bosque, onde, em volta de cada árvore, havia

uma escavação, e olharam tristemente para as alamedas outrora limpas e belas. Estiveram também no sótão, onde velhos baús e cômodas foram esvaziados. Entraram em porões onde lajes foram retiradas à força dos suportes. Mediram e deram tapas nas paredes e mostraram a Miss Marple todas as peças do antigo mobiliário que pudessem abrigar uma gaveta falsa.

Uma pilha de papéis jazia sobre uma mesa do escritório — todos os documentos deixados pelo finado Mathew Stroud. Nenhum fora destruído e Charmian e Edward sempre voltavam a relê-los, examinando cuidadosamente cada promissória, convite ou correspondência, na esperança de se deparar com uma pista que, até então, tivesse passado despercebida.

— Será que sobrou ainda algum lugar? — perguntou Charmian, ansiosa.

Miss Marple abanou a cabeça. — Parece que nada foi esquecido, minha querida. Talvez tudo tenha sido vasculhado demais. Sempre achei que se devia ter um plano. É como diz uma amiga minha, a Sra. Eldritch, cuja criada era especialista em polir assoalhos. Um dia ela tanto se esmerou em polir o chão do banheiro que a Sra. Eldritch, ao sair do banho, escorregou, caiu e quebrou a perna. Foi um lamentável acidente porque a porta do banheiro, como era de se esperar, estava fechada e o jardineiro teve que subir numa escada e entrar pela janela, situação muito embaraçosa para a Sra. Eldritch, uma mulher de respeito.

Edward mexia-se na cadeira impacientemente. Desculpem-me, por favor. Estou sempre me desviando do assunto. E que uma coisa lembra outra, e isso, às vezes, ajuda. O que quis dizer é que se tentássemos imaginar um lugar...

Edward interrompeu. — Pense, Miss Marple. O meu cérebro e o de Charmian não são mais capazes disso! — É claro, meu querido! É muito cansativo para vocês. Se não se importam, gostaria de examinar tudo isso — e apontou os documentos que estavam sobre a mesa. — Isto é, se não forem confidenciais. Não quero parecer bisbilhoteira.

— Esteja à vontade. Mas acho que não vai encontrar nada. Miss Marple sentou-se e começou a examinar aquele amontoado de papéis. À medida que os examinava, ia organizando-os em pequenas pilhas. Quando terminou, ficou olhando para elas por alguns minutos.

Edward perguntou, com um toque de malícia na voz: — Então, Miss Marple? Ela sobressaltou-se. — Desculpe-me. Estava distraída.

— Encontrou alguma coisa importante? — Não, não. Mas acho que descobri que tipo de pessoa era seu tio Mathew. Bem parecido com meu tio Henry — amigo de brincadeiras óbvias. Um solteirão, evidentemente, não sei bem por que, talvez uma desilusão na juventude... metódico, não gostava de se sentir preso; poucos solteirões gostam! Por trás das costas de Miss Marple, Charmian fez um sinal para Edward indicando que Miss Marple estava ficando gagá.

Miss Marple continuou a falar animadamente de seu tio Henry. —

Gostava de charadas. Algumas pessoas sentem-se mal com charadas; um simples jogo de palavras pode ser irritante. Era desconfiado também. Estava definitivamente convencido de que os criados o estavam roubando. E, às vezes, eles estavam mesmo, é claro. Isso tomou conta dele de tal maneira — pobre homem! — que, no final, desconfiava de que estivessem envenenando sua comida. Passou a só comer ovos quentes. Costumava dizer que ninguém pode envenenar um ovo quente. Querido tio Henry! Eu o conheci tão alegre... gostava tanto de um cafezinho depois do jantar... Costumava dizer: — Este café está muito frio — o que se podia traduzir por: — Quero mais um.

Edward sentiu que se ouvisse mais alguma coisa a respeito do tio Henry iria enlouquecer.

— Gostava dos jovens — continuou Miss Marple —, mas tinha certa tendência a instigá-los. Costumava colocar sacos de balas fora do alcance das crianças.

Deixando a educação de lado, Charmian disse: — Ele me parece horrível! — Ah, não, querida! Era apenas um velho solteirão não muito ligado a crianças. Até que ele não era de todo ruim. Guardava uma boa quantia em dinheiro em casa, dentro de um cofre seguro, e fazia muito alarde sobre isso. Por causa de todo o seu falatório, uma noite ladrões entraram em sua casa e arrombaram o cofre.

— Bem feito! — disse Edward.

— Ah, mas não havia nada no cofre — disse Miss Marple. — Ele guardava o dinheiro em outro lugar — atrás de algumas obras religiosas na biblioteca. Dizia que ninguém retirava um livro desse tipo da prateleira! Edward interrompeu. — É uma ideia! Que W olharmos na biblioteca? Charmian sacudiu a cabeça com desdém.

— Você acha que ainda não tinha pensado nisso? Procurei atrás de todos os livros. Foi terça-feira passada, quando você foi a Portsmouth. Tirei todos os livros das prateleiras. Sacudi-os. Nada! Edward suspirou. Depois levantou-se e tratou de livrar-se estrategicamente de sua indesejável hóspede. — Foi muito gentil de sua parte ter vindo e tentado nos ajudar. Sentimos muito desapontá-la e tomar seu precioso tempo. Vou tirar o carro e a senhora poderá apanhar o trem das 15 e 30...

-Mas... — disse Miss Marple — precisamos encontrar o dinheiro! Você não pode desistir, Edward. Se não conseguir a princípio, tente, uma, duas, três vezes, mas tente novamente! — Quer dizer que devemos continuar tentando? — Exatamente — disse Miss Marple. — Eu ainda nem comecei. "Primeiro cace sua lebre..." como ensina aquele famoso livro de receitas. Um livro maravilhoso, mas caríssimo e a maioria das receitas começa assim: "Tome meio litro de leite e uma dúzia de ovos". Mas onde é que estava mesmo? Ah, sim. Acho que nós, de alguma forma, caçamos nossa lebre, ou seja, seu tio Mathew, e só nos falta

descobrir onde ele escondeu o dinheiro. E isso deve ser bastante simples.

— Simples? — exclamou Charmian.

— Sim, querida. Estou certa de que ele teria feito o óbvio. Uma gaveta secreta, este é meu palpite.

— Ninguém poderia esconder barras de ouro em uma gaveta secreta — disse Edward, secamente.

— Não, não, é claro que não. Mas não há razão para crermos que o dinheiro esteja em ouro.

— Mas ele sempre dizia...

— Meu tio Henry também. Lembra-se do cofre? Eis por que acredito que aquilo fosse uma pista falsa. Diamantes, por exemplo, poderiam estar em uma gaveta secreta.

— Mas nós procuramos em todas as gavetas secretas! Clamamos um carpinteiro para examinar a mobília.

— Verdade? Você é esperta. Eu sugeriria... a gaveta da escrivadinha de seu tio. É aquela ali, perto da parede? — É. Vou mostrar. — Charmian foi até ela. Retirou a tampa. Dentro dela havia caixilhos e pequenas gavetas. Abriu uma portinhola central e tocou uma mola por dentro da gaveta da esquerda. O fundo da parte central soltou-se. Charmian retirou-o, revelando uma cavidade vazia.

— Isso não é uma coincidência? — exclamou Miss Marple. — Tio Henry tinha uma escrivadinha semelhante a esta; apenas a madeira era diferente.

— De qualquer forma — disse Charmian —, não há nada lá, como se pode ver.

— Acredito — disse Miss Marple — que o carpinteiro fosse muito jovem para conhecer tudo a respeito de sua profissão. Antigamente, os carpinteiros eram mais engenhosos quando fabricavam esses esconderijos. Há segredos dentro de segredos.

Ela apanhou um grampo do coque dos cabelos grisalhos e impecáveis; espetou em um orifício quase imperceptível, que havia num dos lados do segredo. Com um certo esforço, puxou uma gavetinha dentro da qual se via um maço de cartas amareladas e um papel dobrado.

Edward e Charmian debruçaram-se sobre o achado, ao mesmo tempo.

Com os dedos trêmulos, Edward desdobrou o papel para logo deixá-lo cair com um grito de decepção.

— Uma receita! Presunto ao forno. Enquanto isso, Charmian desatava a fita do maço de cartas. Escolheu uma e leu-a rapidamente. — Cartas de amor! Miss Marple exclamou romanticamente: — Que lindo! Talvez esteja aí a razão por que seu tio nunca se casou. Charmian lia:

— *"Meu querido Mathew: Devo confessar que parece ter passado muito tempo desde que recebi sua última carta. Tento ocupar-me com minhas tarefas e sempre penso que sou mesmo muito feliz por ter a oportunidade de conhecer o*

mundo e que nunca poderia imaginar que viajaria tanto por essas ilhas, desde que cheguei à América”.

Charmian interrompeu bruscamente a leitura: — De onde é esta carta? Do Havai! — E prosseguiu:

“Por incrível que pareça, esses nativos são mesmo de um primitivismo incrível. Não se vestem, são selvagens e passam a maior parte do tempo nadando, dançando e adornando-se com guirlandas de flores. O pastor Gray já fez algumas conversões, mas o trabalho é quase sempre inútil, e tanto ele quanto sua esposa estão muito desmotivados. Tenho feito o que posso para encorajá-los, mas também às vezes me sinto triste por um motivo que você conhece, meu querido. A distância é uma prova muito severa para um coração apaixonado. As suas sinceras manifestações de carinho e afeto animaram-me muito. Agora e sempre você é dono de meu devoto e fiel coração, querido Mathew. Seu verdadeiro amor, Betty Martin.

P.S. — Esta está endereçada à nossa amiga Matilda Graves, como sempre. Espero que Deus me perdoe este pequeno subterfúgio.”

Edward assoviou. — Uma missionária! Eis o romance de Tio Mathew! Por que será que nunca se casaram?

— Ela parece ter viajado pelo mundo inteiro — disse Charmian, examinando o resto das cartas. — Maurítânia, toda espécie de lugares. Provavelmente morreu de febre amarela ou coisa parecida.

Um leve suspiro chamou-lhes a atenção. Miss Marple estava muito intrigada. — Muito bem — disse ela. — Vejam isto agora.

Ela lia a receita de presunto ao forno. Sentindo seus olhares inquiridores, começou a ler em voz alta: "Presunto ao forno com espinafre.

Tome um bom pedaço de presunto defumado, recheie com cravo-da-índia e cubra com açúcar mascavo. Assem em forno morno e sirva com purê de espinafre". O que acham disso?

— Que estranho — disse Edward.

— Não, talvez fosse até gostoso. Mas o que acham disso tudo? De repente o rosto de Edward iluminou-se. — Acha que isso pode ser um código? — Apanhou o papel. — Olhe, Charmian. É evidente! Por qual outro motivo ele guardaria esta receita numa gaveta secreta?

— Exatamente — disse Miss Marple. — Isto é muito significativo.

— Quem sabe não é o truque da tinta invisível? Vamos aquecer o papel. Acenda o fogo — disse Charmian.

Edward assim o fez mas não havia sinal de tinta invisível.

Miss Marple pigarreou. — Realmente acho que vocês estão tornando tudo muito difícil. A receita deve ser apenas uma pista. As cartas é que devem ser importantes.

— As cartas? — Sim, especialmente a assinatura. Mas Edward nem a ouviu. Gritava, animado: — Charmian, venha cá! Ela está certa! Veja, os envelopes são antigos, sim. mas as cartas foram escritas há pouco tempo.

— Exatamente — disse Miss Marple.

— Elas foram envelhecidas. Aposto como foi o próprio tio Mat quem as envelheceu!

— Exatamente — repetiu Miss Marple.

— Tudo deve ser código. Nunca houve missionária alguma!

— Minhas queridas crianças! Não há razão para dificultar as brincadeiras. Realmente um homem muito simples. Quis apenas brincar.

Pela primeira vez os dois jovens deram total atenção a Miss Marple.

— O que quer dizer com isso, Miss Marple? — perguntou Charmian.

— Quero dizer, querida, que você tem o dinheiro em suas mãos neste momento.

Charmian fitou as próprias mãos.

— A assinatura, querida! É a chave de tudo. A receita é apenas uma pista. Cravos-da-índia, açúcar mascavo e tudo o mais, o que significa? Ora, presunto e espinafre. Presunto e espinafre! Significam... nada! Está claro, então, que as cartas, sim, são importantes. Principalmente se levarmos em consideração tudo o que seu tio fez pouco antes de morrer. Ele piscou o olho, não foi o que disse? Muito bem. Eis a pista!

— Quem está louco aqui, nós ou a senhora? — perguntou Charmian.

— Sem dúvida, minha querida, você já deve ter ouvido uma expressão que indica que alguma coisa não é o que parece, ou será que já não é mais usada? Numa situação como esta costumava-se dizer: "um piscar de olhos e Betty Martin".

Edward ficou sem ação. Seus olhos estavam fixos no papel que tinha nas mãos. — Betty Martin...

— É claro, Edward. Como você mesmo disse, não existe ou não existiram tais pessoas. As cartas foram escritas por seu tio e acredito que ele se tenha divertido muito com isso. Os envelopes são bem mais antigos; não poderiam pertencer às cartas porque o selo postal data de 1851.

Ela estacou e repetiu bem devagar. — 1851. Isso explica tudo, não?

— Não para mim — disse Edward.

— Claro! — exclamou Miss Marple. — Também não faria sentido para mim se não fosse meu sobrinho-neto, Lionel. Um menino maravilhoso e um apaixonado filatelista. Sabe tudo sobre selos. Foi ele quem me contou a respeito de um tipo de selo raro e valiosíssimo. Um deles foi achado recentemente e leiloado. Era um selo de dois centavos, datado de 1851. Foi arrebataado por 25.000 libras, se bem me lembro. Imagino que os outros selos também devam ser raros e valiosos. Sem dúvida seu tio os comprou através de intermediários e tomou todo

cuidado para não deixar pistas, como se diz nas histórias policiais.

Edward resmungou alguma coisa, sentou-se e escondeu o rosto nas mãos.

— O que houve? — perguntou Charmian.

— Nada. Apenas um mau pensamento. Se não fosse por Miss Marple, nós teríamos queimado essas cartas sem dar-lhes maior atenção.

— Ah! É isso que esses velhinhos espirituosos nunca imaginam. Meu tio Henry, por exemplo, certo Natal enviou uma nota de cinco libras para sua sobrinha favorita. Colocou a nota dentro de um cartão de Boas Festas, fechou-o e escreveu: "Todo o meu amor e votos de felicidades. Sinto só poder enviar-lhe isso este ano".

— A moça, desiludida com a mensagem, atirou o cartão na lareira sem ao menos abri-lo. E ele acabou tendo que enviar-lhe outra nota.

A impressão de Edward a respeito de tio Henry sofreu uma completa transformação.

— Miss Marple — disse ele — vou abrir uma garrafa de champanha. Vamos beber à saúde de seu tio Henry.

FIM

O CASO DA FITA MÉTRICA



Politt segurou a argola da porta e bateu levemente. Após alguns segundos, tornou a bater. O embrulho que trazia no braço esquerdo ameaçou cair, e ela voltou a arrumá-lo. Este continha o vestido verde da Sra. Spenlow, que ela havia acabado de aprontar. Na mão esquerda, Politt carregava uma sacola de seda preta com uma fita métrica, uma almofada de alfinetes e uma tesoura.

Politt era alta e esquelética; possuía nariz e lábios finos, cabelos ralos e acobreados. Ela hesitou um pouco antes de bater pela terceira vez. Lançou os olhos pela rua e viu alguém que se aproximava a passos largos. Era a Srta. Hartnell — vinte e cinco anos, alegre, um tanto envelhecida — que cumprimentou-a com sua voz de contralto: — Boa tarde, Politt!

— Boa tarde, Srta. Hartnell — respondeu a costureira. Sua voz era excessivamente fina, e o sotaque um pouco afetado. Seu primeiro trabalho tinha sido como dama de companhia de uma senhora.

— Por favor — continuou Politt —, sabe dizer se a Sra. Spenlow está em casa?

— Não faço a menor ideia — retrucou a Srta. Hartnell.

— Não sei o que fazer. Combinamos que hoje, às três e meia, ela experimentaria o vestido novo — disse Politt. A Srta. Hartnell consultou o relógio: — Já passa um pouco das três e meia.

— É. Eu já bati três vezes, mas ninguém atendeu. Acho que a Sra. Spenlow precisou sair e esqueceu o combinado. É estranho, porque ela não tem o hábito de esquecer seus compromissos e ainda mais que ela precisa do vestido para depois de amanhã.

A Srta. Hartnell abriu o portão e aproximou-se de Politt.

— Por que será que Gladys não abre a porta? — perguntou. — Ah, já sei! Hoje é quinta-feira e ela está de folga. Provavelmente a Sra. Spenlow está

dormindo. Creio que você não bateu o suficiente.

Dizendo isso, agarrou a argola e bateu violentamente na porta. Não satisfeita, bateu também com toda força nas almofadas da porta e gritou: — O de casa! Há alguém aí? Não houve resposta.

Politt murmurou: — Acho mesmo que ela esqueceu e saiu. Eu volto outra hora. — E dirigiu-se para a saída.

— Tolicie! — disse a Srta. Hartnell com firmeza. — Ela não pode ter saído. Encontrei-me com ela ainda há pouco. Vou olhar pela janela, e ver se ela dá algum sinal de vida.

Ela soltou uma risada para indicar que era brincadeira, e olhou, sem muito interesse, pela veneziana da janela mais próxima. — Digo sem muito interesse porque ela sabia que a sala da frente raramente era usada. O casal preferia a saleta dos fundos. Mesmo desinteressado, o olhar da Srta. Hartnell encontrou o que procurada. De fato, a Sra. Spenlow não deu sinal de vida, mas de morte, caída sobre o tapete ao lado da lareira.

— Sem dúvida — disse a Srta. Hartnell ao relatar o que se passara. — Eu tive que me controlar. Politt não saberia o que fazer. Disse-lhe que precisávamos manter a calma: ela ficaria lá e eu iria falar com o Investigador Palk. Ela disse que não queria ficar sozinha, mas não dei atenção. Era preciso ser firme com ela. Sempre achei que esse tipo de pessoa gostava de criar problemas. Assim eu já estava de saída quando o Sr. Spenlow surgiu de um dos lados da casa.

Neste ponto, a Srta. Hartnell fez uma pausa significativa que levou as pessoas que a ouviam a perguntar: — Como estava ele? A Srta. Hartnell prosseguiu: — Sinceramente, eu suspeitei dele imediatamente. Estava calmo demais. Não parecia nem um pouco surpreso, e não creio que seja natural um homem saber que a esposa está morta e não demonstrar o menor sinal de emoção.

Todos concordaram.

A polícia também concordou. Tão desconfiados estavam do alheamento do Sr. Spenlow que nem perderam tempo em verificar em que situação ele ficara com a morte da mulher. Quando descobriram que ela era rica e que com sua morte o marido seria o único herdeiro, de acordo com um testamento feito pouco depois do casamento, as suspeitas aumentaram ainda mais.

Miss Marple, a doce — e, alguns diziam, um tanto maldizente velhinha que morava ao lado da igreja, foi chamada a depor cerca de meia hora após a descoberta do crime. Foi interrogada pelo Investigador Palk, que folheava um livro com ar de importante.

Se não se importa, senhora, gostaria de fazer-lhe algumas perguntas.

— A respeito da morte da Sra. Spenlow? — disse Miss Marple. Palk ficou surpreso. — Desculpe, senhora, mas como soube disso?

— Um passarinho me contou... — disse Miss Marple.

Palk compreendeu logo a resposta. Provavelmente o filho do dono da pensão ter-lhe-ia contado, quando foi levar-lhe o jantar. Miss Marple prosseguiu calmamente: — Deitada no chão da sala de estar, estrangulada — talvez com um cinto bastante estreito. Mas, com o que quer que tenha sido, já não estava lá. Palk estava intrigado... Como é que o pequeno Fred sabe disso?... Miss Marple interrompeu o investigador: — Há um alfinete no seu paletó.

Palk não esperava o comentário, mas não perdeu a calma.

— Como diz o velho ditado, encontre um alfinete em sua roupa, retire-o e terá sorte o resto do dia.

— Espero que seja verdade. Mas... o que deseja saber?

Palk pigarreou, esticou os ombros e consultou seu livro: — De acordo com o que ouvi do Sr. Spenlow, marido da finada, às duas e meia ele atendeu a um telefonema de Miss Marple, que lhe perguntou se ele poderia ir até sua casa por volta das três e quinze, porque ela precisava muito falar com ele. Isto é verdade?

— Evidente que não! — disse Miss Marple.

— A senhora não telefonou para o Sr. Spenlow às duas e meia?

— Nem às duas e meia e nem em qualquer outra hora.

— Ah! — fez o investigador, passando a mão pelo bigode com grande satisfação.

— Que mais disse o Sr. Spenlow?

— Disse que veio até aqui, como lhe fora solicitado, tendo deixado sua casa às três e dez. Chegando aqui, foi informado pela criada de que Miss Marple não se encontrava em casa.

— Isso é verdade — disse Miss Marple. — Ele esteve aqui, mas eu estava numa reunião da Sociedade Feminina.

— Ah! — fez novamente o investigador.

— Diga-me, Sr. Palk suspeita do Sr. Spenlow? — Ainda é cedo para dizer, mas... é como se alguém, sem querer citar nomes, tivesse sido... bastante engenhoso. Miss Marple disse quase que para si mesma: — O Sr. Spenlow? Ela gostava do Sr. Spenlow. Ele era baixo, magro, rígido e convencional — o máximo em respeitabilidade. Era estranho que ele tivesse vindo morar no interior, pois vivera a maior parte da sua vida na cidade. A Miss Marple ele contou por quê: — Sempre pretendi, desde criança, ir viver no campo um dia, e cultivar um jardim. Sempre adorei flores. Minha esposa tinha uma floricultura. Foi lá que a conheci.

Esta frase, aparentemente seca, deixava entrever todo um romance. A Sra. Spenlow, jovem e bonita, rodeada de flores.

O Sr. Spenlow, entretanto, nada sabia a respeito de flores. Não entendia de sementes, de podas, de canteiros, de temporadas. Vislumbrava apenas a imagem de um jardimzinho em uma pequena casa de campo, repleto de flores perfumadas e coloridas. Havia pedido a Miss Marple algumas informações, e anotado todas elas cuidadosamente em um caderninho.

Era um homem metódico. Talvez por causa disso a polícia tenha se interessado tanto por ele quando sua esposa foi encontrada morta. Com paciência e perseverança, os homens da lei aprenderam muito a respeito da Sra. Spenlow — e logo toda a cidade de St. Mary Mead também.

A Sra. Spenlow começou a vida como criada em uma mansão. Deixou o emprego para casar-se com o jardineiro, e com ele montar uma floricultura em Londres. O negócio prosperou, mas o jardineiro, que há muito andava doente, morreu pouco depois. A viúva deu continuidade ao negócio, aumentou o e fê-lo prosperar. Depois, vendeu-o por um bom preço e casou-se pela segunda vez — com o Sr. Spenlow, um joalheiro de meia-idade, que havia herdado uma pequena loja que não dava lucros. Algum tempo depois, venderam a joalheria e foram morar em St. Mary Mead.

A Sra. Spenlow tinha uma boa situação. Os lucros provenientes da venda da floricultura tinham sido investidos, sob orientação espiritual, como ela fazia questão de explicar. Os espíritos tinham-na aconselhado com surpreendente sagacidade. Todos os seus investimentos prosperaram, alguns de forma inesperada. Ao invés desse fato aumentar a sua crença no espiritualismo, o casal Spenlow praticamente abandonou os médiuns para envolver-se completamente com uma seita de inspiração hindu. Entretanto, quando a Sra. Spenlow chegou a St. Mary Mead, voltou-se por um certo tempo para a igreja ortodoxa inglesa. Estava sempre na paróquia, e ia aos cultos regularmente. Patrocinava obras sociais da cidade, interessava-se pelos acontecimentos do local e jogava bridge. Levava uma vida rotineira. E, de repente, foi assassinada.

Coronel Melchett, o delgado, chamou o Inspetor Slack Slack um homem firme. Uma vez tendo formado uma opinião, tinha realmente certeza do que dizia; e desta vez já tinha vaticinado: — Foi o marido! — Você acha mesmo? — Acho. Basta olhar para ele. Culpado dos pés à cabeça. Nunca demonstrou o menor sinal de pesar ou emoção. Voltou à casa sabendo que ela estava morta.

— Não acha que ele poderia ter representado o papel de marido desesperado? — Ele não faria isso. Está muito contente. Há pessoas que não sabem fingir. São insensíveis demais.

— Havia alguma outra mulher em sua vida? — perguntou o Coronel Melchett.

— Não descobri nada a respeito. Ele é esperto. Evidentemente deve ter encoberto suas pistas. Acho que ele simplesmente estava farto de sua esposa. Ela tinha dinheiro, e creio que devia ser mesmo horrível viver com ela — sempre falando de religião. Então, decidiu livrar-se dela e viver confortavelmente sozinho.

— Isso pode muito bem ter acontecido.

— Foi o que aconteceu. Planejou tudo com cuidado. Fingiu receber um telefonema... Melchett interrompeu-o: — Fingiu? — Sim. E isso também quer

dizer que ele mentiu ou que aquela chamada foi feita de um telefone público. Os únicos telefones públicos da cidade são o da estação e o do correio. Do correio não pode ter sido. A Srta. Blade vê todas as pessoas que entram lá. Da estação, sim. Há um trem que chega às duas e vinte e sete, e sempre se forma um certo tumulto. O principal é que ele disse que Miss Marple telefonou para ele e isso certamente não é verdade. A chamada não partiu de sua casa. Ela própria estava na Sociedade Feminina.

— Você não está considerando a possibilidade de o marido ter sido deliberadamente afastado da casa por alguém que desejasse assassinar a Sra. Spenlow, está? — O senhor está pensando em Ted Gerard, eu sei. Já investiguei isso também. Não creio nessa possibilidade. Ele não ganharia nada com isso.

— Mas ele não presta. Já deu um desfalque uma vez.

— Não estou dizendo que ele preste, e sim que, de uma forma ou de outra, ele restituiu o dinheiro daquele desfalque. Seus chefes é que não tiveram bom senso.

— E está ligado ao tal Grupo Oxford — disse Melchett.

— Mas arrependeu-se e fez tudo o que pôde para emendar-se. Admito que ele tenha sido astuto. Devia saber que suspeitavam dele e resolveu bancar o penitente.

— Você é um céptico, Slack — disse o Coronel.

— Já falou com Miss Marple? — E o que ela tem com isso? — Nada. Mas ela sabe de tudo o que acontece na cidade. Por que não bate um papo com ela? E uma velhinha bastante esperta. Slack mudou de assunto: — Gostaria de perguntar-lhe uma coisa: aquele primeiro emprego da falecida — a casa do Sr. Robert Abercrombie... Não foi lá que houve um roubo de joias? Esmeraldas... Uma fortuna. Os ladrões nunca foram apanhados. Estive investigando isso. Deve ter acontecido quando a Sra. Spenlow ainda trabalhava lá, embora ela fosse quase uma menina na época. Ela não poderia estar metida nisso? Spenlow era um desses joalheiros pobretões — a pessoa indicada para isso.

Melchett abanou a cabeça: — Não acredito nisso. Ela nem conhecia Spenlow naquela época. Lembro-me bem do caso. Na polícia, era voz corrente que um dos filhos de Abercrombie, Jim, estava envolvido no caso. Um perdulário! Nadava em dívidas e, logo depois do roubo, elas foram saldadas. Disseram que fora ajudado por uma mulher muito rica, mas eu não me convenci. Principalmente porque o velho Robert tentou afastar a polícia do caso.

— Foi apenas uma ideia — disse Slack.

Miss Marple recebeu o Inspetor Slack com alegria, principalmente quando soube que ele tinha sido enviado pelo Coronel Melchett.

— Foi uma gentileza do Coronel. Não sabia que ele se lembrava de mim.

— É claro que se lembra. Contou-me que aquilo que a senhora não sabe a respeito de St. Mary Mead não vale a pena procurar saber...

— Ele é realmente muito gentil, mas eu não sei mesmo nada a respeito desse assassinato. A senhora sabe como se comenta sobre isso.

— Sim, claro! Mas de que adiantaria ficar repetindo fofocas? Slack tentou ser esperto: — Isto não é um interrogatório. É uma conversa informal.

— Quer mesmo saber o que as pessoas estão dizendo, e se é verdade ou não? — Isso mesmo! — Bem, as pessoas sempre exageram muito as coisas. Além disso, há duas correntes de opinião: uma acredita que foi o marido. O companheiro é, de uma forma ou de outra, a primeira pessoa de quem se desconfia, não é mesmo? — Pode ser — disse o inspetor, com cautela.

— Há também o lado financeiro. Soube que o dinheiro que possuíam era dela e que o Sr. Spenlow seria beneficiado com sua morte. Neste mundo corrompido, as piores maldades acabam tendo justificativa.

— Ele ficou com uma soma respeitável.

— Exatamente. Seria plausível que ele a tivesse estrangulado, deixado a casa pelos fundos, vindo pelo campo até minha casa, perguntado por mim, fingindo ter recebido um telefonema e voltado para casa, encontrando a esposa assassinada. Esperava, por certo, que o crime fosse atribuído a algum vagabundo ou ladrão.

O inspetor concordou: — E o dinheiro? Eles poderiam não estar se entendendo bem ultimamente. Miss Marple não o deixou continuar: — Eles se entendiam muito bem! — Como pode estar tão certa? — Todos saberiam se eles brigassem! A criada, Gladys, teria espalhado o fato por toda a cidade. O inspetor murmurou entre os dentes: — Ela provavelmente não sabia... — e recebeu um olhar descrente como resposta. Miss Marple prosseguiu: — Há quem diga que foi Ted Gerard — um rapaz bem apessoado. Acho que o senhor sabe, a aparência às vezes influencia mais do que deve. Lembra-se do último vigário que tivemos? Foi um achado! Todas as moças compareciam à igreja, de manhã à noite, e muitas senhoras tornaram-se anormalmente diligentes no trabalho da paróquia. Isto sem contar os casacos e os cachecóis que faziam para ele. Muito embaraçoso para o rapaz!

— Mas, o que eu estava dizendo? Ah, sim! Esse tal Ted Gerard... Têm falado nele. Vinha vê-la com frequência, embora a própria Sra. Spenlow tenha dito que ele era membro do tal Grupo Oxford — um movimento religioso. São bastante sinceros e fervorosos e a Sra. Spenlow estava muito impressionada com isso.

Miss Marple fez uma pausa e continuou: — Eu estou convencida de que não havia nada além disso, mas sabe como é o povo. Muita gente acha que a senhora Spenlow estava encantada com o rapaz e que lhe havia emprestado uma soma considerável. Além disso, ele foi visto na estação naquele dia, saltando do trem das duas e vinte e sete. Mas é claro que seria mais fácil para ele pular para o outro lado da linha, entrar pelo atalho, saltar a cerca e contornar a sebe, sem

passar pela estação. Assim, evitaria ser visto a caminho do sítio. E, logicamente, a roupa que a Sra. Spenlow estava usando era um tanto... imprópria.

— Imprópria?

— Um quimono, e não um vestido. — Miss Marple enrubesceu. — Esse tipo de coisas não deixa de ser sugestivo para algumas pessoas.

— A senhora também acha?

— Não, não. Eu não acho! Para mim, isso é perfeitamente normal.

— A senhora acha normal?

— De acordo com as circunstâncias, sim. — O olhar de Miss Marple era frio e pensativo.

O Inspetor Slack disse: — Isso poderia ser mais uma prova contra o marido: ciúme.

— Não creio. O Sr. Spenlow nunca seria ciumento. Não é do tipo observador. Se sua esposa o tivesse abandonado e deixado um bilhete de despedida, esta seria a primeira vez que ele pensaria no assunto. — O Inspetor Slack estava intrigado com a maneira decidida pela qual ela o olhava. Tinha a impressão de que a conversa tinha por objetivo tocar em algum ponto que ele ainda não havia captado. Ela disse com firmeza: — O senhor não tem nenhuma pista, inspetor? — Ninguém deixa pegadas ou pontas de cigarro hoje em dia, Miss Marple.

— Mas esse eu tenho a impressão de ter sido um crime à antiga — sugeriu ela.

Slack retrucou: — O que quer dizer com isso? Miss Marple respondeu calmamente: — Acho que o Investigador Palk poderá ajudá-lo. Ele foi a primeira pessoa a chegar ao local do crime, como se costuma dizer.

O Sr. Spenlow estava sentado em sua espreguiçadeira. Parecia perplexo. Após algum tempo, disse, com um fio de voz: — Posso imaginar o que ocorreu. Já não escuto tão bem quanto escutava antes, mas ouvi distintamente um garotinho dizer na rua: "Quem é o assassino?" Isso... Isso me deu a impressão de que ele estava querendo dizer que eu matei minha querida esposa.

Miss Marple, despetalando delicadamente uma rosa, disse: — Essa era a impressão que ele queria dar, sem dúvida.

— Mas o que poderia ter sugerido essa ideia a um menino? Miss Marple pigarreou: — Sem dúvida, a opinião dos pais.

— A senhora realmente acredita que outras pessoas pensem assim? — Quase a metade do povo de St. Mary Mead.

— Mas, minha senhora, o que poderia ter dado ensejo a essa suposição? Eu gostava muito da minha esposa. De fato, ela não se adaptou tão bem à vida no campo quanto eu gostaria, mas ninguém pode concordar em tudo. Isso é um ideal impossível. Asseguro-lhe que senti muito perdê-la.

— E provável. Mas, se o senhor me desculpar a indiscrição, não parece.

O Sr. Spenlow ergueu-se e disse: — Minha senhora há alguns anos li que um filósofo chinês, quando perdeu sua esposa, continuou calmamente a tocar um gongo pela rua — um costume chinês, eu acho — como se nada houvesse acontecido. O povo da cidade ficou muito impressionado com isso.

— Mas — disse Miss Marple — o povo de St. Mary Mead reage de maneira um pouco diferente. A filosofia chinesa não tem muito prestígio por aqui.

— E a senhora? Entende?

Miss Marple fez que sim: — Meu tio Henry — explicou — possuía um autocontrole fora do comum. Seu lema era nunca demonstrar emoção e também gostava muito de flores.

— Eu estava pensando — disse o Sr. Spenlow com certo entusiasmo — que poderia cultivar ramadas no lado oeste do sítio. Rosas vermelhas e glicínias também. E há um tipo de flor estrelada, cujo nome não me lembro agora e que...

Usando o mesmo tom com que falava com seu sobrinho-neto de três anos, Miss Marple disse: — Tenho um catálogo de flores ilustrado, que é muito interessante. Gostaria de dar uma olhada? Preciso ir até à cidade.

Deixando o Sr. Spenlow no jardim a examinar o catálogo, Miss Marple subiu até seu quarto, embrulhou rapidamente um vestido num pedaço de papel pardo e saiu em direção ao correio. A Srta. Politt, a costureira, morava num pequeno apartamento, no segundo andar do edifício.

Todavia, Miss Marple não subiu imediatamente até lá. Eram duas e trinta, e uma perua estacionou na porta do correio. Isso acontecia todos os dias em St. Mary Mead. A funcionária do correio andava de um lado para outro, despachando pacotes, porque, além de cuidar do correio, ela vendia balas, livros de bolso e brinquedos.

Por alguns minutos, Miss Marple viu-se sozinha nas dependências do correio.

Antes que a funcionária retornasse, Miss Marple subiu até o apartamento da Srta. Politt e explicou que gostaria de reformar seu vestido cinza — torná-lo um pouco mais moderno, se fosse possível. A Srta. Politt disse que ia ver o que podia fazer.

O delegado ficou surpreso quando soube que Miss Marple desejava vê-lo. Ela entrou na sala e foi logo pedindo desculpas: — Desculpe incomodá-lo. Eu sei que o senhor é um homem muito ocupado, mas tem sido sempre tão atencioso, que eu preferi vir falar diretamente com o senhor ao invés de procurar o Inspetor Slack. Eu não gostaria de criar problemas para o Investigador Palk. Quero dizer: acho que ele não deveria cuidar desse caso.

O Coronel Melchett olhou-a espantado: — Palk? Mas ele é o investigador de St. Mary Mead! O que foi que ele fez?

— O senhor não se lembra? Havia um alfinete no seu paletó no dia do

crime. Ocorreu-me que o alfinete poderia ter ido parar lá porque ele estivera na casa da Sra. Spenlow.

— É possível. Mas, afinal, o que representa um alfinete? Ele pode ter ficado preso na roupa dele quando ele estava examinando o corpo. Ele veio aqui ontem e contou isso a Slack. Acredito que ele o tenha feito falar. Não deveria ter agido assim, é claro, mas como eu já disse, o que pode representar um alfinete? Era um alfinete comum — o tipo da coisa que qualquer mulher usa.

— Não, não, Coronel Melchett. Aí é que o senhor está enganado. Um homem não saberia distinguir um alfinete comum de um especial, e aquele era especial, muito fino, geralmente usado por costureiras.

Melchett ficou paralisado. Aos poucos, parecia ir compreendendo tudo. Miss Marple sacudia a cabeça veementemente.

— Mas é claro! Para mim está claro como água! A Sra. Spenlow estava usando um quimono porque ia experimentar um vestido novo. Ela foi até a sala de estar e a Srta. Politt disse alguma coisa a respeito de tirar medidas e colocou a fita métrica em torno do seu pescoço. Depois, foi só puxar a fita. Fácil, não parece? Então ela saiu e ficou do lado de fora batendo a porta como se tivesse acabado de chegar. O alfinete prova, no entanto, que ela já havia estado lá.

— E foi Politt quem telefonou para Spenlow?

— Sim. Do Correio, às duas e meia. Exatamente na hora em que a perua chega e o local fica vazio.

— Minha cara Miss Marple, por que motivo ela faria isso? Por Deus! Não se pode assassinar alguém sem motivo.

— Eu acho, Coronel, que isso é uma velha história. Fez-me lembrar meus dois irmãos: Anthony e Gordon. Tudo o que Anthony fazia dava certo, o que não acontecia com Gordon. Cavalos adoeciam, a lavoura não progredia e a propriedade ia cada vez pior. Acho que isso deve ter acontecido com as duas mulheres. Elas devem ter trabalhado juntas no passado.

— Em quê?

— No roubo. Há muito tempo. Eram esmeraldas valiosíssimas, pelo que eu sei. A dama de companhia e a criada. Porque... uma coisa não está clara. Como a criada casou-se com o jardineiro e logo montou uma floricultura? Logicamente, com a sua parte do roubo. No final tudo deu certo. O dinheiro foi bem aplicado — rendeu. Mas a outra moça não deve ter sido bem-sucedida e acabou se tornando apenas uma costureira de cidade do interior. Aí novamente se encontraram. Tudo parecia ir bem até Gerard aparecer. A Sra. Spenlow tinha crises de remorso, tornara-se fervorosamente religiosa. O rapaz, sem dúvida, instigava-a a purificar-se, e não duvido que ela própria estivesse realmente inclinada a fazê-lo. Miss Politt, porém, não pensava assim. Começou a achar que poderia ir para a cadeia por um roubo que praticara há muito tempo e resolveu acabar com a Sra. Spenlow. Acredito que ela sempre tenha sido um pouco fraca.

Provavelmente não moveria uma palha se o Sr. Spenlow fosse incriminado. O Coronel Melchett disse bem devagar: — Há um dado da sua hipótese que podemos verificar: o fato de a dama de companhia dos Abercrombie e a Srta. Politt serem a mesma pessoa, mas...

Miss Marple insistiu: — Não será difícil. Ela é o tipo da mulher que confessará tudo no momento em que for acusada. Além disso... ontem eu apanhei sua fita métrica quando fui experimentar uma roupa. Ela vai dar falta do objeto e pensar que poderá ir parar nas mãos da polícia. É uma pessoa ignorante e pensará que isso é uma prova decisiva contra ela.

Miss Marple sorriu encorajando-o: — O senhor não terá trabalho, pode estar certo.

Falou como lhe falara sua tia, dando-lhe certeza de que passaria na prova para a Academia de Polícia.

E ele passou.

FIM

O CASO DA ZELADORA



— Bem — indagou o doutor Haydock a sua paciente —, como é que vamos hoje?

Miss Marple, recostada em seus travesseiros, deu-lhe um sorriso sem emoção.

— Sinceramente, acho que estou melhor, mas sinto-me tão deprimida! Acho que melhor seria se tivesse morrido. Sou uma mulher velha. Ninguém me quer ou se preocupa comigo.

O doutor Haydock interrompeu-a com sua habitual aspereza. — Sim, sim, típica reação posterior a este tipo de gripe. A senhora está precisando de um pouco de distração, de um tônico mental.

Miss Marple suspirou e balançou a cabeça.

— E mais — continuou o doutor Haydock —, eu trouxe este remédio comigo!

Ele jogou um envelope grande sobre a cama.

— Feito sob encomenda para a senhora. A espécie de quebra-cabeça que a senhora aprecia.

— Quebra-cabeça? — Miss Marple pareceu interessada.

— Um esforço literário meu — respondeu o médico, levemente ruborizado. — Tentei fazer uma história bem exata: "Ele disse", "ela disse", "a moça pensou" etc. Os fatos da história são reais.

— Mas por que um quebra-cabeça? — perguntou Miss Marple. O doutor Haydock sorriu. — Porque a interpretação fica a seu cargo. Quero ver se a senhora é tão esperta como parece.

Com esta observação, retirou-se.

Miss Marple pegou o manuscrito e começou a ler:

“— E onde está a noiva? — perguntou Miss Harmon alegremente”.

Toda a aldeia estava ansiosa para ver a jovem rica e bela esposa que Harry Laxton trouxera do exterior. Havia um alegre consenso generalizado de que Harry — o jovem mau elemento — tivera uma grande sorte. Todos sempre foram muito tolerantes para com Harry. Mesmo os donos de vidraças quebradas por estilingue tinham visto sua indignação dissipar-se ante a expressão de profundo arrependimento do jovem Harry. Ele quebrara janelas, roubara pomares, coelhos, e mais tarde se encheria de dívidas, metera-se em complicações com a filha do dono da tabacaria local — conseguira livrar-se delas e fora mandado para a África — e o vilarejo, representado pelas várias solteironas envelhecidas, murmurara indulgentemente: — Ah, bem! Coisas da juventude. Ele criará juízo! E agora, o filho pródigo voltara — não em aflição, mas em triunfo. Harry Laxton "dera-se bem", como diz o populacho. Tomara juízo, trabalhara arduamente e finalmente conhecera e namorara uma jovem anglo-francesa, dona de considerável fortuna.

Harry poderia ter morado em Londres, ou comprado uma propriedade em alguma estação elegante de caça, mas preferira voltar para esta parte do mundo que era seu lar. E lá, da forma mais romântica, comprara a propriedade em ruínas; a casa na qual passara a infância.

Kingsdean House esteve desocupada durante quase 70 anos. Entrara gradualmente em decadência e abandono. Um vigia de idade avançada e sua mulher viviam no único canto habitável da propriedade. Era um solar vasto, grandioso, os jardins repletos de vegetação luxuriante e cercado de árvores frondosas que pareciam guardar um recanto encantado.

A casa era agradável, despreziosa, e fora alugada por longos anos ao Major Laxton, pai de Harry. Em garoto, Harry correria por toda a propriedade e conhecia cada pedacinho do bosque emaranhado: a casa sempre o fascinara.

O Major Laxton morrerá há alguns anos, de forma que, aparentemente, não existiam mais laços que trouxessem Harry de volta — entretanto, era para a casa de sua infância que Harry levava a esposa. A arruinada Kingsdean House foi demolida. Um exército de construtores e empreiteiros infestou o lugar, e, quase miraculosamente, em curto espaço de tempo — o dinheiro fala alto — ergueu-se a nova casa, branca e brilhante, entre as árvores. Depois veio um enxame de jardineiros e, em seguida, uma procissão de caminhões de mudança.

A casa estava pronta. Os empregados chegaram. Por último, uma limusine luxuosa deixou o senhor e senhora Harry na porta da casa.

A aldeia correu para as visitas, e a Sra. Price, dona de uma mansão e que se considerava a "locomotiva" local, mandou convites para uma festa "a fim de apresentar a noiva".

Foi um grande acontecimento. Diversas senhoras encomendaram vestidos novos para a ocasião. Todos estavam excitados, curiosos, ansiosos para ver aquela criatura fabulosa. Diziam que era tudo tão parecido com um conto de fadas! Miss Harmon, uma solteirona alegre, rosto curtido, fazia perguntas enquanto se esgueirava através da sala apinhada. A pequenina Miss Brent, uma solteirona magra, acidulada, confundia as informações.

— Oh, querida, tão encantadora. Lindos modos. E bem jovem. A gente sente até inveja de ver alguém que tem tudo isto. Beleza, dinheiro, educação — tão distinta, não há nada de vulgar com ela — além do querido Harry, tão devotado!

— Ah — disse Miss Harmon —, ainda é cedo para falar!

O nariz fino de Miss Brant tremeu apreciativamente. — Oh! querida, você acha mesmo?

— Todos nós sabemos quem é o Harry — respondeu Miss Harmon.

— Sabemos o que ele era! Mas espero que agora...

— Ah, os homens são sempre os mesmos. Uma vez impostor alegre, sempre impostor alegre. Conheço o tipo.

— Que lástima! Pobrezinha! — Miss Brent parecia muito mais feliz — Sim, acho que ela terá problemas com ele. Alguém deve preveni-la. Será que ela já ouviu algo sobre a velha história? — Parece tão injusto — retrucou Miss Brent — que ela não saiba de nada. Tão desagradável. Especialmente quando só se tem uma farmácia na aldeia.

Porque a filha do dono da tabacaria estava agora casada com Mr. Edge, o farmacêutico.

— Seria tão mais fácil — disse Miss Brent — se a Sra. Laxton ficasse freguesa de Boots, em Much Benham.

— Aposto que o próprio Harry Laxton sugerirá isto — disse Miss Harmon. E de novo as duas trocaram um olhar cheio de significado.

— Mas eu acho que ela deve saber — disse Miss Harmon.

— Animais. Algumas pessoas são perfeitos animais — exclamou Clarice Vane, indignada, conversando com seu tio, o doutor Haydock

Ele olhou-a com curiosidade.

Ela era uma jovem morena, alta, bonita, de bom coração e impulsiva.

Seus grandes olhos castanhos brilhavam de indignação, ao dizer: — Todas aquelas pessoas dizendo coisas, insinuando coisas.

— Sobre Laxton?

— Sim, sobre seu caso com a filha do dono da tabacaria.

— Ah, isto. — O doutor deu de ombros. — Muitos jovens têm casos desta espécie.

— Claro que têm. E está tudo acabado. Para que ficar tocando no assunto? Trazendo-o à tona depois de tantos anos. Parecem abutres vorazes refestelando-

se sobre os mortos.

— Pode parecer assim para você, minha querida. Mas, você sabe eles têm tão pouco assunto aqui que tendem a falar de escândalos passados. Mas estou curioso para saber: por que isto a preocupou tanto? Clarice Vane mordeu os lábios e corou. Disse, numa voz abafada: — Eles — eles parecem tão felizes. Os Laxton, quero dizer. São jovens e apaixonados, e é tudo tão belo para eles. Detesto pensar que isto seja arruinado por murmúrios, insinuações, falatórios e maldade geral.

— Hum, entendi.

Clarice continuou. — Ele, há pouco, estava conversando comigo. Está tão feliz, vivo e entusiasmado — e, sim, empolgado — por ter realizado seu sonho e reconstruir Kingsdean. Parece uma criança. E ela — bem, acho que nada deu errado para ela em toda sua vida. Ela sempre teve tudo. O senhor a viu. O que pensa dela? O médico não respondeu logo. Para outras pessoas, Louise Laxton poderia ser um objeto de inveja. Uma filha mimada da fortuna. Ela evocara para ele apenas o refrão de uma música popular ouvida há muitos anos, "Pobre menina rica..." Uma figura pequena e delicada, de cabelos louros e crespos emoldurando o rosto, grandes e pensativos olhos azuis. Louise estava ficando cansada. A longa fila de cumprimentos cansara a. Estava ansiosa pela hora de partir. Quem sabe se Harry não decidiria que já era tempo. Olhou-o de soslaio. Tão alto, ombros largos, divertindo-se tanto nesta festa monótona e horrível.

Pobre menina rica. — Ufa! — Era um suspiro de alívio.

Harry olhou para a mulher com o ar divertido. Eles estavam saindo de carro da festa.

— Querido, que recepção terrível! — disse ela.

Harry riu. — Sim, horrorosa. Não importa, amor. Tinha que ser feita. Todas estas velhotas conheceram-me quando eu era um garoto e morava aqui. Elas ficariam muito desapontadas se não tivessem visto você de perto.

Louise fez uma careta. — Temos que estar com elas muitas vezes?

— O quê? Oh, não. Elas farão algumas visitas de cerimônia, deixarão seus cartões, você retribuirá as visitas e depois não tem mais com que se preocupar. Você pode convidar os seus próprios amigos para virem aqui, ou o que você quiser.

— Não há ninguém divertido por aqui? — perguntou Louise, depois de alguns momentos.

— Oh, sim. Há os Country. Mas você pode achá-los um pouco chatos, também. Muito interessados em cebolas, cachorros e cavalos. Você monta, não? Você gostará disto. Há um cavalo em Englington que quero que você veja. Um lindo animal, bem treinado, sem nenhum vício, mas muito esperto.

O carro diminuiu a velocidade para entrar nos portões de Kingsdean. Harry deu um golpe de direção e praguejou quando uma figura grotesca pulou

no meio da estrada, e ele mal conseguiu desviar-se.

Ela ficou lá, brandindo o punho e gritando contra eles. Louise agarrou o braço do marido. — O que é aquilo — aquela mulher horrível? O sobrecenho de Harry estava carregado. — Ela é a velha Murgatroyd. Ela e o marido eram caseiros da velha casa. Moraram lá quase 30 anos.

— Por que ela brandiu o punho contra você? Harry ficou vermelho. — Ela — bem, ela não se conformou com a demolição da casa. E ela também foi despedida, é claro. Seu marido morreu há dois anos. Dizem que ela ficou meio amalucada depois de sua morte.

— Ela está na miséria, não está? As ideias de Louise eram vagas e melodramáticas. A riqueza a impedia de entrar em contato com a realidade. Harry estava indignado. — Por Deus, Louise, que ideia! Eu lhe dei uma pensão, é claro — e muito boa! Achei uma casinha para ela e tudo mais.

Louise perguntou, espantada: — Então por que ela se importa? Harry franziu a testa: — Como é que eu vou saber? Loucura! Ela adorava a casa.

— Mas estava em ruínas, não estava?

— Claro que sim — caindo aos pedaços, o teto esburacado, mais ou menos perigosa. Ela morou lá durante muito tempo. Ah! Sei lá! A pobre coitada enlouqueceu, eu acho.

Louise disse, pouco à vontade: — Ela... acho que ela nos amaldiçoou. Oh! Harry, preferia que ela não o tivesse feito.

Parecia a Louise que sua nova casa estava maculada e envenenada pela figura malevolente de uma velha louca. Quando saía de carro, quando montava, quando caminhava com os cachorros, lá estava sempre a mesma figura. Agachada, um chapéu velho de palha sobre os cabelos grisalhos, e o lento desfilar de maldições.

Louise começou a acreditar que Harry estava certo — a velha era louca. Mesmo assim, isso não tornava as coisas fáceis. A Sra. Murgatroyd nunca veio até à casa, nem usava ameaças definidas, nem cometia violências. Sua figura acorada estava sempre lá, um pouco fora dos portões. Chamar a polícia de nada adiantaria e, de qualquer modo, Harry era contra isto. Serviria apenas para despertar a simpatia local pela velha. Ele encarava as coisas com mais facilidade que Louise.

— Não se preocupe, querida. Ela acabará se cansando deste praguejar idiota. Talvez ela esteja apenas tentando esgotar a nossa paciência.

— Não, Harry. Ela nos odeia! Posso sentir isto. Ela... ela está nos rogando praga.

— Ela não é uma feiticeira, querida, se bem que pareça! Não seja mórbida.

Louise ficou silenciosa. Agora que a primeira excitação de se instalar terminara, ela sentia-se curiosamente solitária e sem saber o que fazer.

Acostumara-se com a vida de Londres e da Riviera. Não conhecia e não sentia nenhuma atração pela vida de campo inglesa. Não entendia de jardinagem, a não ser pelo ato final de "arrumar" as flores. Não ligava muito para cães. Os vizinhos que conhecia a entediavam. Gostava mais de montar — algumas vezes com Harry, e outras, quando ele estava ocupado com a propriedade, sozinha. Ela corria pelos bosques e alamedas, gozando o trote fácil de um belo cavalo que Harry comprara para ela. Mas mesmo Prince Hal, o cavalo castanho muito sensível, relinchava e assustava-se com a figura da velha mulher malevolente.

Certa vez Louise encheu-se de coragem. Ela estava passeando a pé. Passou por Mrs. Murgatroyd, fingindo não vê-la, mas de repente virou-se e foi direto até ela.

— O que há? O que está acontecendo? O que a senhora quer? A velha piscou para ela. Tinha um rosto astuto e escuro de cigana, os cabelos grisalhos, olhos desconfiados e turvos. Louise indagou-se se ela bebia.

Ela falou com voz queixosa mas, mesmo assim, ameaçadora.

— Você pergunta o que é que eu quero? Eu quero o que foi tomado de mim. Quem me expulsou de Kingsdean House? Eu morei lá, garota e mulher, durante quase 40 anos. Foi uma má ação expulsarem-me de lá, e isto lhes trará muita má sorte, tanto para você como para ele.

— Você tem uma boa casinha e... — disse Louise.

Não chegou a terminar. A velha levantou os braços e gritou: — De que adianta isto? Quero meu próprio lar e minha lareira, ao lado da qual eu me sentei durante todos estes anos. Quanto a você e a ele, eu lhes digo: não haverá felicidade para você naquela linda casa nova. A mais negra aflição a visitará! Tristeza, morte e minha maldição. Que seu belo rosto apodreça.

Louise virou-se e saiu correndo. Pensava: "Tenho que sair daqui! Devemos vender a casa! Temos que ir embora".

Naquele momento tal solução parecia fácil para ela. Mas a completa incompreensão de Harry pegou-a desprevenida. Ele exclamou: — Partir daqui? Vender a casa? Por causa das ameaças de unia velha? Você deve estar louca! — Não, não estou. Mas ela me assusta. Sinto que algo vai acontecer. Harry Laxton disse carrancudo: — Deixe a Sra. Murgatroyd comigo. Vou dar um jeito! Entre Clarice Vane e Miss Laxton nascera uma grande amizade. As duas moças tinham a mesma idade, se bem que fossem bem diferentes, tanto no caráter como nos gostos. Na companhia de Clarice, Louise encontrou segurança. Clarice era tão segura de si, tão decidida. Louise contou o caso da Sra. Murgatroyd e suas ameaças, mas Clarice pareceu encarar o fato mais como algo desagradável do que assustador.

— Esta espécie de coisa é tão estúpida. E muito aborrecida para você.

— Sabe, Clarice, eu... eu fico muito amedrontada às vezes. Meu coração dispara.

— Tolice, você não deve impressionar-se com estas tolices. Em breve ela se cansará. Ela ficou silenciosa por uns momentos. Clarice perguntou: — O que há? Louise titubeou um pouco, depois sua resposta veio num jato só. — Eu odeio este lugar! Detesto estar aqui. Os bosques, esta casa, e o horrível silêncio à noite e os ruídos estranhos nos campos. Oh! e as pessoas e tudo o mais.

— As pessoas, que pessoas? — As pessoas da aldeia. Estas solteironas faladeiras e curiosas. Clarice perguntou abruptamente: — O que elas andam dizendo? — Não sei. Nada em especial. Mas elas têm as mentes sujas. Quando você conversa com elas, sente que não deve confiar em ninguém... em ninguém mesmo.

— Esqueça-as. Elas não têm nada a fazer senão fofocar. E muito das sujeiras de que falam é pura invencionice. — Desejaria nunca ter vindo para cá. Mas Harry adora isto aqui — disse Louise. Sua voz abrandou-se.

Clarice pensou: "Como ela o adora". Disse abruptamente: — Tenho que ir agora.

— Eu vou mandar levá-la de carro. Volte breve.

Clarice assentiu. Louise sentiu-se retemperada pela visita da nova amiga. Harry alegrou-se ao vê-la mais contente e dali em diante insistia com ela para convidar Clarice mais vezes.

Então, um dia ele disse: — Boas novas, querida.

— Qual? — Eu dei um jeito na Murgatroyd. Ela tem um filho na América, sabe? Bem, eu providenciei para ela ir embora e encontrar-se com ele. Paguei a sua passagem.

— Oh! Harry, que maravilha! Acho que acabarei conseguindo gostar de Kingsdean.

— Conseguir gostar? Por favor! É o lugar mais maravilhoso do mundo! Louise sentiu um pequeno arrepio. Ela não se livraria tão cedo do medo supersticioso.

Se as senhoras de St. Mary Mead estavam contando com o prazer de dar informações sob o passado de Harry para a esposa, este lhes foi negado pela pronta ação de Harry Laxton.

Miss Harmon e Clarice Vane estavam na loja do Sr. Edge, uma comprando naftalina e a outra um pacote de ácido bórico, quando Harry Laxton e a mulher entraram.

Depois de cumprimentar as duas senhoras, Harry voltou-se para o balcão e estava pedindo uma escova de dentes, quando parou no meio da frase e exclamou alegremente: — Bem! Veja quem está aqui! Bella, quem diria! A Sra. Edge, que viera dos fundos da loja para ajudar no trabalho, sorriu alegremente para ele, mostrando os grandes dentes brancos. Ela fora uma bela jovem morena e ainda era uma mulher vistosa, se bem que tivesse engordado, e os traços do rosto se tornassem mais vulgares; mas seus grandes olhos castanhos eram

cordiais enquanto respondia: — Bella mesmo, Sr. Harry, e contente em vê-lo depois de todos estes anos.

Harry virou-se para a mulher: — Bella foi uma antiga namorada, Louise. Estive apaixonadíssimo por ela, não é verdade, Bella? — Isto é o que o senhor diz — respondeu a Sra. Edge. Louise riu, dizendo: — Meu marido está muito feliz vendo os velhos amigos outra vez.

— Ah! — disse a Sra. Edge —, não esquecemos do senhor, Sr. Harry. Parece um conto de fadas vê-lo casado e construindo uma nova casa, no lugar daquela Kingsdean House arruinada.

— Você está muito bem e bonita — disse Harry, e a Sra. Edge riu e respondeu que tudo estava bem com ela, e a escova de dentes? Clarice, vendo o olhar frustrado de Miss Harmon, pensou com seus botões: — Bem feito, Harry, você atrapalhou seus planos.

Doutor Haydock perguntou, de repente, para sua sobrinha: — Que tolice é esta da Sra. Murgatroyd ficar rondando Kingsdean e maldizendo o novo regime? — Uma tolice, mas é verdade. Preocupou muito Louise.

— Diga-lhe que não precisa impressionar-se; quando os Murgatroyds eram caseiros, eles nunca paravam de resmungar sobre o lugar; só ficavam porque Murgatroyd bebia e não conseguia outro emprego.

— Contarei para ela — disse Clarice, hesitante —, mas acho que ela não acreditará no senhor. A velha chega a gritar de raiva.

— Ela sempre gostou de Harry quando ele era criança. Não posso entender isto.

— Eles, em pouco tempo, ficarão livres dela. Harry pagou sua passagem para a América.

Três dias mais tarde, Louise foi atirada de seu cavalo e morreu.

Dois homens num carro de padeiro testemunharam o acidente. Viram Louise cavalgar para fora dos portões, viram a velha pular e ficar na estrada agitando os braços e gritando, viram o cavalo assustar-se, empinar e depois disparar enlouquecido pela estrada, jogando Louise para fora.

Um deles ficou perto da figura inconsciente, não sabendo o que fazer, enquanto o outro correu para a casa a fim de conseguir auxílio.

Harry Laxton veio correndo, o rosto apavorado.

Eles tiraram uma porta do carro e levaram-na para a casa. Ela morreu sem recobrar a consciência e antes do médico chegar.

(Fim do manuscrito do doutor Haydock) Quando o doutor Haydock chegou no dia seguinte, alegrou-se em ver que havia uma cor rosada no rosto de Miss Marple, e muito mais animação em suas maneiras.

— Bem — disse — qual é o veredicto?

— Qual é o problema, doutor Haydock? — contrapôs Miss Marple.

— Oh! minha cara senhora, tenho que lhe contar isto?

— Acho que é a conduta peculiar da caseira. Por que ela se comportou de modo tão estranho? As pessoas não gostam de serem expulsas de suas casas antigas. Mas não era a casa dela. Na verdade, ela costumava reclamar e resmungar enquanto estava lá. É, parece muito suspeito! O que aconteceu com ela, por falar nisto?

— Disparou para Liverpool. O acidente a assustou. Se bem que tenha esperado lá por seu navio.

— Tudo muito conveniente para alguém — disse Miss Marple. — Sim, acho que o "Problema de Conduta da Caseira" pode ser resolvido facilmente. Suborno, não foi? — Esta é sua conclusão? — Bem, não era natural que ela se comportasse daquele modo; ela devia estar "representando" como diz o outro, e isto significa que alguém pagou para ela fazer o que fez.

— E sabe quem é este alguém? — Acho que sim. Dinheiro, outra vez, acredito. E sempre reparei que os homens tendem a admirar sempre o mesmo tipo.

— Agora não estou entendendo.

— Mas tudo se ajusta muito bem. Harry Laxton admira Bella Edge, um tipo moreno e vivaz. Sua sobrinha Clarice é assim. Mas a pobre mulherzinha era bem diferente — loura e dependente —, nem de longe o seu tipo. Assim que deve ter-se casado com ela por dinheiro. E assassinou-a por dinheiro, também.

— A senhora usou a palavra "assassinato"?

— Bem, ele me parece o tipo certo. Atraente para as mulheres e completamente sem escrúpulos. Acho que queria ficar com o dinheiro da mulher e casar com sua sobrinha! Ele pode ter sido visto conversando com a Sra. Edge. Mas acho que ele não gosta mais dela. Se bem que ela tenha feito a pobre mulher achar que sim, para seus próprios fins. Acho que, em breve, ele a terá em suas mãos.

— Como a senhora acha que ele a matou?

Miss Marple fitou o espaço por algum tempo com olhos azuis sonhadores.

— Foi muito bem cronometrado — com o carro do padeiro como testemunha. Eles podiam ver a velha e, é claro, eles atribuíram o susto do cavalo a isso. Mas eu imaginaria que um revólver de ar comprimido, ou talvez uma atiradeira — ele era muito bom com o estilingue. Sim, assim que o cavalo atravessou os portões. O cavalo empinou, é claro, e a Sra. Laxton foi atirada.

Ele parou, franzindo o cenho.

— O tombo pode tê-la matado. Mas ele não estava certo disto. E ele parece o tipo de homem que não deixa nada ao acaso. E a senhora Edge podia dar-lhe algo apropriado sem o marido saber. De outro modo, por que Harry se preocuparia com ela? Sim, acho que ele tinha alguma droga poderosa à mão, que podia ser administrada antes de sua chegada. Ademais, se uma mulher é atirada de seu cavalo e sofre ferimentos graves, morrendo sem recobrar a consciência,

bem... um médico não suspeitaria de nada, não é mesmo? — O doutor Haydock assentiu.

— O que o levou a suspeitar? — perguntou Miss Marple.

— Não houve nenhuma esperteza especial da minha parte — respondeu o doutor Haydock — Apenas o fato comum bem conhecido do assassino ficar tão encantado com sua habilidade que esquece de tomar as precauções apropriadas. Estava dizendo algumas palavras de consolo ao viúvo — e sentindo muita pena dele, também —, quando ele se atirou no sofá para representar um pouco e uma seringa caiu de seu bolso.

— Ele agarrou-a depressa e pareceu tão assustado que eu comecei a pensar: Harry Laxton não toma drogas; está em perfeita saúde, o que estava fazendo, então, com uma seringa? Fiz a autópsia prevendo certas possibilidades. Descobri estrofantina. O resto foi fácil. Laxton tinha estrofantina em seu poder, e Bella Edge, inquirida pela polícia, admitiu tê-la dado a ele. E, finalmente, a velha Sra. Murgatroyd confessou que foi Harry Laxton que a fez representar as maldições.

— E sua sobrinha consolou-se?

— Sim, ela sentia atração pelo cara, mas não amor.

O médico pegou seu manuscrito.

— Nota máxima para a senhora, Miss Marple — e nota máxima para mim pela minha receita. A senhora praticamente voltou a ser o que era antes.

FIM

O CASO DA CRIADA PERFEITA



I

— Ah, com sua licença, senhora, posso falar-lhe um momento?

Esse pedido poderia parecer de natureza absurda, uma vez que Edna, a criada de Miss Marple, já estava falando com sua patroa naquele momento.

Todavia, reconhecendo o modo de falar peculiar, Miss Marple disse de imediato:

— Claro, Edna, entre e feche a porta. O que foi?

Edna entrou no cômodo e fechou a porta de modo obediente, segurou a ponta do avental com os dedos e engoliu em seco algumas vezes.

— Pois não, Edna? — disse Miss Marple, encorajando-a.

— Ah, sim, senhora, é a minha prima, Gladdie.

— Meu Deus! — exclamou Miss Marple, sua mente imaginando o pior e, Deus do céu, a conclusão mais óbvia. — Está... está em apuros?

Edna apressou-se em tranquilizá-la.

— Não, senhora, não é nada disso. Gladdie não é esse tipo de garota. É só que ela está chateada. Perdeu o emprego, sabe.

— Minha nossa, sinto muito. Ela estava em Old Hall, com a srta., as srts. Skinner, não é?

— Sim, senhora, isso mesmo, senhora. E Gladdie está muito aborrecida com isso, muito aborrecida mesmo.

— Mas Gladys já mudou de emprego várias vezes antes, não?

— Ah, sim, senhora. Ela está sempre mudando, Gladdie é assim. Nunca parece se fixar num lugar pra valer, se entende o que quero dizer. Mas era

sempre ela que pedia demissão, sabe.

— E dessa vez foi diferente? — Miss Marple perguntou.

— Foi, senhora, e isso deixou Gladdie muitíssimo chateada.

Miss Marple parecia um pouco surpresa. Sua lembrança de Gladys, que ia de vez em quando tomar um chá na cozinha nos seus “dias de folga”, era de uma garota forte e risonha, com temperamento sempre estável.

Edna prosseguiu.

— Veja, senhora, foi o modo como tudo aconteceu; o modo como a Srta. Skinner viu as coisas.

— Como — inquiriu Miss Marple de modo paciente — a Srta. Skinner viu? Nesse momento Edna deu início a seu boletim de notícias.

— Ah, senhora, foi um choque tão grande para Gladdie. Ouça, um dos broches da Srta. Emily havia sumido, e isso levantou um clamor por justiça como nunca foi visto, e claro que ninguém gosta quando algo assim acontece; é constrangedor, senhora, se é que me entende. Gladdie ajudou a procurar por todo lugar, e a Srta. Lavinia ficava dizendo que ia à polícia dar queixa, e aí o broche reapareceu, metido no fundo de uma gaveta da penteadeira, e Gladdie ficou muito contente. Aí, logo no dia seguinte, um prato quebrou, o que é comum, e a Srta. Lavinia... ela falou sem rodeios e deu a Gladdie um aviso prévio. Mas o que Gladdie percebeu foi que não poderia ter sido por causa do prato e que a Srta. Lavinia havia apenas inventado uma desculpa, e o motivo deve ter sido o broche. Elas devem ter pensado que Gladdie pegou o broche e devolveu-o quando a polícia foi mencionada, mas Gladdie nunca faria isso, ela jamais o faria. Mas ela se deu conta de que essa história vai se espalhar, vai se virar contra ela e isso é uma coisa muito séria para uma garota, como sabe, senhora.

Miss Marple anuiu com um aceno de cabeça. Embora não tivesse ligação alguma com a forte e orgulhosa Gladys, tinha quase certeza da honestidade da garota, e podia imaginar muito bem que o incidente deve tê-la aborrecido.

Edna falou de modo ansioso:

— Será, senhora, que não há nada que se possa fazer a respeito? Gladdie está de um jeito...

— Diga a ela para não fazer bobagem — disse Miss Marple, taxativa. — Se ela não pegou o broche, e tenho certeza de que ela não pegou, então não tem motivo para ficar aborrecida.

— Essa história vai circular — lamentou Edna, triste.

Miss Marple decidiu:

— Eu... hum... eu vou aparecer por lá esta tarde. Vou ter uma conversa com as srtas. Skinner.

— Ah, obrigada, senhora — agradeceu Edna.

Old Hall era uma mansão antiga rodeada por árvores e gramados. Desde que ficou provado que a casa não podia ser alugada nem vendida, um empreendedor ousado dividiu-a em quatro apartamentos, com um sistema de aquecimento central, e os “jardins” deveriam ser de uso comum entre os moradores. A iniciativa deu certo. Uma velha senhora rica e excêntrica ocupava um apartamento junto com sua criada. A velha senhora tinha paixão por pássaros e todo dia entretinha um bando emplumado com farelos. Um juiz indiano aposentado e sua esposa alugavam o segundo apartamento. Um casal muito jovem, recém-casado, morava no terceiro. E o último apartamento havia sido ocupado há apenas dois meses por duas senhoritas de sobrenome Skinner. Os quatro grupos de moradores eram o mais distante possível um do outro, pois nada tinham em comum. Ouviu-se do proprietário que isso era algo excelente. O que ele temia eram amizades seguidas de desavenças e, por conseguinte, queixas no seu ouvido.

Miss Marple conhecia todos os moradores, embora não soubesse nada em particular sobre eles. A mais velha das senhoritas Skinner, Srta. Lavinia, era o que se pode chamar de a parte trabalhadora da família. A Srta. Emily, a mais nova, passava a maior parte do tempo na cama sofrendo de várias doenças que, na opinião de St. Mary Mead, eram em grande parte imaginárias. Apenas a Srta. Lavinia acreditava piamente no martírio da irmã e na sua paciência com a moléstia, e logo se encarregava de tarefas, saía às pressas pela vila, para cima e para baixo, atrás de coisas que “minha irmã cismou de uma hora para outra”.

Era a opinião de St. Mary Mead que se a Srta. Emily sofresse metade do que dizia, teria sido examinada pelo Dr. Haydock há muito tempo. No entanto, a Srta. Emily, quando isso lhe era sugerido, piscava os olhos com ar de superioridade e segredava que seu caso não era simples (os melhores especialistas de Londres tinham ficado intrigados com o caso) e que um novo médico maravilhoso a tinha colocado sob o tratamento mais revolucionário, e que ela, de fato, acreditava que sua saúde melhoraria com isso. Nenhum clínico geral comum poderia jamais entender um caso como o dela.

— E essa é a minha opinião — disse a sincera Srta. Hartnell —, ela é muito esperta por não se deixar examinar por ele. O querido Dr. Haydock, com aquele seu jeito alegre, diria que não há nada de errado com ela e que deveria se levantar e deixar de manha! Isso faria muito bem a ela!

Todavia, na falta de um tratamento tão arbitrário, a Srta. Emily continuava deitada no sofá, cercada com suas caixas de pequenos comprimidos, rejeitando quase tudo que preparavam para ela e pedindo por algo mais; na maior parte das vezes, algo inconveniente e difícil de conseguir.

A porta foi aberta para Miss Marple por “Gladdie”, parecendo mais deprimida do que Miss Marple poderia ter imaginado. Na sala de estar (reduzida a um quarto da antiga sala de visitas, que tinha sido dividida em sala de jantar, sala de visitas, banheiro e dispensa), a Srta. Lavinia levantou-se para cumprimentar Miss Marple.

Lavinia Skinner era uma mulher de cinquenta anos, alta, magra e ossuda. Tinha uma voz áspera e um jeito rude.

— Que bom lhe ver — disse. — Emily está descansando, está sentindo-se fraca hoje, pobre criatura. Esperava que ela fosse lhe ver, isso a deixaria animada, mas há momentos em que ela não sente vontade de ver ninguém. Pobre criatura, ela é muito paciente.

Miss Marple respondeu de forma educada. Os empregados eram o assunto principal das conversas em St. Mary Mead, portanto não houve dificuldade em conduzir o diálogo nessa direção. Miss Marple comentou que tinha ouvido que aquela boa garota, Gladys Holmes, estava deixando a casa.

A Srta. Lavinia confirmou com um movimento de cabeça.

— Na próxima quarta. Andou quebrando umas coisas, sabe. Não podia continuar assim.

Miss Marple deu um suspiro e disse que todas nós temos que relevar algumas coisas nos dias de hoje. Era tão difícil trazer as garotas para o interior. A Srta. Skinner achava mesmo que deixar Gladys partir era o melhor a fazer?

— Sei que é difícil conseguir empregados — admitiu a Srta. Lavinia. — Os Devereux não conseguiram ninguém... mas, nesse caso, não me espanto... sempre discutindo, conversa fiada a noite toda... refeições a qualquer hora... aquela garota não sabe nada sobre como cuidar de uma casa. Tenho pena do marido dela! E depois, os Larkin acabaram de perder sua empregada. Claro, quem já viu a disposição daquele juiz indiano para o seu desejoso chota hazri[3], como ele diz, às seis da manhã, e a Sra. Larkin sempre aborrecida. Isso também não me espanta. Janet, a criada da Sra. Carmichael, é parte da casa, claro, embora na minha opinião ela seja uma das pessoas mais desagradáveis, e sem dúvida incomoda a velha senhora.

— Então não acha que deve reconsiderar sua decisão quanto a Gladys? Ela é mesmo uma boa garota. Conheço toda a família dela; pessoas excelentes e muito honestas.

A Srta. Lavinia balançou a cabeça em sentido negativo.

— Tenho meus motivos — respondeu, parecendo importante.

Miss Marple murmurou:

— A senhora perdeu um broche, entendo...

— Ora, quem andou falando? Creio que tenha sido a garota. Sendo franca, tenho quase certeza de que ela o pegou. Depois ficou assustada e devolveu, mas

claro, ninguém pode afirmar nada sem ter certeza.

Ela mudou de assunto.

— Venha ver Emily, Miss Marple. Tenho certeza que fará bem a ela.

Miss Marple seguiu de modo obediente a Srta. Lavinia, até esta bater em uma porta e ter sua entrada autorizada, conduzindo sua visita para o melhor cômodo do apartamento, em que boa parte da iluminação estava bloqueada pelas cortinas parcialmente fechadas. A Srta. Emily estava deitada na cama, aparentando aproveitar o escuro e seu próprio sofrimento indeterminado.

A luz fraca mostrou uma criatura franzina, de aparência indefinida, com cabelo amarelo-acinzentado, desarrumado e solto ao redor da cabeça, fazendo cachos; a coisa toda parecia um ninho de pássaros, do tipo que nenhuma ave de respeito teria orgulho. Havia um cheiro no quarto de água de colônia, biscoito envelhecido e cânfora.

Com olhos semicerrados e uma voz fraca e fina, Emily Skinner explicou que aquele era “um dos seus dias ruins”.

— O pior de uma saúde debilitada é que — disse a Srta. Emily em tom melancólico — a pessoa sabe o peso que é para todos que estão à sua volta. Lavinia é muito boa para mim. Lavvie, querida, eu detesto dar trabalho, mas se a minha garrafa de água quente puder ao menos ser cheia do jeito que eu gosto... muito cheia me aflige... mas se não for cheia o bastante, logo fica fria!

— Desculpe, querida. Me passe a garrafa. Vou esvaziá-la um pouco.

— Talvez, já que você vai fazer isso, poderia enchê-la outra vez. Acho que não tem torrada em casa... não, não importa. Pode ser outra coisa. Um chá fraco com uma rodela de limão... não tem limão? Não, de fato, não poderia beber chá sem limão. Acho que o leite estava um pouco coalhado hoje de manhã. Tomei aversão a leite no chá. Não importa. Posso deixar o chá de lado. Só que me sinto tão fraca. Dizem que ostras são nutritivas. Será que eu poderia comer umas? Não, não, é muito incômodo ir atrás disso a essa hora do dia. Posso esperar até amanhã.

Lavinia deixou o quarto murmurando algo incompreensível sobre ir de bicicleta até a vila.

A Srta. Emily mostrou um sorriso débil à sua visita e comentou que odiava dar trabalho para qualquer pessoa.

Naquela noite, Miss Marple contou a Edna que receava que sua missão diplomática não tivesse obtido sucesso.

Ela ficou bastante preocupada ao saber que os rumores sobre a desonestidade de Gladys já haviam se espalhado pela vila.

No correio, a Srta. Wetherby difamou a garota:

— Minha querida Jane, deram a ela uma referência escrita dizendo que era disposta, sensata e respeitável, mas nada disseram sobre sua honestidade. Isso me parece muito significativo! Soube que houve uma confusão com um broche.

Sabe, acho que deve ter algo a ver com isso, porque nos dias de hoje não se deixa um empregado ir embora, a não ser que seja algo muito grave. Elas terão muita dificuldade para encontrar outra pessoa. Garotas simplesmente não vêm para Old Hall. Elas ficam agoniadas em ir para casa nos dias de folga. A senhora vai ver, as Skinner não vão encontrar outra pessoa, e aí, quem sabe, aquela irmã ultra-hipocondríaca vai ter que se levantar e fazer alguma coisa!

Qual não foi o espanto da vila quando soube que as srts. Skinner tinham arranjado, por meio de uma agência, uma nova criada, que, conforme se dizia, era um modelo de perfeição.

— Tem uma referência de três anos e foi muito bem-recomendada. Ela prefere o interior e, para completar, pediu um salário menor do que o de Gladys. Acho mesmo que tivemos muita sorte.

— Bem, se é assim — disse Miss Marple, para quem esses detalhes foram contados pela Srta. Lavinia no mercado de peixes. — Parece muito bom para ser verdade.

Logo se tornou opinião corrente em St. Mary Mead que o modelo de perfeição desistiria na última hora e não viria.

Todavia, as previsões não se confirmaram, e a vila pôde observar a joia doméstica, chamada Mary Higgins, passar pela vila no táxi de Reed em direção a Old Hall. Não havia como negar que a aparência dela era boa. Uma mulher de aspecto assaz respeitável, muito bem-vestida.

Na visita seguinte de Miss Marple a Old Hall, na ocasião do recrutamento de colaboradores para a feira da paróquia, Mary Higgins foi quem abriu a porta. Era, sem dúvida, uma criada com aparência superior, devia ter uns quarenta anos, tinha cabelos muito negros e rosto corado, uma figura robusta, vestida com uma roupa preta discreta, um avental branco e uma touca de rede — “quase o bom e antigo modelo de empregada”, como Miss Marple diria depois, e com a apropriada voz respeitosa e baixa, bem diferente da voz anasalada e alta de Gladys.

A Srta. Lavinia estava com a aparência bem menos angustiada do que de costume e, embora lamentasse não poder tomar conta de um estande devido à sua preocupação com a irmã, ofereceu uma boa contribuição em dinheiro e prometeu providenciar uma remessa de limpadores de caneta e meias para bebês.

Miss Marple comentou algo sobre a boa aparência da Srta. Lavinia.

— Sinto, de verdade, que devo muito a Mary. Estou tão satisfeita por ter resolvido me livrar daquela outra garota. Mary é mesmo inestimável. Cozinha bem, serve divinamente e mantém nosso pequeno apartamento limpo de modo impecável... vira os colchões todos os dias. E é muito atenciosa com Emily!

Miss Marple logo perguntou sobre Emily.

— Ah, pobre criatura, tem estado muito indisposta nos últimos tempos.

Não há nada que ela possa fazer, mas, sem dúvida, torna as coisas um pouco mais difíceis às vezes. Quer comer certas coisas e depois, quando estão prontas, diz que não pode comer no momento, e então, meia hora depois, quer comê-las de novo, e tudo tem que ser refeito. Claro, isso requer muito trabalho, mas graças a Deus Mary não parece se importar nem um pouco. Diz que é acostumada a servir doentes e os compreende. É um alívio tão grande.

— Nossa! — exclamou Miss Marple. — A senhora é muito sortuda.

— É, sou mesmo. Sinto, de verdade, que Mary foi enviada para nós como uma resposta às orações.

— Ela me parece — disse Miss Marple — quase boa demais para ser verdade. Eu seria... bem, eu seria um pouco cautelosa se estivesse no seu lugar.

Lavinia Skinner não conseguiu compreender a insinuação presente no comentário e disse:

— Posso lhe assegurar que faço todo o possível para que ela fique satisfeita. Não sei o que faria se ela fosse embora.

— Não espero que ela vá deixá-la antes que esteja pronta para partir — disse Miss Marple, encarando a anfitriã de modo bem firme.

A Srta. Lavinia falou:

— Se uma pessoa não precisa se preocupar com a casa, tira um peso tão grande das costas, não acha? Como sua criada Edna está se adaptando?

— Ela está indo bem. Nada demais, claro. Não é como a sua Mary. Mas sei tudo sobre Edna, porque ela é uma garota da vila.

Quando ela saiu da sala, ouviu a voz da doente falar de mau humor.

— Essa compressa foi esquecida até ficar quase seca... o Dr. Allerton disse com clareza que a água precisa ser renovada. Vá, vá, leve-a. Quero uma xícara de chá e um ovo cozido... deixe o ovo no fogo por apenas três minutos e meio, lembre-se, e chame a Srta. Lavinia para mim.

A eficiente Mary saiu do quarto e ao mesmo tempo em que dizia para Lavinia “a Srta. Emily está lhe chamando, senhora”, conduzia Miss Marple até a porta, ajudando-lhe a colocar o sobretudo e passando-lhe o guarda-chuva da forma mais impecável.

Miss Marple segurou o guarda-chuva, deixou-o cair, tentou pegá-lo, mas sua bolsa escorregou e abriu-se de repente. Mary, de modo educado, recolheu várias bugigangas: um lenço, uma agenda, uma carteira de couro de modelo antigo, dois xelins, três centavos e um pedaço de bala de menta colorida.

Miss Marple apanhou a última coisa com a expressão um tanto confusa.

— Ah, querida, deve ter sido o garotinho da Sra. Clement. Ele estava chupando uma, me lembro, e pegou minha bolsa para brincar. Deve ter colocado a bala aí dentro. Gruda em tudo, não é?

— Quer que eu a descarte, senhora?

— Oh, você o faria? Muito obrigada!

Mary abaixou-se para pegar o último item, um espelhinho. Ao ser devolvido, Miss Marple exclamou com veemência:

— Nossa, que sorte a minha de ele não ter se quebrado!

Em seguida ela foi embora, enquanto Mary, de modo cortês, permanecia em pé na porta segurando um pedaço de bala colorida com o rosto sem expressão alguma.

IV

Por não mais do que dez dias St. Mary Mead teve de aturar a ladainha sobre as qualidades do achado das srts. Lavinia e Emily.

No décimo primeiro dia, a vila despertou para uma grande surpresa.

Mary, o modelo de perfeição, estava sumida! Ninguém havia dormido na cama dela e a porta da frente foi encontrada entreaberta. Ela fugiu no meio da noite, sem chamar atenção.

E não era só Mary que estava sumida! Dois broches e cinco anéis da Srta. Lavinia, além de três anéis, um pingente, um bracelete e quatro broches da Srta. Emily também tinham desaparecido!

Foi o começo de uma série de catástrofes.

A jovem Sra. Devereux tinha perdido os diamantes que guardava numa gaveta destrancada, e também umas peles valiosas que havia ganhado de presente de casamento. O juiz e sua esposa também tiveram umas joias perdidas e certa quantia de dinheiro. A Sra. Carmichael foi quem mais sofreu. Haviam levado não apenas algumas joias muito caras, mas também uma enorme quantia de dinheiro que ela mantinha no apartamento. Tinha sido a noite de folga de Janet, e sua patroa tinha o hábito de caminhar pelos jardins ao anoitecer, chamando os passarinhos e espalhando migalhas de pão. Parecia claro que Mary, a criada perfeita, tinha tido as chaves para entrar em todos os apartamentos!

É preciso dizer que, em certa medida, houve um prazer mórbido em St. Mary Mead. A Srta. Lavinia gabava-se tanto da sua maravilhosa Mary.

— E todo esse tempo, meu Deus, apenas uma ladra com um!

Seguiram-se revelações interessantes. Não apenas Mary havia desaparecido do nada, como também a agência que a indicou e apresentou suas referências estava chocada ao descobrir que a Mary Higgins que havia se inscrito lá e cujas referências eles tinham tomado, para todos os efeitos, nunca existiu. Era o nome real de uma empregada que havia morado com a irmã real de um deão, mas a verdadeira Mary Higgins estava em algum lugar de Cornwall, morando em paz.

— Muito bem tramada, a coisa toda — o inspetor Slack foi obrigado a admitir. — E, se alguém me perguntar, aquela mulher não trabalha sozinha. Um ano atrás houve um caso muito parecido em Northumberland. Os objetos nunca

foram localizados e nunca pegaram a criatura. De todo jeito, vamos fazer melhor que isso em Much Benham!

O inspetor Slack era sempre confiante.

No entanto, as semanas passavam e Mary Higgins continuava livre e triunfante. Em vão, o inspetor Slack[4] redobrava a energia, negando a ideia equivocada que seu nome poderia sugerir.

A Srta. Lavinia seguia chorosa. A Srta. Emily ficou tão desapontada e sentiu-se tão assustada com sua situação que terminou sendo enviada para o Dr. Haydock.

Toda a vila estava ansiosíssima para saber o que ele pensava sobre as queixas da Srta. Emily referente à sua saúde comprometida, mas, claro, ninguém poderia perguntar a ele. Contudo, para satisfação de todos, informações sobre o tema vieram à tona através do Sr. Meeç, o assistente do farmacêutico, que estava saindo com Clara, a criada da Sra. Price-Ridley. Assim, ficaram sabendo que o Dr. Haydock havia prescrito uma combinação de assa-fétida e valeriana que, de acordo com o Sr. Meeç, era o remédio principal daqueles que se fingiam de doentes no exército!

Logo depois soube-se que a Srta. Emily, não satisfeita com a atenção médica que havia tido, declarou que devido ao seu estado de saúde, sentia-se na obrigação de estar perto de um especialista em Londres que compreendia seu caso. Era, ela disse, mais do que justo para Lavinia.

O apartamento foi colocado para sublocação.

V

Poucos dias depois, Miss Marple, bastante emocionada e atrapalhada, foi até a delegacia de Much Benham e perguntou pelo inspetor Slack.

O inspetor Slack não gostava de Miss Marple. No entanto, sabia que o chefe de polícia, coronel Melchett, não tinha a mesma opinião. Por isso, apesar da má vontade, ele a recebeu.

— Boa tarde, Miss Marple, em que posso ajudá-la?

— Oh, Deus — disse Miss Marple —, receio que o senhor esteja ocupado.

— Muito trabalho a ser feito — respondeu o inspetor Slack —, mas posso parar por uns minutos.

— Ah, Senhor — disse Miss Marple. — Espero que eu consiga dizer o que quero de forma apropriada. Sabe, é tão difícil se explicar, não acha? Não, talvez o senhor não ache. Mas veja, não fui educada no estilo moderno... tive apenas um professor que ensinava as datas dos reis da Inglaterra e conhecimentos gerais, sabe. Dr. Brewer, três tipos de moléstias do trigo... mangra, mildio e... qual era a terceira... carvão?

— A senhora gostaria de falar sobre o carvão? — perguntou o inspetor

Slack e em seguida enrubescou.

— Ah, não, não — Miss Marple logo negou qualquer desejo de falar sobre o carvão. — Apenas um exemplo, entendeu? Como as bússolas são feitas e tudo mais. Argumentativo, sabe, mas não ensina a pessoa a manter o foco no assunto. E é isso o que quero fazer. É sobre a criada da Srta. Skinner, Gladys, sabe.

— Mary Higgins — rebateu o inspetor Slack.

— Ah, sim, a segunda criada. Mas eu me refiro a Gladys Holmes... uma garota bastante insolente e muito cheia de si, mas de fato muito honesta, e é muito importante que isso seja reconhecido.

— Até onde eu sei não há acusação alguma contra ela — disse o inspetor.

— Não, sei que não existe uma acusação, mas isso torna tudo ainda pior. Porque, veja, as pessoas começam a pensar coisas. Ah, meu Deus... sei que explicarei tudo de modo confuso. O que quero mesmo dizer é que o mais importante é encontrar Mary Higgins.

— Com certeza — concordou o inspetor Slack — Tem alguma ideia sobre isso?

— Bem, na verdade, tenho — admitiu Miss Marple. — Posso perguntar-lhe uma coisa? Impressões digitais têm alguma utilidade para o senhor?

— Ah — disse o inspetor Slack —, nesse ponto ela nos pareceu bastante hábil. Fez a maior parte do trabalho com luvas de borracha ou de cozinha, parece. E foi cuidadosa... limpou tudo no quarto dela e na pia. Não foi encontrada nenhuma impressão digital no lugar!

— Se o senhor tivesse as impressões digitais, ajudaria?

— É provável, senhora. Ficariam sabendo na Yard. Este não é o primeiro trabalho dela, posso afirmar!

Miss Marple concordou com um aceno de cabeça, satisfeita. Abriu a bolsa e retirou uma pequena caixa de papelão. Dentro da caixa, envolvido em lã de algodão, estava um espelhinho.

— Da minha bolsa — disse Miss Marple. — As impressões da criada estão nele. Acho que devem ser suficientes... ela havia tocado numa substância bastante grudenta no momento anterior.

O inspetor Slack arregalou os olhos:

— A senhora pegou as impressões digitais dela de propósito?

— Claro.

— Então a senhora suspeitava dela?

— Bem, sabe, me intrigava que ela fosse um tanto boa demais para ser verdade. Fiz um comentário desse tipo para a Srta. Lavinia. Mas ela simplesmente não entendeu a indireta! Acho, sabe, inspetor, que não acredito em modelos de perfeição. Muitos de nós temos nossos defeitos... e eles se revelam, sem demora, nos serviços domésticos!

— Bem — disse o inspetor Slack, recuperando-se do susto —, sou grato à

senhora, com certeza. Enviaremos isto a Yard e veremos o que eles têm a dizer.

Ele parou. Miss Marple tinha posicionado a cabeça um pouco para o lado e estava observando-o de um modo bastante expressivo.

— O senhor não consideraria, inspetor, observar a casa um pouco mais de perto?

— O que a senhora quer dizer, Miss Marple?

— É muito difícil de explicar, mas quando a gente se depara com uma coisa peculiar, consegue perceber. Embora, muitas vezes, coisas peculiares possam ser meros detalhes. Senti isso o tempo todo, sabe; digo em relação a Gladys e o broche. Ela é uma garota honesta; não pegou aquele broche. Então por que a Srta. Skinner achou que ela tivesse pegado? A Srta. Skinner não é boba; muito pelo contrário! Por que ela estava tão ansiosa para deixar uma garota, que era uma boa criada, ir embora, sendo que é muito difícil arranjar empregados? Isso é algo peculiar, entende. Então fiquei intrigada. Fiquei muito intrigada. E observei outra coisa peculiar! A Srta. Emily é hipocondríaca, mas ela é a única hipocondríaca que não foi examinada por um ou outro médico alguma vez. Hipocondríacos adoram médicos, mas a Srta. Emily não!

— O que a senhora está sugerindo, Miss Marple?

— Bem, sabe, estou sugerindo que a Srta. Lavinia e a Srta. Emily são pessoas peculiares. A Srta. Emily passa quase o tempo todo num quarto escuro. E se aquele cabelo dela não é uma peruca, eu... eu não me chamo Miss Marple! E o que tenho a dizer é isto... é perfeitamente possível para uma mulher magra, pálida, de cabelos acinzentados e chorosa ser igual a uma mulher rechonchuda, corada e de cabelos negros. E ninguém que eu conheça jamais viu a Srta. Emily e Mary Higgins juntas ao mesmo tempo. Houve tempo suficiente para tirar cópias de todas as chaves, tempo suficiente para descobrir tudo sobre os outros moradores e, por fim, para livrar-se da criada local. Certa noite a Srta. Emily fez um rápido passeio pela cidade e chegou na estação como Mary Higgins no dia seguinte. E depois, no momento certo, Mary Higgins desapareceu e começaram as buscas. Vou lhe dizer onde o senhor vai encontrá-la, inspetor. No sofá da Srta. Emily Skinner! Pegue as impressões digitais dela, se o senhor não acredita em mim, e vai descobrir que estou certa! Uma dupla de ladras esperta, é isso o que as Skinner são! E não resta dúvida de que estão mancomunadas com um esperto receptor ou uma quadrilha ou seja lá o nome que tiver. Mas não vão escapar com a mercadoria desta vez! Não vou deixar que a honestidade de uma das nossas garotas da vila seja comprometida dessa forma! Gladys Holmes é tão honesta quanto possível, e todos vão saber disso! Boa tarde!

Miss Marple andou a passos largos antes que o inspetor Slack se recuperasse.

— Caramba! — murmurou. — Será que ela está certa?

Logo ele descobriu que Miss Marple tinha razão mais uma vez.

O coronel Melchett cumprimentou Slack pela eficiência, e Miss Marple recebeu Gladys para um chá com Edna e falou com ela sobre estabelecer-se de verdade quando conseguisse um bom emprego.

FIM

MISS MARPLE CONTA UMA HISTÓRIA



Meus queridos Raymond e Joan, acho que nunca lhes contei um caso muito curioso que me aconteceu há alguns anos. Não desejo de forma alguma parecer presunçosa; sei que em comparação com você, Raymond, que escreve aqueles livros avançadíssimos sobre todos aqueles rapazes e moças desagradáveis, e com você Joan, que pinta aqueles quadros extraordinários cheios de pessoas quadradas com curiosas protuberâncias (são interessantíssimos, querida, como diz Raymond, com muita delicadeza pois é o mais bondoso dos sobrinhos), eu sou irremediavelmente vitoriana. Admiro os Srs. Alma-Tadema e Frederic Leighton, embora para vocês dois eles sejam irremediavelmente vieux jeu. Mas o que é mesmo que eu estava dizendo? Ah, sim, que eu não queria parecer presunçosa mas não pude deixar de ficar um pouquinho envaidecida porque só com o auxílio de um pouquinho de bom-senso consegui resolver um problema que estava desafiando cabeças muito mais aguçadas do que a minha. Embora eu realmente devesse ter visto desde o início que a solução era óbvia...

Bem, vou-lhes contar a minha pequena história, e se acharem que me envaideci com a minha participação na mesma, devem-se lembrar que ao menos ajudei um ser humano que estava numa grande aflição.

A primeira vez que ouvi falar neste caso foi uma noite por volta das nove horas quando Gwen (lembram-se de Gwen, a minha criadinha de cabelos vermelhos?) veio avisar-me que o Sr. Petherick e um outro cavalheiro queriam ver-me. Gwen, corretamente, levava-os à sala de estar. Eu estava lendo na sala de jantar porque acho um desperdício acender duas lareiras no início da primavera.

Dizendo a Gwen que preparasse uma bandeja com alguns cálices, dirigi-me à sala de estar. Não sei se por acaso estão lembrados do Sr. Petherick que morreu há dois anos atrás. Foi um bom amigo durante muitos anos e cuidava de

todos os meus problemas legais. Era um homem muito perspicaz e um excelente solicitador. Agora é o filho dele quem trata dos meus interesses, um ótimo rapaz, muito atualizado, mas que não me inspira tanta confiança quanto o Sr. Petherick.

Expliquei ao Sr. Petherick sobre as lareiras e imediatamente ele ofereceu-se para passar à sala de jantar e apresentou-me o amigo, o Sr. Rhodes, um homem ainda jovem (não tinha muito mais do que uns quarenta anos). Vi logo que ele tinha algum problema muito sério. Suas maneiras eram esquisitas, diria até que rudes se não tivesse percebido que o pobre estava debaixo de uma grande tensão.

Quando nos acomodamos na sala de jantar e Gwen trouxe a bandeja, o Sr. Petherick explicou a razão de sua visita.

— Miss Marple — disse ele — perdoará o seu velho amigo por ter tomado uma liberdade? Estamos aqui para consultá-la.

Não entendi o que ele queria dizer, mas ele prosseguiu:

— Em casos de doença procuramos ouvir duas opiniões: a do clínico da família e a do especialista. É costume considerar mais valiosa a segunda, mas não estou bem de acordo com isto. O especialista só tem experiência no seu campo, enquanto o clínico, embora talvez tendo menos conhecimentos, possui uma experiência muito mais ampla.

Compreendi o que ele queria dizer porque há pouco tempo uma das minhas sobrinhas correu com a filha a um conhecido dermatologista, sem consultar o médico da família que ela já considerava um velho gagá. O especialista indicou um tratamento dispendiosíssimo e só depois descobriram que a criança estava com um tipo raro de sarampo.

Menciono este caso (embora tenha horror a digressões) para mostrar que aceitei o ponto de vista do Sr. Petherick, embora não tivesse ainda uma ideia de onde ele estava querendo chegar.

— Se o Sr. Rhodes está doente... — eu comecei mas calei-me logo porque o pobre homem soltou uma risada lúgubre.

— Espero morrer com o pescoço quebrado dentro de alguns meses — declarou ele.

E o caso veio à baila. Ocorrera há pouco tempo um assassinato em Barnchester, uma cidade que fica a uns trinta quilômetros daqui. Na época não prestei muita atenção ao caso, pois a aldeia estava alvoroçada devido a uns incidentes com a nossa enfermeira distrital, e os acontecimentos exteriores como um terremoto na Índia e o assassinato em Barnchester foram eclipsados pelo nosso escandalozinho local. Apesar disso, lembrava-me de ter lido a respeito de uma mulher apunhalada num hotel, embora não tivesse fixado o seu nome. Agora parecia que esta mulher fora esposa do Sr. Rhodes, e como se isso já não fosse suficientemente ruim, suspeitavam que ele próprio a matara.

Tudo isso o Sr. Petherick explicou-me com muita clareza, dizendo que

embora o veredicto do inquérito preliminar tivesse sido “assassinada por pessoa ou pessoas desconhecidas”, o Sr. Rhodes tinha motivos para acreditar que provavelmente seria preso dentro de um ou dois dias, e assim procurara o Sr. Petherick e colocara-se em suas mãos. O Sr. Petherick disse-me que naquela tarde haviam estado com Sir Malcolm Olde, e que se o caso fosse a julgamento, Sir Malcolm defenderia o Sr. Rhodes.

Sir Malcolm era um advogado jovem, de métodos modernos e já concebera uma certa linha para a defesa. Porém o Sr. Rhodes Petherick não estava inteiramente satisfeito com esta linha.

— As ideias de Sir Malcolm, minha cara Miss Marple — disse o Sr. Petherick — estão deturpadas pelo que chamo de “ponto de vista do especialista”. Ele só vê uma coisa ao examinar um caso: a linha de defesa mais plausível. E com isto às vezes ignora o que para mim é o ponto vital: aquilo que realmente aconteceu.

E após dizer-me algumas palavras bondosas e muito elogiosas sobre a minha perspicácia e o meu conhecimento da natureza humana, ele pediu permissão para contar-me a história na esperança que eu pudesse sugerir alguma explicação.

Pude ver que o Sr. Rhodes estava totalmente descrente de que eu lhe pudesse ser útil, e aborrecido por ter sido levado à minha casa. Porém o Sr. Petherick ignorou-o e relatou-me os acontecimentos da noite de 8 de março.

O Sr. e a Sra. Rhodes estavam hospedados no Crown Hotel em Barchester. A Sra. Rhodes, que, pelo que me deu a entender discretamente o Sr. Petherick, era ligeiramente hipocondríaca, recolhera-se ao leito logo após o jantar. Ela e o marido ocupavam quartos contíguos ligados por uma porta de comunicação. O Sr. Rhodes na ocasião escrevia um livro sobre a pré-história e estava trabalhando em seu quarto. Às onze horas, ele arrumou os papéis e preparou-se para dormir, indo ver antes de deitar se a mulher queria alguma coisa. Encontrou a luz da cabeceira acesa e a mulher deitada sobre a cama com um punhal no coração. Estava morta pelo menos há uma hora, ou talvez mais. Constataram-se os seguintes pontos: a outra porta do quarto da Sra. Rhodes que abria para o corredor estava fechada por dentro e aferrolhada; a única janela do quarto estava trancada; segundo o Sr. Rhodes, ninguém entrara no quarto, a não ser a arrumadeira que trouxera um saco de água quente; a arma encontrada no ferimento era uma adaga italiana que a Sra. Rhodes costumava usar para cortar papéis e que estivera sobre a cômoda. A arma não tinha impressões digitais.

A situação, portanto, resumia-se no seguinte: a não ser o Sr. Rhodes e a arrumadeira, ninguém havia entrado no quarto da vítima.

Indaguei sobre a criada.

— Foi o nosso primeiro cuidado — disse o Sr. Petherick — Mary Hill já trabalha há dez anos no Crown Hotel, e não parece haver absolutamente motivo

algun para que ela de repente matasse uma hóspede. Além disso, ela é muito obtusa, quase uma débil mental. Sua história não varia: levou o saco de água quente para a Sra. Rhodes e encontrou-a sonolenta, quase dormindo. Francamente, eu não posso acreditar, e tenho certeza de que nenhum júri acreditaria que ela cometeu o crime.

O Sr. Petherick prosseguiu acrescentando alguns detalhes. No topo das escadas do Crown Hotel existe uma pequena sala de estar onde os hóspedes às vezes param para tomar uma xícara de café. A última porta do corredor que sai à direita desta sala é a porta do quarto do Sr. Rhodes. Logo em seguida o corredor dobra num ângulo reto novamente para a direita, e a primeira porta é a porta do quarto da Sra. Rhodes. Na ocasião do crime, essas duas portas podiam ser vistas por testemunhas. A primeira, a do quarto do Sr. Rhodes, que chamaremos de porta A, podia ser vista por quatro pessoas: dois caixeiros-viajantes e um casal idoso que tomava café. Seguindo eles, a não ser o Sr. Rhodes e a arrumadeira, ninguém entrou no quarto A. Quanto à outra porta B no outro corredor, um electricista que estava trabalhando junto à mesma, jura que ninguém entrou ou saiu da porta B, a não ser a arrumadeira.

O caso sem dúvida era curioso e interessante. Em face das circunstâncias, parecia que o Sr. Rhodes tinha assassinado a esposa. Contudo eu podia ver que o Sr. Petherrick estava convencido da inocência do seu cliente, e o Sr. Petherick é um homem muito sagaz.

No inquérito o Sr. Rhodes contara uma história vaga e meio incoerente sobre uma mulher que escrevera cartas ameaçadoras à sua esposa. Pelo que compreendi, tal relato fora muito pouco convincente. A pedido do Sr. Petherick, o Sr. Rhodes repetiu sua história.

— Para ser sincero, eu mesmo nunca acreditei nisso. Pensava que Amy inventara tudo.

Pelo jeito a Sra. Rhodes fora dessas pessoas de imaginação larga que romanceiam tudo o que lhes acontece. A quantidade de aventuras que, a acreditar nela, lhe aconteciam a cada ano era simplesmente incrível. Se escorregava numa casca de banana, dizia ter escapado por um triz da morte. Se o abajur pegava fogo, fora salva no último instante de uma casa em chamas. O marido acostumara-se a não fazer caso de suas histórias e simplesmente não deu importância ao caso de uma criança ferida num acidente de carro e cuja mãe jurara vingar-se dela. Esse tal acidente teria acontecido antes do casamento da Sra. Rhodes, e embora ela tivesse mostrado ao marido umas cartas que pareciam ter sido escritas por uma louca, este suspeitara que a própria esposa as tivesse forjado. Na verdade ela fizera isso umas duas vezes já. Era uma mulher com tendências históricas, ávida por excitações constantes.

Ora, não me causou estranheza o comportamento da Sra. Rhodes. Na realidade temos na aldeia uma mulher que age exatamente da mesma forma. O

perigoso é que quando acontece realmente alguma coisa extraordinária com essas pessoas, ninguém acredita que estejam falando a verdade. Pelo que compreendi, a polícia achou que o Sr. Rhodes inventara essa história improvável para afastar de si as suspeitas.

Perguntei se havia alguma mulher hospedada sozinha no hotel. Parece que havia duas: a Sra. Granby, uma viúva anglo-indiana, e a Srta. Carruthers, uma solteirona desengonçada que trocava todas as consoantes sibilantes pelo xiz. O Sr. Petherick acrescentou que a polícia realizara investigações cuidadosas, e não encontrara ninguém que tivesse visto alguma delas perto da cena do crime, e não fora descoberta nenhuma ligação entre as duas e o casal. Pedi-lhe uma descrição das duas mulheres. Disse-me o Sr. Petherick que a Sra. Granby tinha cabelos vermelhos muito maltratados e cerca de uns cinquenta anos. Suas roupas eram extravagantes, feitas em sua maioria de seda indiana. Já a Srta. Carruthers teria uns quarenta anos, cabelos bem curtos, e usava pince-nez e costumes de corte masculino.

— Ai, ai, ai. Isto dificulta muito as coisas.

O Sr. Petherick lançou-me um olhar interrogativo, mas eu não quis acrescentar mais nada no momento, e assim perguntei o que Sir Malcolm Ode dissera.

Pelo jeito Sir Malcolm estava disposto a jogar todos os seus trunfos na tese do suicídio. O Sr. Petherick disse que o médico legista era totalmente contrário a essa hipótese, além do fato que o punhal não tinha nenhuma impressão digital. Contudo Sir Malcolm estava certo de poder apresentar testemunhos médicos conflitantes e sugerir uma explicação para a ausência de impressões.

Perguntei ao Sr. Rhodes a sua opinião e ele respondeu-me que achava todos os médicos uns idiotas, mas que ele próprio não podia realmente acreditar que a mulher houvesse se suicidado.

— Ela não era desse tipo — disse ele com simplicidade e acreditei nele. Pessoas históricas geralmente não cometem suicídio.

Refleti um pouco e perguntei se a porta do quarto da Sra. Rhodes dava diretamente para o corredor. O Sr. Rhodes disse-me que não, a porta do quarto dava para um pequeno saguão que abria para um lavatório. Fora esta porta do quarto para o saguão que havia sido encontrada trancada e aferrolhada por dentro.

— Sendo assim — retruqueei — o caso me parece extremamente simples.

E na verdade, era mesmo. O caso mais simples do mundo. E no entanto ninguém conseguira ver isto.

Tanto o Sr. Petherick quanto o Sr. Rhodes ficaram me olhando tão espantados que até fiquei sem jeito.

— Talvez a Senhorita não tenha pesado bem as dificuldades — disse o Sr. Rhodes.

— Pesei, sim — repliquei. — Só existem quatro possibilidades: ou a Sra. Rhodes foi morta pelo marido, ou foi morta pela arrumadeira, ou cometeu suicídio, ou então foi morta por um estranho que ninguém viu entrar nem sair.

— Esta última hipótese é impossível — interveio o Sr. Rhodes. — Ninguém podia entrar ou sair pelo meu quarto sem que eu visse, e mesmo se alguém conseguisse entrar no quarto de minha mulher sem ser visto pelo electricista, como poderia ter saído deixando a porta trancada e aferrolhada por dentro?

O Sr. Petherick olhou para mim e disse encorajadoramente: — Bem, Miss Marple?

— Gostaria de fazer uma pergunta — retruquei. — Sr. Rhodes, como era a arrumadeira? Poderia descrevê-la?

Ele respondeu que não tinha reparado muito. Acreditava que fosse mais alta do que baixa, mas não se lembrava se os cabelos eram claros ou escuros. Voltei-me para o Sr. Petherick e fiz-lhe a mesma pergunta.

Ele disse que ela era de estatura média, tinha cabelos louros, olhos azuis e era muito corada.

O Sr. Rhodes comentou: — É melhor observador do que eu, Petherick.

Atrevi-me a discordar e perguntei ao Sr. Rhodes se poderia descrever a minha empregada. Nem ele nem o Sr. Petherick conseguiram fazê-lo.

— Não veem o que isto significa? — perguntei. — Ambos estavam preocupados com os próprios problemas, e a pessoa que os recebeu era apenas uma criada. O mesmo se aplica ao Sr. Rhodes no hotel. Estava absorto em seu trabalho e viu somente uma arrumadeira, com um uniforme e um avental. Porém o Sr. Petherick olhou a mesma mulher de forma diferente, avaliando-a como uma pessoa.

— E foi com isso que a assassina contou.

Como eles ainda não compreendiam, tive de explicar.

— Acho que as coisas se passaram assim: a arrumadeira entrou pela porta A, atravessou o quarto do Sr. Rhodes para levar o saco de água quente para a Sra. Rhodes e saiu pelo saguão para o corredor B. X, como chamaremos a assassina, entrou pela porta B no pequeno saguão, escondeu-se no lavatório e esperou até a arrumadeira sair. Então entrou no quarto da Sra. Rhodes, apanhou a adaga em cima da cômoda (sem dúvida explorara o quarto antes), dirigiu-se até à cama, apunhalou a mulher adormecida, limpou o cabo da adaga, trancou e aferrolhou a porta pela qual entrara e saiu pelo quarto em que o Sr. Rhodes trabalhava.

O Sr. Rhodes interveio: — Mas eu a teria visto! E o electricista teria visto quando entrou!

— Não, aí é que o senhor se engana — eu disse. — O senhor não a veria, não, se ela estivesse com um uniforme de arrumadeira.

Deixei a ideia penetrar-lhes no cérebro e então continuei:

— O senhor estava absorto em seu trabalho. Pelo canto do olho viu uma arrumadeira entrar, ir até o quarto de sua esposa e sair. Era o mesmo uniforme, mas não era a mesma mulher. Foi isso que as pessoas que tomavam café viram: uma arrumadeira entrar, e uma arrumadeira sair. O mesmo se deu com o electricista. Eu diria que se arrumadeira fosse bonita, a natureza humana sendo o que é, os homens teriam notado o seu rosto. Mas como ela era apenas uma prosaica mulher de meia idade... Bem, todos viram apenas o seu uniforme, não a mulher em si.

O Sr. Rhodes bradou: — Quem era ela?

— Bem — retruquei — isso vai ser um pouco difícil. Deve ter sido ou a Sra. Granby ou a Srta. Carruthers. Pela descrição eu diria que é possível que a Sra. Granby use habitualmente uma peruca, podendo simplesmente tê-la retirado para desempenhar o papel de arrumadeira. Por outro lado, a Srta. Carruthers com o seu cabelo bem curto poderia facilmente enfiar uma peruca para desempenhar o seu papel. Mas acho que os senhores descobrirão facilmente qual das duas é a assassina. Pessoalmente, aposto na Srta. Carruthers.

E na realidade, meus queridos, foi assim que terminou a história. Carruthers era um nome falso, e ela era mesmo a mulher que procurávamos. Havia insanidade em sua família. A Sra. Rhodes fora uma motorista extremamente descuidada e perigosa e atropelara a sua filhinha. A perda levava a pobre mulher à loucura. Ela ocultara com muita sagacidade a sua insanidade que só transparecera nas cartas alucinadas que havia escrito para a sua futura vítima. Há algum tempo ela estava seguindo a Sra. Rhodes e preparara cuidadosamente os seus planos. Na manhã seguinte ao crime despachara pelo correio bem cedo o uniforme de arrumadeira e a peruca. Ao ser acusada sucumbiu e confessou logo. A pobre está internada em Broadmoor agora. Era completamente louca, sem dúvida, mas planejou o crime com muita astúcia.

O Sr. Petherick procurou-me mais tarde trazendo-me uma carta muito delicada do Sr. Rhodes. Na verdade, cheguei a corar. O meu amigo perguntou-me nessa ocasião: — Só mais uma coisinha: o que a faz pensar que era mais provável que a assassina fosse a Srta. Carruthers, e não a Sra. Granby? Nunca tinha visto nenhuma delas!

— Bem — respondi — foi a dicção dela. O senhor mesmo me disse que ela trocava todas as consoantes sibilantes pelo xis. Ora, na realidade isso é muito pouco comum, principalmente numa mulher ainda jovem, de uns quarenta anos. Essa quantidade de xis me pareceu simplesmente um exagero de encenação de alguém que estava representando um papel.

Não lhes direi o que o Sr. Petherick retrucou, mas foi algo muito elogioso para mim, e na verdade não pude evitar de me sentir um bocadinho envaidecida. Sabem, é extraordinário como muitas coisas nesse mundo às vezes acontecem

para o bem. O Sr. Rhodes casou-se novamente, desta vez com uma moça muito simpática e sensata. Os dois agora têm uma menininha linda e — adivinhem só — convidaram-me para madrinha.

Não foi muito gentil da parte deles?

Só espero que não achem que eu esteja me estendendo demais...

FIM

A BONECA DA MODISTA

I

A boneca estava sobre a enorme poltrona de veludo. Não havia muita luz na peça; o céu de Londres estava escuro. Na suave penumbra, de um cinza esverdeado, as cobertas e as cortinas e os tapetes combinavam entre si, todos mantendo uma tonalidade sóbria de verde. A boneca também combinava com o cenário. Estava estendida, frouxa, bem espalhada em suas roupas de veludo verde, com sua touquinha feita do mesmo material, a face pintada. Ela era uma boneca de estimação, um capricho de mulheres ricas, a boneca refestelada ao lado do telefone, ou entre as almofadas do divã. Esparramava-se por ali, eternamente imóvel, mas estranhamente viva. Parecia um produto decadente do século XX.

Sybil Fox, entrando às pressas com alguns tecidos e croquis, olhou para a boneca com uma discreta sensação de surpresa e espanto. Ficou um pouco confusa, mas qualquer que tenha sido a natureza de sua confusão, não chegou à consciência. Em vez disso, perguntou a si mesma, “bem, o que aconteceu com o tecido de veludo azul? Onde o coloquei? Tenho certeza de que ele estava por aqui”. Foi até o patamar da escada e disse em direção à sala de trabalho:

— Elspeth, Elspeth, o tecido azul está por aí? A Sra. Fellows-Brown estará aqui a qualquer momento.

Voltou a entrar na peça, acendendo as luzes. Novamente lançou um olhar para a boneca. “Mas que diabos, onde pode estar esse... Ah, aqui está.” Recolheu o tecido de onde ele caíra de suas mãos. Houve o costumeiro estalar do lado de fora, vindo do patamar, sinal de que o elevador fizera uma parada, e, depois de um ou dois minutos, a Sra. Fellows-Brown, acompanhada de seu pequinês, entrou ofegante na peça, mais parecendo um trem barulhento que chegava a uma estação pouco movimentada.

— Vai vir uma chuvarada — ela disse —, uma água daquelas.

Desfez-se de suas luvas e de um casaco de pele. Alicia Coombe entrou. Nos últimos tempos, não era sempre que vinha, somente quando alguma cliente especial aparecia, o que por certo era o caso da Sra. Fellows-Brown.

Elsbeth, a encarregada da sala de costura, desceu com o vestido, e Sybil o passou pela cabeça da Sra. Fellows-Brown.

— Aí está — ela disse —, acho que ficou bom. Sim, com certeza, acertamos em cheio.

A Sra. Fellows-Brown ficou de lado e olhou-se no espelho.

— Devo confessar que suas roupas realmente dão um jeito de esconder a minha bunda — ela disse.

— Você está muito mais magra do que estava três meses atrás — garantiu-lhe Sybil.

— Para ser sincera, não — disse a Sra. Fellows-Brown –, embora eu deva dizer que pareço mais magra neste vestido. Há alguma coisa no corte de vocês que realmente diminui a minha bunda. É quase como se eu não tivesse bunda nenhuma, quero dizer, como se tivesse uma como a maioria das pessoas tem.

Ela suspirou e cuidadosamente alisou a parte problemática de sua anatomia.

— Isso sempre foi uma dificuldade para mim — ela continuou. — Claro, por muitos anos eu consegui entrar nos vestidos, vocês sabem, esticando bem a parte da frente. Bem, mas agora isso não funciona mais, porque minha barriga está tão grande quanto a parte de trás. E bem, quero dizer, não se pode apertar dos dois lados, não é mesmo?

Alicia Coombe disse:

— A senhora deveria ver algumas das minhas clientes!

A Sra. Fellows-Brown desfilou com o vestido para lá e para cá.

— Ter barriga é pior do que ter uma bunda grande — ela disse. — Aparece mais. Ou talvez a gente tenha essa impressão porque, quero dizer, quando estamos falando com as pessoas a gente está olhando para elas de frente, ou seja, elas não podem ver nossa bunda, mas podem ver nossa barriga. Seja o que for, decidi que é melhor apertar a barriga e deixar a bunda como está.

Ela estendeu o pescoço e o girou ainda mais, e então, de súbito, disse:

— Oh, essa boneca de vocês! Ela me dá arrepios. Há quanto tempo a tem?

Sybil lançou um olhar incerto para Alicia Coombe, que parecia confusa, mas não muito preocupada.

— Não lembro bem... acho que já faz algum tempo. Não sou boa em lembrar das coisas. Ando cada vez pior, simplesmente não consigo lembrar de nada. Sybil, há quanto tempo nós a temos?

Sybil disse com rapidez:

— Não sei.

— Bem — disse a Sra. Fellows-Brown –, ela me deixa arrepiada. Bizarro! Parece que ela está nos observando, sabe, e talvez até rindo debaixo daquelas mangas de veludo. Eu me livraria dela se fosse vocês. — Tremeu de leve, então passou novamente a tratar dos detalhes da confecção do vestido. Deveria ou não encurtar um pouquinho mais as mangas? Depois que todos esses pontos importantes foram decididos de modo satisfatório, a Sra. Fellows-Brown voltou a vestir sua própria roupa e se preparou para sair. Ao passar pela boneca, virou novamente a cabeça.

— Não — ela disse –, eu não gosto dessa boneca. É como se pertencesse à casa. Isso não é saudável.

— O que será que ela quis dizer com isso? — perguntou Sybil, assim que a Sra. Fellows-Brown desceu as escadas.

Antes que Alicia Coombe pudesse responder, a Sra. Fellows-Brown retornou, enfiando a cabeça pela porta.

— Meu bom Deus, esqueci completamente de Fou-Ling. Onde está você, queridinho? Bem, vejamos só!

Ela fixou os olhos, assim como as outras duas mulheres. O pequinês estava sentado na poltrona de veludo verde, o olhar cravado na boneca estirada. Não havia qualquer expressão em seus olhinhos saltados, fosse de prazer ou ressentimento. Ele estava apenas olhando para o objeto.

— Vem cá, queridinho da mamãe — disse a Sra. Fellows-Brown.

O queridinho da mamãe não deu a mínima bola para ela.

— Ele está se tornando a cada dia mais desobediente — disse a Sra. Fellows-Brown, com o ar de quem fosse capaz de catalogar virtudes. — Vamos, Fou-Ling. Hora do papazinho. Um figadozinho saboroso.

Fou-Ling moveu a cabeça alguns centímetros na direção de sua dona, então, cheio de desdém, voltou a apreciar a boneca.

— Ela certamente o impressionou — disse a Sra. Fellows-Brown. — Não creio que ele a tivesse notado antes. Eu também não a tinha visto. Ela já estava aqui na última vez que eu vim?

As duas outras mulheres trocaram um olhar entre si. Sybil agora tinha o cenho franzido, e Alicia Coombe disse, enrugando a testa:

— Já lhe disse, simplesmente não consigo lembrar das coisas nos últimos tempos. Há quanto tempo a boneca está conosco, Sybil?

— De onde ela veio? — perguntou a Sra. Fellows-Brown. — Vocês a compraram?

— Oh, não. — De algum modo a ideia a surpreendeu. — Oh, não. Acho que... acho que alguém deve ter me presenteado com ela. — Ela balançou a cabeça. — Isso é enlouquecedor! — exclamou. — Absolutamente enlouquecedor quando as coisas se apagam da sua cabeça logo depois de acontecer.

— Não seja estúpido, Fou-Ling — disse a Sra. Fellows-Brown com rispidez. — Vamos. Terei que pegar você.

Ela o apanhou. Fou-Ling emitiu um curto latido como forma de agônico protesto. Saíram da peça com a cara de olhos esbugalhados voltada para trás, por sobre o tronco peludo, encarando ainda com enorme atenção a boneca sobre a poltrona...

— Aquela boneca ali — disse a Sra. Groves — é de arrepiar os cabelos.

A Sra. Groves era a faxineira. Ela acabara de limpar o chão, movendo-se como se fosse um caranguejo. Agora estava de pé e trabalhava vagarosamente na peça retirando o pó.

— Engraçado — disse a Sra. Groves —, até ontem, eu nunca tinha reparado nela. E então fui pega de surpresa por ela, como se diz.

— Você não gosta dela? — perguntou Sybil.

— Confesso, Sra. Fox, que ela me provoca arrepios — disse a faxineira. — Não é algo normal, se a senhora me entende. Essas pernas longas, o modo como ela se espalha por ali e o olhar penetrante cravado na gente. Não parece uma coisa saudável, é isso.

— Você nunca disse nada sobre ela antes — disse Sybil.

— Estou lhe dizendo, nunca tinha percebido a boneca, só notei hoje de manhã... É claro que eu sei que ela já estava há algum tempo por aí, mas... — Ela parou e uma expressão de perplexidade passou rapidamente por seu rosto. — Parece uma dessas coisas que a gente sonha à noite — ela disse e, juntando vários materiais de limpeza, se retirou da sala de prova, seguindo pelo patamar até a peça oposta.

Sybil parou diante da boneca. Uma expressão de espanto crescia em sua face. Alicia Coombe entrou e Sybil se voltou bruscamente.

— Srta. Coombe, há quanto tempo a senhorita tem essa criatura?

— O quê, a boneca? Minha querida, você sabe que não consigo lembrar de nada. Ontem, meu Deus, isso é tão ridículo!, eu estava indo assistir àquela palestra e não estava nem no meio do caminho quando descobri, de repente, que não conseguia lembrar para onde eu ia. Pensei e pensei. Finalmente disse para mim mesma: deve ser no Fortnum's. Sabia que tinha algo importante para mim no Fortnum's. Bem, você não vai acreditar, mas foi somente quando já estava em casa, tomando meu chá, que lembrei de fato da tal palestra. Claro, sempre escutei que as pessoas ficam gagás à medida que envelhecem, mas comigo está acontecendo muito rápido. Acabei de esquecer onde pus minha bolsinha, e também meus óculos. Onde foram parar esses malditos óculos? Estava com eles agora mesmo... Estava lendo alguma coisa no Times.

— Os óculos estão sobre a lareira — disse Sybil, alcançando-os a ela. — Como a senhorita conseguiu essa boneca? Quem lhe deu?

— Também isso não me vem, é um branco — disse Alicia Coombe. — Alguém me deu de presente ou a enviou para mim, acho... No entanto, ela parece combinar perfeitamente com a sala, não?

— Sim, me parece muito bem — disse Sybil. — O engraçado é que não consigo me lembrar da primeira vez que a vi.

— Por favor, não comece a seguir o mesmo caminho que eu — admoestou-a Alicia Coombe. — Afinal, você ainda é jovem.

— Mas é verdade, Srta. Coombe, não consigo me lembrar. Quero dizer, olhei para ela ontem e achei que havia algo, como bem disse a Sra. Groves, algo assustador nela. E então me dei conta que já havia pensado nisso, e então tentei me lembrar da primeira vez que tinha pensado nisso, e... bem, eu simplesmente não conseguia lembrar de nada! De certa maneira, era como se eu nunca a tivesse visto antes... só que uma sensação aqui dentro dizia o contrário. Era como

se ela estivesse ali há um longo tempo, mas só agora eu a notasse.

— Talvez ela tenha entrado voando pela janela certo dia num cabo de vassoura — disse Alicia Coombe. — Seja como for, agora este é o seu lar. — Ela deu uma olhada ao redor. — É difícil imaginar esta sala sem ela, não lhe parece?

— Pois é — disse Sybil, com um leve tremor —, mas eu gostaria de poder.

— O quê?

— Imaginar a sala sem ela.

— Será que estamos todas ficando malucas com a boneca? — perguntou Alicia Coombe com impaciência. — O que há de errado com a pobrezinha? Parece-me um repolho podre, mas talvez — ela acrescentou — porque eu esteja sem meus óculos. — Ela colocou-os no nariz e olhou fixamente para a boneca. — Sim — ela disse —, entendo o que você quer dizer. Ela é assustadora... Tem uma aparência triste, mas ao mesmo tempo parece astuta e bastante determinada.

— Engraçado — disse Sybil — a Sra. Fellows-Brown ter sentido tanta aversão pela boneca.

— Ela é do tipo que não se importa em dizer o que lhe vem à cabeça — disse Alicia Coombe.

— Mas é estranho — insistiu Sybil — que essa boneca tenha lhe causado tão forte impressão.

— Bem, as pessoas às vezes sentem uma súbita antipatia pelas coisas.

— Talvez — disse Sybil com um risinho — essa boneca não estivesse aí até ontem... Talvez ela tenha entrado voando pela janela, como a senhorita diz, e tenha se acomodado ali.

— Não — disse Alicia Coombe —, tenho certeza que ela já está ali há algum tempo. Talvez ela só tenha ficado à vista ontem.

— É o que eu acho também — disse Sybil —, que ela já está ali há algum tempo... mas, por outro lado, não consigo lembrar de tê-la visto até ontem.

— Agora, querida — disse Alicia Coombe vigorosamente —, basta. Você está fazendo eu me sentir bastante estranha por causa disso, sinto uns arrepios subindo pela minha espinha. Você não vai começar com uma série de crendices e eventos sobrenaturais para explicar a criatura, vai?

Ela apanhou a boneca, deu-lhe uma chacoalhada, arrumou seus ombros e a fez sentar novamente sobre a poltrona. Sem demora a boneca deslizou um pouco e perdeu a postura.

— Não parece viva, de modo algum — disse Alicia Coombe, olhando para a boneca. — Ainda assim, de um modo engraçado, ela parece viva, não é?

II

— Ah, aquela coisa me perturba — disse a Sra. Groves, enquanto

percorria o salão de exposição, tirando o pó. — Perturba de tal maneira que tenho pavor de entrar na sala de prova.

— O que é que perturba você? — perguntou a Srta. Coombe, que estava sentada na escrivaninha no canto da peça, ocupada com várias contas. — Essa mulher — ela acrescentou, mais para si mesma do que para a Sra. Groves — acha que pode ter dois vestidos de noite, três vestidos de baile e um traje completo a cada ano sem me pagar um centavo sequer por eles! Realmente, cada uma que me aparece!

— É aquela boneca — disse a Sra. Groves.

— O quê? Está falando de nossa boneca outra vez?

— Sim, sentada lá sobre a mesa, como se fosse gente. Ela me assusta demais!

— Do que você está falando?

Alicia Coombe se levantou, cruzou a sala, passou pelo patamar lá fora e entrou na sala oposta — o provador. Havia uma pequena mesa ao estilo Sheraton[6] num dos cantos, e lá, sentada numa cadeira, com os longos braços estendidos sobre o tampo, estava a boneca.

— Parece que alguém andou se divertindo — disse Alicia Coombe —, fazendo-a sentar dessa maneira. Realmente, ela parece bem natural.

Sybil Fox apareceu naquele momento, vinda do andar superior, trazendo um vestido que deveria ser provado naquela manhã.

— Venha aqui, Sybil. Veja a nossa boneca, sentada na minha mesa particular, agora ela escreve cartas.

As duas mulheres olharam a cena.

— Realmente — disse Alicia Coombe —, é ridículo! Me pergunto quem a colocou ali. Foi você?

— Não, não fui eu — disse Sybil. — Deve ter sido uma das garotas lá de cima.

— Uma brincadeira totalmente sem graça — disse Alicia Coombe. Ela tirou a boneca de cima da mesa e a colocou de novo no sofá.

Sybil acomodou com cuidado o vestido sobre uma cadeira, depois saiu e subiu mais uma vez para a oficina.

— Vocês já viram uma boneca — ela disse —, uma boneca de veludo que fica na sala da Srta. Coombe, na sala de prova?

A encarregada da oficina e as três garotas a olharam.

— Sim, senhorita, claro que já vimos.

— Quem de brincadeira a colocou sentada na mesa hoje de manhã?

As três garotas olharam para ela, então Elspeth, a encarregada, disse:

— Sentada na mesa? Não fui eu.

— Nem eu — disse uma das garotas. — Foi você, Marlene?

Marlene negou com a cabeça.

— Não foi mesmo uma piadinha sua, Elspeth?

— Não, de jeito nenhum — disse Elspeth, uma mulher rígida, que parecia trazer a boca sempre cheia de alfinetes. — Tenho mais o que fazer do que ficar brincando com bonecas.

— Escutem — disse Sybil, e para sua surpresa sua voz tremia um pouco. — Foi uma ótima piada, isso foi, eu só quero saber quem foi que fez isso.

As três garotas se eriçaram.

— Já lhe dissemos, Sra. Fox. Nenhuma de nós fez isso, certo, Marlene?

— Não fui eu — disse Marlene –, e se Nellie e Margaret disseram que não foram elas, bem, então não foi nenhuma de nós.

— Já dissemos o que sabíamos — disse Elspeth. — Do que se trata afinal, Sra. Fox?

— Não pode ter sido a Sra. Groves? — perguntou Marlene.

Sybil balançou a cabeça.

— Não pode ter sido a Sra. Groves. Ela levou um senhor susto.

— Vou descer para ver isso com meus próprios olhos — disse Elspeth.

— Ela já não está mais lá — disse Sybil. — A Srta. Coombe já a recolheu da mesa e a colocou de volta no sofá. Bem — ela fez uma pausa –, isso significa que alguém a sentou lá na escrivaninha achando que ia ser engraçado. É o que me parece. E... e eu não consigo entender por que a piadista não se entrega.

— Já lhe disse duas vezes, Sra. Fox — disse Margaret. — Não sei por que a senhora insiste em nos acusar de mentirosas. Não faríamos uma brincadeira tola dessas.

— Me desculpem — disse Sybil. — Não queria incomodá-las. Mas... mas quem mais poderia fazer uma tontice dessas?

— Talvez ela tenha chegado até a mesa com suas próprias pernas — disse Marlene e deu uma risadinha.

Por alguma razão, Sybil não gostou do comentário.

— Na verdade nada disso faz sentido — ela disse, e voltou a descer as escadas.

Alicia Coombe murmurava faceira uma melodia. Olhou ao redor da sala.

— Perdi meus óculos de novo — ela disse –, mas não tem importância. Não quero ver nada neste momento. O problema, claro, é que quando alguém é tão cego como eu e perde seus óculos, a não ser que tenha um outro par para pôr enquanto procura o que está perdido, não poderá achá-los, porque simplesmente não enxerga nada.

— Eu vou dar uma olhada para a senhorita — disse Sybil. — Há pouco a senhorita ainda estava com eles.

— Fui até a outra peça quando você subiu. Acho que os deixei por lá.

Ela foi até a outra peça.

— Que chateação — disse Alice Coombe. — Quero fechar essas contas.

Como posso fazer isso sem meus óculos?

— Vou lá em cima e pego seu par sobressalente no quarto — disse Sybil.

— Não tenho um segundo par aqui comigo — disse Alice Coombe.

— Por quê? O que aconteceu com ele?

— Bem, acho que o esqueci ontem quando fui almoçar. Já telefonei para lá, e também para as outras duas lojas em que estive.

— Ah, querida — disse Sybil —, acho que a senhorita precisa de três pares.

— Se eu tivesse três pares de óculos — disse Alicia Coombe — passaria o resto da vida procurando por eles. Acho mesmo que o melhor é ter apenas um par. Então é preciso procurar até encontrá-lo.

— Bem, deve estar em algum lugar — disse Sybil. — A senhorita só esteve nessas duas peças. Certamente não está aqui, então a senhorita deve tê-lo deixado na sala de prova.

Ela retornou, percorreu a peça, procurando com afinco. Finalmente, como último recurso, ela ergueu a boneca do sofá.

— Estão aqui — ela anunciou.

— Ah, você os encontrou, Sybil?

— Debaixo da preciosa boneca. Acho que a senhorita os tirou quando foi colocá-la de volta no sofá.

— Não. Tenho certeza que não.

— Oh — disse Sybil com exasperação. — Então acho que a boneca pegou os óculos e os estava escondendo da senhorita!

— Com certeza — disse Alicia, olhando pensativa para a boneca. — Sabe, eu não menosprezaria a capacidade dela. Parece uma boneca muito inteligente, não, Sybil?

— Não vou com a cara dela — disse Sybil. — Ela tem um ar de quem sabe alguma coisa que não sabemos.

— Você não acha que ela parece ter uma expressão um pouco triste e ao mesmo tempo doce? — perguntou Alicia Coombe apelativa, mas sem convicção.

— Não vejo qualquer doçura nela — disse Sybil.

— Pois é... talvez você esteja certa... Bem, vamos continuar nossas tarefas. Lady Lee estará aqui em dez minutos. Quero apenas terminar e despachar estas faturas.

III

— Sra. Fox? Sra. Fox?

— Sim, Margaret? — perguntou Sybil. — O que é?

Sybil estava ocupada, reclinada sobre a mesa, cortando um pedaço de cetim.

— Sra. Fox, é a boneca de novo. Fui descer o vestido preto como a

senhora pediu e lá estava a boneca sentada na escrivaninha outra vez. E não fui eu que pus ela ali, não foi nenhuma de nós. Por favor, Sra. Fox, nós não faríamos uma coisa dessas.

A tesoura de Sybil deslizou um pouco.

— Veja — ela disse zangada —, olha só o que você me fez fazer. Oh, bem, depois se dá um jeito. Agora, como é essa história da boneca?

— Ela está sentada na mesa outra vez.

Sybil foi até lá e entrou na sala de prova. A boneca estava sentada na cadeira do mesmo modo como já estivera antes.

— Você é muito determinada, não? — disse Sybil, falando com a boneca. Ela a pegou sem cerimônia e devolveu-a ao sofá.

— Este é o seu lugar, minha garota — ela disse. — Fique aí.

Caminhou até a outra sala.

— Srta. Coombe.

— Sim, Sybil.

— Alguém está brincando conosco, sabe. A boneca estava sentada de novo na escrivaninha.

— Quem você acha que pode ser?

— Uma daquelas três lá de cima — disse Sybil. — Ela deve achar que é engraçado, decerto. Claro que todas elas juram que não têm nada a ver com isso.

— Quem você acha que é? Margaret?

— Não, acho que não é ela. Ela parecia bastante esquisita quando veio me falar. Apostaria na sorridente Marlene.

— De qualquer modo, é uma tolice completa fazer uma coisa dessas.

— Sim, claro, uma estupidez — disse Sybil. — No entanto — acrescentou com acidez —, vou pôr um fim nisso.

— O que fará?

— A senhorita já vai ver — disse Sybil.

Naquela noite, ao sair, ela chaveou a porta da sala de prova pelo lado de fora.

— Estou trancando esta porta — ela disse — e levando a chave comigo.

— Ah, entendo — disse Alicia Coombe, com um leve ar de divertimento. — Você começa a achar que sou eu, não é? Acha que estou tão atrapalhada que entro na sala a fim de escrever, mas em vez disso pego a boneca e a coloco na escrivaninha para escrever para mim. É essa a sua opinião? E depois eu me esqueço de tudo?

— Bem, é uma possibilidade — admitiu Sybil. — De toda maneira, tenho certeza de que nenhuma brincadeirinha acontecerá na sala esta noite.

Na manhã seguinte, com os lábios apertados, a primeira coisa que Sybil fez ao chegar foi destrancar a porta da sala de prova e entrar a largas passadas. A Sra. Groves, com uma expressão injuriada, esfregão e espanador na mão,

esperava no patamar.

— Veremos agora! — disse Sybil.

Então ela recuou com um fraco suspiro.

A boneca estava sentada na escrivaninha.

— Ui! — exclamou a Sra. Groves às suas costas. — Que coisa estranha! Isso sim. Olhe para a senhora, Sra. Fox, está muito pálida, como se tivesse visto uma assombração. A senhora precisa tomar alguma coisa. Será que a Sra. Coombe não tem alguma coisa lá em cima?

— Estou bem — disse Sybil.

Caminhou até onde estava a boneca, levantou-a com cuidado e cruzou a sala com ela.

— Alguém está aplicando um truque na senhora outra vez — disse a Sra. Groves.

— Não sei como alguém pode ter aplicado um truque em mim desta vez — disse Sybil devagar. — Tranquei a porta na noite passada. Você mesma sabe que não teria como alguém entrar aqui.

— Talvez alguém tenha outra chave — disse a Sra. Groves, prestativa.

— Acho que não — disse Sybil. — Nós nunca nos preocupamos em trancar essa porta antes. É uma dessas chaves antigas e há somente uma delas.

— Talvez uma outra chave se encaixe, a chave da porta em frente.

Na sequência, elas testaram todas as chaves que havia na loja, mas nenhuma se encaixava na fechadura da sala de prova.

— Isso é estranho, Srta. Coombe — disse Sybil mais tarde, enquanto almoçavam juntas.

Alicia Coombe parecia um bocado satisfeita.

— Minha querida — ela disse. — Acho isso simplesmente extraordinário. Creio que deveríamos escrever ao pessoal que desenvolve pesquisas psíquicas. Você sabe, eles talvez mandem um investigador, um médium ou algo assim para ver se há alguma coisa peculiar em relação à sala de prova.

— A senhorita não parece nem um pouco preocupada — disse Sybil.

— Bem, de certo modo, estou gostando disso — disse Alicia Coombe. — Quero dizer, na minha idade, é muito divertido quando coisas assim acontecem! Apesar disso, não... — acrescentou pensativa — ...não gosto do rumo que as coisas estão tomando. Quero dizer, essa boneca está saliente demais, não é verdade?

Naquela noite, Sybil e Alicia Coombe trancaram mais uma vez a porta pelo lado de fora.

— Continuo achando — disse Sybil — que alguém está fazendo uma piada conosco, embora, na verdade, eu não consiga entender por quê...

— Você acha que ela vai estar junto à escrivaninha amanhã de manhã? — perguntou Alicia.

— Sim — disse Sybil —, acho sim.

Mas as duas se enganaram. A boneca não estava na escrivaninha, estava sobre o peitoril da janela, olhando para a rua. E novamente havia uma extrema naturalidade em sua posição.

— É uma tolice, mas dá medo, não? — perguntou Alicia Coombe, enquanto tomavam uma rápida xícara de chá naquela tarde. Por consenso, elas não a mantinham na sala de prova, como de costume, mas na sala de Alicia Coombe, que ficava do outro lado.

— Tolice em que sentido?

— Bem, quero dizer, não há nada com que se preocupar. É apenas uma boneca que está sempre num lugar diferente.

A medida que os dias avançavam, parecia cada vez mais fácil observar o fenômeno. Agora não era apenas à noite que a boneca se movia. A qualquer momento que entrassem na sala de prova, depois de terem se ausentado por alguns minutos, podiam encontrar a boneca num lugar diferente. Deixavam-na no sofá e a encontravam numa poltrona. Em outra oportunidade, ocupava uma poltrona diferente da anterior. Algumas vezes aparecia sentada no peitoril da janela, noutras, outra vez na escrivaninha.

— Ela se movimenta de acordo com a própria vontade — disse Alicia Coombe. — E eu acredito, Sybil, que isso a diverte.

As duas mulheres ficaram olhando para aquela figura inerte e espriada em seu veludo macio e solto, com seu rosto de seda pintado.

— Alguns pedaços de veludo e seda e um pouco de tinta, só isso — disse Alicia Coombe. Sua voz trazia certa constrição. — Creio que nós poderíamos nos livrar dela.

— O que a senhorita quer dizer com nos livrar dela? — perguntou Sybil. Sua voz revelava um certo espanto.

— Bem — disse Alicia Coombe —, nós podíamos pô-la no fogo, se houvesse fogo. Queimá-la, quero dizer, como se fosse uma bruxa... Ou, claro — acrescentou sem rodeios —, poderíamos simplesmente jogá-la na lata do lixo.

— Não creio que isso seria uma boa ideia — disse Sybil. — Alguém provavelmente veria a boneca no lixo e a traria de volta para a gente.

— Poderíamos também mandá-la para algum lugar — disse Alicia Coombe. — Você sabe, para uma dessas sociedades que estão sempre escrevendo para pedir alguma coisa para vender ou pôr num bazar. Acho que essa é a melhor ideia.

— Não sei... — disse Sybil. — Ficaria quase com medo de fazer isso.

— Medo?

— Bem, acredito que ela poderia voltar — disse Sybil.

— Você está dizendo que ela poderia voltar para cá?

— Sim, é isso que estou dizendo.

— Acho que estamos cada vez mais dementes, não lhe parece? — disse Alicia Coombe. — Talvez eu realmente esteja gagá e você esteja apenas me divertindo, é isso?

— Não — disse Sybil. — Mas estou com uma terrível e assustadora sensação, sabe, uma horrível sensação de que ela é forte demais para a gente.

— O quê? Esse monte de trapos?

— Sim, essa horrível e molenga mistura de trapos. Porque, veja, ela está tão determinada.

— Determinada?

— A seguir seu próprio caminho! Quero dizer, este é o quarto dela agora.

— Sim — disse Alicia Coombe, olhando ao seu redor —, é isso, não é?, a cor das paredes e tudo mais... Acreditava que ela se adaptava à sala, mas é a sala que se adapta a ela. Devo dizer — acrescentou a modista, com um toque de vivacidade na voz — que é meio absurdo que uma boneca chegue e tome posse das coisas. Você sabe, a Sra. Groves já não vem limpar esta peça.

— Ela disse ter medo da boneca?

— Não. Simplesmente dá as mais variadas desculpas. — Então Alicia acrescentou, com uma nota de pânico: — O que vamos fazer, Sybil? Isso está me atrapalhando, sabe? Não consigo desenhar um vestido sequer há semanas.

— Não consigo me concentrar decentemente nos cortes — confessou Sybil. — Cometo os erros mais tolos. Talvez — ela disse receosa — sua ideia de escrever para um centro de pesquisas psíquicas possa dar certo.

— Isto fará apenas com que façamos papel de idiotas — disse Alicia Coombe. — Quando eu disse aquilo não estava falando sério. Não, acho que teremos que seguir em frente até que...

— Até que o quê?

— Oh, não sei — disse Alicia, e sorriu de modo incerto.

No dia seguinte, ao chegar, Sybil encontrou a porta da sala de prova trancada.

— Srta. Coombe, a senhorita tem a chave? Trancou a sala na noite passada?

— Sim — disse Alicia Coombe —, tranquei a porta e assim ela permanecerá.

— O que está dizendo?

— Que simplesmente desisti da peça. A boneca pode ficar com ela. Não precisamos de duas salas. Podemos nos virar com esta aqui.

— Mas é a sua sala de estar particular.

— Bem, não preciso mais dela. Tenho um ótimo quarto. Posso fazer uma sala de estar por lá, não?

— Está dizendo que não vai mais entrar na sala de prova? — perguntou Sybil com incredulidade.

— Exatamente.

— Mas... E quanto à limpeza? A peça ficará em péssimo estado.

— Que fique! — disse Alicia Coombe. — Se este lugar está sofrendo algum tipo de possessão por parte da boneca, tudo bem... deixe que ela mantenha suas posses. E que ela mesma limpe os seus aposentos. — E acrescentou: — Ela nos odeia, você sabe.

— O que está dizendo? — disse Sybil. — A boneca nos odeia?

— Sim — disse Alicia. — Você não sabia? Pois precisava saber. É impossível que não tenha percebido isso ao olhar para ela.

— Sim — disse Sybil de modo pensativo. — Acho que sim. Acho que senti isso desde o início... Ela sempre nos odiou, sempre quis que déssemos o fora daqui.

— É uma criaturinha maliciosa — disse Alicia Coombe. — Seja como for, ela deve estar satisfeita agora.

Depois disso, as coisas seguiram de maneira mais tranquila. Alicia Coombe anunciou às suas funcionárias que estava desativando momentaneamente a sala de prova, eram muitas salas para limpar e tirar o pó, explicou.

Mas isso mal pôde evitar que ela ouvisse, por acaso, naquela mesma noite, uma das garotas da oficina comentar à outra:

— Agora a Srta. Coombe enlouqueceu de vez. Sempre achei ela um pouco estranha, o modo como esquecia ou perdia as coisas. Mas agora ela se superou, não? Foi longe essa história dela com a boneca lá de baixo.

— Oh, você não acha que ela enlouqueceu de verdade, não é? — perguntou a outra garota. — E se ela tentar nos matar a facadas?

As duas passaram, conversando, e Alicia sentou-se indignada em sua poltrona. Enlouquecendo! Então acrescentou com pesar para si mesma:

— Acho que se não fosse por Sybil, eu pensaria que estou mesmo ficando louca. Mas como tenho do meu lado Sybil e a Sra. Groves, isso faz parecer que há alguma coisa acontecendo. Mas o que não tenho como saber é de que modo isso vai terminar.

Três semanas depois, Sybil disse para Alicia Coombe:

— Temos que entrar de vez em quando naquela sala.

— Por quê?

— Bem, quero dizer, ela deve estar numa terrível imundície. As traças devem estar tomando conta de tudo. Deveríamos ao menos tirar o pó e fazer uma faxina. Depois trancamos novamente.

— Eu preferia manter a peça fechada e não voltar a entrar — disse Alicia Coombe.

Sybil disse:

— Sabe, a senhorita é, de fato, ainda mais supersticiosa do que eu.

— Acho que sim — disse Alicia Coombe. — Estou muito mais disposta a acreditar nessas coisas do que você, mas, para começo de conversa, bem, eu acho esse acontecimento de certa maneira emocionante. Não sei. Simplesmente tenho medo, e prefiro não entrar naquela sala outra vez.

— Bem, eu quero entrar — disse Sybil —, e é o que farei.

— Sabe qual é o seu problema? — perguntou Alicia Coombe. — Você deixa que a curiosidade a domine completamente.

— Tudo bem, então sou curiosa. Quero ver o que a boneca fez.

— Continuo achando que é melhor deixá-la em paz — disse Alicia. — Agora que não entramos mais na sala, ela está satisfeita. O melhor que você pode fazer é deixá-la assim. — Deixou escapar um suspiro de exasperação. — Quanta tolice estamos dizendo!

— Sim, sei que o que estamos dizendo não faz nenhum sentido, mas se a senhorita quer me dar uma oportunidade de parar com essas tolices, passe-me a chave, vamos, agora.

— Tudo bem, tudo bem.

— Creio que a senhorita está com medo de que eu a deixe escapar ou algo assim. É mais fácil pensar que ela tem poderes para atravessar portas e janelas.

Sybill destrancou a porta e entrou.

— Nossa, isso é muito estranho — ela disse.

— O que é estranho? — disse Alicia Coombe, espiando por sobre o ombro da outra.

— Quase não há pó na sala, não é? Qualquer um pensaria que depois de todo esse tempo fechada...

— Sim, isso é mesmo estranho.

— Lá está ela — disse Sybill.

A boneca estava no sofá. Não estava estendida em sua tradicional posição relaxada. Sentava-se com aprumo, ereta, uma almofada apoiada atrás das costas. Por seu aspecto, presumia-se que era a dona da casa, à espera de suas visitas.

— Bem — disse Alicia Coombe —, ela parece estar em casa, não? Sinto-me quase na obrigação de lhe pedir desculpas por ter entrado dessa maneira.

— Vamos — disse Sybill.

Ela recuou, fechou a porta ao sair e voltou a passar a chave.

As duas mulheres se olharam.

— Gostaria de saber por que ela nos assusta tanto... — disse Alicia Coombe.

— Por Deus, quem não ficaria assustada?

— Bem, quero dizer, o que acontece, afinal? Se formos pensar bem, não acontece nada, ela não passa de uma boneca que se move de lá para cá na peça.

Acredito que não seja a própria boneca, mas que ela esteja tomada por um poltergeist.

— Bem, essa parece ser uma boa ideia.

— Sim, mas não consigo acreditar nisso de verdade. Acho que é... que é mesmo aquela boneca.

— Tem certeza de que não sabe mesmo de onde ela veio?

— Não tenho a mais vaga ideia — disse Alicia. — E quanto mais penso nisso, mais me convenço de que não a comprei, e de que ninguém a deu para mim. Creio que ela... bem, que ela simplesmente apareceu.

— A senhorita acha que ela... que ela irá embora um dia?

— Na verdade — disse Alicia —, não sei por que ela iria... Ela tem tudo de que precisa.

Mas parecia que a boneca ainda não conseguira tudo de que precisava. No dia seguinte, quando Sybill entrou no salão de exposição, suspendeu a respiração com um suspiro súbito. Então dirigiu um chamado para o andar de cima.

— Srta. Coombe, Srta. Coombe, venha até aqui.

— O que foi?

Alicia Coombe, que se levantara tarde, desceu as escadas, manquejando um pouco, pois sofria de reumatismo no joelho direito.

— O que está acontecendo, Sybil?

— Veja. Veja o que acaba de acontecer.

As duas pararam junto à porta do salão de exposição. Sentada no sofá, espriada tranquilamente sobre um dos braços do móvel, estava a boneca.

— Ela conseguiu sair — disse Sybil —, conseguiu escapar daquela peça! Agora quer se adonar também do salão.

Alicia Coombe sentou na soleira da porta.

— No final — ela disse —, creio que ela vai querer se apossar da loja toda.

— É possível — disse Sybil.

— Sua criatura nojenta, ladina e maliciosa — disse Alicia, dirigindo-se à boneca. — Por que veio até aqui nos molestar dessa maneira? Não queremos você por aqui.

Tanto ela quanto Sybil tiveram a impressão de que a boneca se moveu de modo muito sutil. É como se seus membros se afrouxassem ainda mais. Um de seus longos braços estendia-se sobre o braço do sofá, e sua face semiculta parecia espiar por cima dele. Além disso, seu olhar tinha um aspecto dissimulado e malicioso.

— Criatura horrível — disse Alicia. — Já não posso suportá-la! Não consigo suportá-la mais um minuto sequer.

De repente, pegando Sybil completamente de surpresa, ela avançou pela sala, apanhou a boneca, correu até a janela, abriu-a e lançou a boneca no meio

da rua. Sybil deixou escapar um pequeno grito e um suspiro.

— Oh, Alicia, a senhorita não devia ter feito isso! Tenho certeza de que não devia ter feito isso!

— Eu precisava fazer alguma coisa — disse Alicia Coombe. — Simplesmente não a aguentava mais.

Sybil juntou-se a ela à janela. Lá embaixo, no meio da calçada, estendia-se a boneca, os membros espalhados, a face voltada para o chão.

— A senhorita a matou — disse Sybil.

— Não seja ridícula... Como posso matar algo que é feito de veludo e seda, de fragmentos e pedaços. Não é real.

— É terrivelmente real — disse Sybil.

Alicia trancou a respiração.

— Céus. Aquela criança...

Uma criança maltrapilha estava junto da boneca na calçada. Ela olhou para um lado e para o outro da rua, uma rua que não estava excessivamente cheia àquela hora da manhã, embora houvesse algum tráfego de automóveis; então, como se estivesse satisfeita, a menina se curvou, apanhou a boneca e atravessou a rua correndo.

— Pare, pare! — gritou Alicia.

Ela se voltou para Sybil.

— Aquela criança não pode levar a boneca. Não pode! Aquela boneca é perigosa... é diabólica. Precisamos detê-la.

Não foram elas que a pararam. Foi o tráfego. Naquele momento três táxis vinham de um lado e dois furgões de comerciantes do outro. A criança estava isolada num espaço entre as duas faixas. Sybil desceu as escadas correndo, com Alicia Coombe atrás. Esquivando-se entre um furgão e um carro particular, Sybil, seguida de perto por Alicia Coombe, chegou no espaço em que estava a criança antes que ela pudesse vencer o tráfego e chegar até o outro lado.

— Você não pode ficar com essa boneca — disse Alicia Coombe. — Devolva-a para mim.

A criança olhou para ela. Era uma garotinha muito magra, de cerca de oito anos, com um leve estrabismo.

— Por que eu devo dar ela pra você? — ela disse. — Você jogou ela pela janela que eu vi... vi você jogando. Se você jogou ela pela janela é porque não queria a boneca. Então, agora ela é minha.

— Eu lhe compro outra — disse Alicia, desesperada. — Iremos até uma loja de brinquedos, qualquer uma que você quiser, e eu lhe comprarei a melhor boneca que você encontrar. Mas me devolva essa aí.

— Nada feito — disse a criança.

Seus braços envolveram protetoramente a boneca.

— Você precisa devolver essa boneca — disse Sybil. — Ela não pertence

a você.

Ela se esticou para tomar a boneca da criança e naquele instante esta lhe pisou o pé, deu meia-volta e começou a gritar:

— Nada feito! Nada feito! Nada feito! Ela é minha. Eu amo ela. Vocês não amam ela. Vocês odeiam ela. Se vocês não odiassem ela, não tinham jogado ela pela janela. Eu amo ela, eu estou dizendo, e é isso que ela quer. Ela quer ser amada.

E então, como uma enguia deslizando por entre os veículos, a criança atravessou a rua, tomou uma ruela e saiu do alcance de visão das duas mulheres antes que elas pudessem decidir desviar dos carros para segui-la.

— Ela se foi — disse Alicia.

— Ela disse que a boneca queria ser amada — disse Sybil.

— Talvez — disse Alicia —, talvez fosse isso o que ela quisesse todo esse tempo... ser amada...

No meio do tráfego londrino, as duas mulheres se entreolharam assustadas.

FIM

ATRAVÉS DE UM ESPELHO SOMBRIO

Não tenho explicação para esta história. Não tenho teorias sobre o porquê de tudo isto. Simplesmente aconteceu.

Da mesma maneira, às vezes eu me pergunto como teriam sido as coisas se eu tivesse percebido naquele momento o detalhe essencial que só pude apreciar muitos anos depois. Se eu o tivesse percebido... bem, suponho que o destino de três vidas poderia ter sido completamente alterado. De algum modo, não deixa de ser um pensamento assustador.

Tudo começou quando tive que retornar no verão de 1914 — um pouco antes da guerra —, seguindo para Badgeworthy na companhia de Neil Carslake. Neil era, acredito, meu melhor amigo. Eu também tinha conhecido seu irmão Alan, mas não muito bem. Sylvia, a irmã deles, eu não conhecera. Ela era dois anos mais nova que Alan e três mais moça do que Neil. Por duas vezes, enquanto frequentávamos a mesma escola, eu deveria ter ido passar as festas com Neil em Badgeworthy, mas nas duas vezes imprevistos impediram que isso ocorresse. Foi dessa maneira que somente aos 23 anos é que acabei conhecendo a casa de Neil e Alan.

Teríamos uma festa das grandes por lá. Sylvia, a irmã de Neil, acabara de anunciar seu noivado com um sujeito chamado Charles Crawley. Ele era, como dizia Neil, um bocado mais velho do que ela, mas um camarada bastante decente e razoavelmente próspero.

Chegamos, lembro-me, por volta das sete da noite. Cada um tinha ido para seu respectivo quarto para trocar de roupa para o jantar. Neil indicou-me o meu. Badgeworthy era um velho e charmoso casarão. Anexos foram construídos livremente ao longo de três séculos, de modo que o casarão acabou cheio de pequenos desníveis para cima e para baixo, e escadas surpreendentes. Era o tipo de habitação em que não é fácil se localizar. Lembro-me de Neil prometer vir me buscar para que descêssemos para jantar. Sentia-me um pouco tímido diante da perspectiva de encontrar seus familiares pela primeira vez. Recordo de dizer entre risadas que aquele era o tipo de casarão em que alguém esperava encontrar fantasmas pelos corredores, e ele disse, sem qualquer pudor, que acreditava que o lugar era assombrado, mas que nenhum deles jamais vira qualquer coisa, e que ele não sabia nem que forma um fantasma deveria ter.

Então ele se retirou e eu resolvi abrir minha mala para pegar as minhas roupas de noite. Os Carslakes não eram abastados; aferravam-se ao seu velho casarão, mas não tinham serviços ou camareiros.

Bem, eu acabara de chegar ao estágio de dar o nó em minha gravata. Estava parado em frente ao espelho. Podia ver meu rosto e meus ombros e atrás deles a parede do quarto — uma parede plana, interrompida por uma porta

posicionada bem no centro dela — e, enquanto terminava de ajeitar minha gravata, percebi que a porta se abria.

Não sei por que não me virei — creio que teria sido a atitude natural; de todo modo, não foi o que fiz. Fiquei apenas observando a porta se abrir devagar — e à medida que ela foi se abrindo, pude ver o quarto que ficava além dela.

Era um quarto — maior do que o meu — com duas camas, mas logo, porém, minha respiração se suspendeu: ao pé de uma das camas estava uma garota e ao redor de seu pescoço havia um par de mãos masculinas, e o homem a puxava devagar para trás, apertando sua garganta, de modo a sufocar a garota vagorosamente.

Não havia qualquer possibilidade de engano. Eu enxergava com clareza a situação. O que estava sendo cometido ali era um assassinato.

Podia ver com nitidez o rosto da garota, seus cabelos de um loiro vívido, o terror agonizante de sua bela face, ruborizada pouco a pouco pelo sangue. Do homem conseguia enxergar apenas as costas, as mãos e a cicatriz que corria de cima a baixo pela face esquerda até chegar ao seu pescoço.

Levou algum tempo para que eu me desse conta do que se passava, mas na realidade não foram mais do que alguns instantes de indecisão. Então me virei de súbito para salvá-la...

E na parede atrás de mim, a parede refletida no espelho, não havia mais do que um guarda-roupa vitoriano de mogno. Nenhuma porta aberta, nenhuma cena de violência. Voltei a olhar para o espelho. Em sua superfície refletia-se apenas o guarda-roupa...

Passei minhas mãos sobre os olhos. Então cruzei o quarto e tentei arrear o guarda-roupa para frente. Foi nesse momento que Neil entrou pela outra porta que vinha do corredor e me perguntou que diabos eu estava tentando fazer.

Deve ter me achado um tanto bizarro por lhe perguntar, quando me voltei para ele, se havia uma porta atrás daquele guarda-roupa. Ele disse, sim, havia uma porta aí atrás, ela dava para o quarto contíguo. Perguntei-lhe quem estava ocupando o quarto contíguo, e ele disse que eram os Oldams — um tal major Oldam e sua esposa. Perguntei-lhe então se a Sra. Oldam tinha cabelos claros, e quando ele respondeu secamente que ela era morena comeci a perceber que muito provavelmente eu estava fazendo papel de palhaço com aquela história toda. Tratei de me recompor, arranjei alguma desculpa esfarrapada e depois descemos juntos. Disse a mim mesmo que eu devia ter sofrido algum tipo de alucinação — sentindo-me, de modo geral, bastante envergonhado e um bocadinho idiota.

E então... Neil disse: “Minha irmã Sylvia”, e eu olhava para o rosto adorável da garota que eu tinha visto ser sufocada até a morte... e logo fui apresentado ao seu noivo, um homem alto e moreno com uma cicatriz que lhe corria por todo o lado esquerdo da face.

Bem, aí estão os fatos. Gostaria que você pensasse ou dissesse o que faria se estivesse em meu lugar. Ali estava a garota — a mesma garota — e o homem que eu tinha visto sufocá-la — e os dois iriam se casar dentro um mês aproximadamente.

Tivera eu, ou não, uma visão profética do futuro? Será que Sylvia e o marido viriam para cá em algum momento no futuro e seriam alojados naquele quarto (o melhor quarto de hóspedes), fazendo com que a cena que eu havia testemunhado se realizasse em toda sua crueldade?

O que eu deveria fazer, afinal? Será que eu poderia fazer alguma coisa? Será que Neil ou a própria garota acreditariam em mim?

Não pensei em outra coisa durante toda a semana em que estive lá. Falar ou não sobre isso? E de modo quase instantâneo, outra complicação se apresentou. Veja você, apaixonei-me perdidamente por Sylvia Carslake no primeiro instante em que a vi... Desejava-a mais do que qualquer outra coisa na face da Terra... E isso, de certa maneira, deixou-me de mão atadas.

E ainda assim, se eu não dissesse nada, Sylvia se casaria com Charles Crawley e então ele a mataria...

De forma que, um dia antes de minha partida, resolvi revelar tudo a ela. Disse-lhe que acharia normal se me considerasse com o intelecto prejudicado ou algo semelhante, mas lhe jurei solenemente que tinha visto as coisas da exata maneira como haveria de lhe contar e que se ela estava determinada a se casar com Crawley, eu tinha obrigação de lhe falar sobre minha estranha experiência.

Ela escutou em profundo silêncio. Havia algo em seus olhos que eu não conseguia compreender. Ela não estava nem um pouco furiosa. Assim que terminei, agradeceu-me com seriedade. Segui repetindo como um idiota, “Eu vi isso acontecer. Realmente vi”, e ela disse, “tenho certeza que sim, se você diz. Acredito em você.”

Bem, o resultado é que acabei indo embora sem saber se tinha feito a coisa certa ou agido como um idiota, e uma semana depois Sylvia rompeu o noivado com Charles Crawley.

Depois disso, estourou a guerra, e não havia muito tempo livre para pensar em qualquer outra coisa. Uma ou duas vezes, quando estava de licença, cruzei com Sylvia, mas, tanto quanto possível, acabei por evitá-la.

Eu a amava e a queria mais do que nunca, mas de algum modo sabia que não seria agir da maneira correta. Graças a mim ela havia rompido o noivado com Crawley, e eu não deixava de repetir para mim mesmo que só poderia justificar a ação que eu havia tomado se fizesse de minha atitude um gesto puramente desinteressado.

Então, em 1916, Neil foi morto e coube a mim contar a Sylvia sobre seus últimos momentos. Já não podíamos permanecer nos tratando com toda aquela formalidade. Sylvia adorava Neil e ele havia sido meu melhor amigo. Ela estava

graciosa, adoravelmente graciosa em sua dor. Mal consegui segurar minha língua e parti outra vez, desejoso de que uma bala me encontrasse e pusesse fim a toda aquela situação miserável. A vida sem Sylvia não valia a pena ser vivida.

Mas não havia nenhuma bala endereçada a mim. Uma pegou de raspão debaixo do meu ouvido direito e outra foi desviada pela cigarreira em meu bolso, mas ao fim de tudo escapei ileso. Charles Crawley foi morto em combate no início de 1918.

De alguma maneira, isso fez a diferença. Voltei para casa no outono de 1918, um pouco antes do Armistício, e fui direto ao encontro de Sylvia para lhe revelar meu amor. Não tinha muitas esperanças de que ela fosse acolher de imediato meu sentimento, e você não poderia fazer ideia da minha surpresa quando ela me perguntou por que não havia lhe dito isso antes. Deixei escapar alguma coisa sobre Crawley e ela disse, “Mas por que você acha que terminei com ele?”, e então ela me revelou que havia se apaixonado por mim do mesmo modo que eu me apaixonei por ela — desde o primeiro instante.

Disse-lhe que eu achava que ela tinha rompido seu noivado por causa da história que eu lhe contara, e ela sorriu zombeteira e me disse que se você ama um homem, não o abandona assim tão covardemente, e então nós repassamos a minha visão e concordamos que era estranha, mas nada de mais.

Bem, depois disso, por um bom tempo nada de muito significativo aconteceu. Sylvia e eu nos casamos e fomos muito felizes. Mas percebi, tão logo tive a noção de que ela era realmente minha, que eu não fora talhado para ser o melhor tipo de marido. Amava Sylvia com devoção, mas eu era ciumento, absurdamente ciumento de qualquer um a quem ela dirigisse um mero sorriso que fosse. Isso a divertiu em um primeiro momento, chego a pensar que isso chegava inclusive a agradá-la. Era prova, afinal, da extensão do meu amor.

Quanto a mim, percebi de forma completa e inequívoca que não só fazia papel de tolo como também estava pondo em risco a paz e a felicidade de nossa vida conjugal. Eu sabia disso, confesso, mas não conseguia mudar. Cada vez que Sylvia recebia uma carta e não me mostrava, eu me atormentava sobre a identidade de quem a havia enviado. Se ela sorrisse e conversasse com qualquer homem, logo dava comigo mal-humorado e vigilante.

De início, como disse, Sylvia ria de mim. Achava que era uma grande brincadeira. Logo passou a não achar tão engraçada a brincadeira. Por fim, já não achava graça nenhuma...

E, aos poucos, começou a se afastar de mim. Não no sentido físico, mas começou a afastar sua intimidade de mim. Eu já não sabia quais eram seus pensamentos. Ela era gentil, mas infelizmente de um modo distante.

Gradualmente, percebi que ela não me amava mais. O amor dela morrera e tinha sido eu o seu assassino...

O passo seguinte foi inevitável, dei-me conta de que o esperava,

temeroso...

Então Derek Wainwright entrou em nossas vidas. Ele tinha tudo o que eu não tinha. Era inteligente e dono de uma língua afiada. Ademais, tinha boa aparência, e — sou forçado a admitir — era um ótimo sujeito. Assim que o vi, disse para mim mesmo: “Está aí o homem certo para Sylvia...”.

Ela lutou contra isso. Sei que ela lutou... mas não lhe ofereci qualquer ajuda. Eu não podia. Estava mergulhado em minha melancólica e taciturna casmurrice. Eu sofria como o diabo — e não era capaz de estender um dedo sequer para me salvar. Não a ajudei. Piorei ainda mais as coisas. Certo dia, despejei sobre ela um ímpeto de cólera, selvagem e injustificada. As coisas que lhe disse foram cruéis e falsas e, enquanto eu as dizia, sabia o quão cruéis e falsas eram de fato. E ainda assim, senti um prazer brutal em dizer aquilo...

Lembro-me de como Sylvia ficou vermelha e se encolheu...

Levei-a ao limite de sua resistência.

Lembro-me que ela disse: “Isso não pode continuar...”.

Quando cheguei em casa naquela noite, encontrei-a vazia — totalmente vazia. Havia um bilhete — bem ao estilo tradicional.

Nele ela dizia que estava me deixando — para sempre. Havia seguido para Badgeworthy, para passar alguns dias. Depois disso, iria ao encontro de uma pessoa que a amava e que precisava dela. Eu devia aceitar sua decisão como definitiva.

Acho que até então eu não tinha realmente acreditado em minhas próprias suspeitas. Essa confirmação por escrito de meus piores medos me deixou terrivelmente possesso. Fui atrás dela em Badgeworthy o mais rápido que o carro pôde me levar.

Ela acabava de trocar o vestido para o jantar, lembro bem, quando invadi a peça. Posso ver sua face: surpresa, linda, assustada.

Eu disse: “Ninguém além de mim poderá tê-la. Ninguém”.

E eu a agarrei pelo pescoço e minhas mãos se aferraram à sua carne e eu a inclinei para trás.

Subitamente, vi nosso reflexo refletido no espelho. Sylvia prestes a sufocar e eu a estrangulá-la, a cicatriz em minha face onde a bala a havia marcado, abaixo da orelha direita.

Não, eu não a matei. Aquela repentina revelação me paralisou e fez com que afrouxasse os meus dedos, permitindo que o corpo dela deslizasse para o chão...

E então comecei a chorar — e ela me consolou... Sim, ela me consolou.

Eu lhe disse tudo o que sentia, e ela me disse que com a frase “uma pessoa que a amava e que precisava dela” estava se referindo ao seu irmão Alan... Abrimos nossos corações um para o outro naquela noite, e acho que, daquele momento em diante, jamais voltamos a nos separar...

É um pensamento edificante para se levar ao longo da vida — que, não fossem a graça de Deus e um espelho, alguém poderia se tornar um assassino...

Uma coisa de fato morreu naquela noite: o demônio do ciúme que me possuía por tanto tempo...

Mas às vezes me questiono: se eu não tivesse cometido o erro inicial — a cicatriz na face esquerda, quando de fato era na direita — em função da imagem refletida pelo espelho... Estaria eu tão certo de que o homem era Charles Crawley? Será que teria avisado Sylvia? Estaria ela casada comigo ou com ele?

Ou será que o passado e o futuro são um só?

Sou um sujeito simples — e não sei fingir que entendo dessas coisas. Tenho certeza apenas do que vi, e que, graças a essa visão, Sylvia e eu estamos juntos, à moda antiga: até que a morte nos separe. E talvez além...

FIM

A EXTRAVAGÂNCIA DE GREENSHAW



I

Os dois homens contornaram a sebe.

— Bem, chegamos — Raymond West disse. — É isto aí!

Horace Bindler inspirou profunda e apreciadoramente.

— Mas que maravilha, meu caro — ele exclamou. Sua voz elevou-se num grito estridente de prazer estético, depois baixou de tonalidade para expressar uma estupefação respeitosa.

— É inacreditável! Não existe! Uma das melhores peças da época.

— Achei que você gostaria — Raymond retrucou complacientemente.

— Gostar? Meu caro — Horace não conseguiu exprimir-se. Desafivelou a correia de sua câmera e dela se ocupou. — Esta será uma das preciosidades da minha coleção — falou alegremente. — Você não acha que é bastante divertido ter uma coleção de monstruosidades? Tive esta ideia há sete anos atrás quando estava tomando banho. Encontrei minha última peça rara verdadeira no Campo Santo em Gênova, mas acredito sinceramente que esta lhe seja superior. Como se chama?

— Não tenho a mínima ideia — Raymond respondeu.

— Será que tem um nome?

— Deve ter. A verdade é que, por estas bandas, só nos referimos a ela como a Extravagância de Greenshaw.

— É o nome do homem que a construiu?

— É! Em 1860 ou 70, por aí. Na época só se falava nisso por aqui. Jovem paupérrimo que Obtivera enorme prosperidade. A opinião das pessoas da cidade divide-se quanto ao motivo que o levou a construir esta casa. Tanto pode ter sido simplesmente por possuir dinheiro em demasia, ou com o intuito de impressionar seus credores. Neste último caso, não surtiu efeito. Foi à falência ou andou por

pouco. Daí o nome de a Extravagância de Greenshaw. A câmara de Horace deu um estalido.

— Pronto — disse com satisfação. — Lembre-me de mostrar-lhe o número 310 da minha coleção. Uma incrível moldura de lareira feita de mármore, no estilo italiano. E, olhando para a casa, continuou: — Não posso imaginar como o Sr. Greenshaw idealizou tudo isto.

— De certa maneira, é bastante óbvio — disse Raymond. — Depois, por azar, parece ter viajado pelo Oriente. A influência do Taj-Mahal é nítida. Gosto bastante da ala em estilo mourisco e dos vestígios de palácio veneziano.

— É de se admirar que ele tenha conseguido um arquiteto para executar estas ideias.

Raymond deu de ombros.

— Penso que não houve dificuldade quanto a isto — ele disse.

— Provavelmente o arquiteto se aposentou com uma boa renda enquanto o pobre Greenshaw faliu.

— Poderíamos dar uma olhadela do outro lado? — perguntou Horace — ou é proibido?

— Lógico que é proibido — disse Raymond — mas não acredito que isto tenha qualquer importância.

Virou-se em direção à esquina da casa e Horace saltitou atrás dele.

— Mas quem mora aqui? Órfãos ou turistas? Não pode ser uma escola, pois não há local para recreação — nem tampouco sinais daquela eficiência enérgica.

— Oh, um dos Greenshaw ainda mora aqui — disse Raymond por sobre os ombros. — A casa propriamente dita não se perdeu com a falência. O filho do velho Greenshaw a herdou. Ele era um tanto quanto pão-duro e morava aqui num cantinho da casa. Jamais gastou um centavo. Provavelmente nunca teve um níquel para gastar. Sua filha mora aqui agora. Uma velha dama — muito excêntrica.

À medida que falava, Raymond congratulava-se por ter se lembrado da Extravagância de Greenshaw, com o intuito de distrair seu hóspede. Estes críticos literários sempre declaravam ter muita vontade de passar um fim-de-semana no campo, e, comumente, achavam a vida Campestre extremamente monótona, quando dela desfrutavam. Amanhã haveria os jornais de domingo e, por hoje, Raymond West felicitava-se por ter sugerido uma visita à Extravagância de Greenshaw, o que enriqueceria a coleção de monstruosidades, bastante conhecida, de Horace Bindler.

Deram a volta na esquina da casa e depararam-se com um gramado abandonado. Em um canto deste havia um grande jardim pedregoso artificial e, inclinando-se sobre ele, uma figura cuja visão fez com que Horace excitadamente agarrasse o braço de Raymond.

— Meu caro! — exclamou. — Você está vendo o que ela está usando? Um vestido estampado, de ramos de flores. Exatamente como uma empregada doméstica — quando as havia. Uma das minhas mais gratas recordações de menino é a de ter passado uns tempos numa casa de campo onde uma empregada de verdade acordava-me, de manhãzinha, usando um vestido estampado, que fazia um barulhinho característico, e uma touca. Sim, meu jovem, uma touca de verdade. Musselina com fitas. Não, talvez fosse a copeira que usasse as fitas. Bem, de qualquer maneira, era uma empregada de verdade e entrava no quarto carregando uma enorme vasilha de latão cheia de água quente. Que dia extraordinário estamos tendo hoje!

A figura de vestido estampado endireitou-se e virou-se para eles, uma colher de pedreiro na mão. Era uma figura bastante surpreendente. Mechas despenteadas de um cinza-ferroso caíam-lhe por sobre os ombros e um chapéu de palha, muito parecido com os usados pelos cavalos na Itália, enterrado em sua cabeça. O vestido estampado que usava ia até quase os tornozelos. Olhos argutos, num rosto não muito limpo e de pele ressecada, examinaram os dois avaliadoramente.

— Peço-lhe desculpas pela invasão, Srta. Greenshaw — Raymond West disse, enquanto encaminhava-se em sua direção — mas o Sr. Bindler, que está passando uns dias comigo...

Horace fez uma mesura e tirou o chapéu.

— ... Tem grande interesse em — bem — história antiga e — bem — construções requintadas.

Raymond West expressou-se com a facilidade de um escritor famoso que sabe que é uma celebridade e que pode se atrever a fazer coisas que outras pessoas não se atreveriam.

A Srta. Greenshaw ergueu os olhos às suas costas para a exuberante casa espalhada pelo terreno.

— É realmente uma bela casa — disse com admiração. — Meu avô a construiu, antes de eu ter nascido, é claro. Dizem que o desejo dele era espantar os moradores daqui.

— Acredito piamente que ele os surpreendeu bastante, senhora — Horace Bindler comentou.

— O Sr. Bindler é o crítico literário de renome — disse Raymond West.

Evidentemente a Srta. Greenshaw não sentia o menor respeito pelos críticos literários, pois não teve nenhuma reação.

— Considero-a — disse a Srta. Greenshaw, referindo-se à casa — como um monumento à genialidade de meu avô. Uns bobalhões vêm aqui e me perguntam por que não a vendo e vou morar num apartamento. O que eu faria num apartamento? Aqui é o meu lar e é aqui que eu moro — disse a Srta. Greenshaw. — Éramos três. Laura casou-se com um cura. Papai negou-se a lhe

dar dinheiro alegando que os curas não eram mundanos. Ela morreu ao dar à luz. O bebê morreu também. Nettie fugiu com o professor de equitação. Papai, naturalmente, deserdou-a. Sujeito bonito, o Harry Fletcher, mas não prestava. Não pense que Nettie foi feliz com ele. De qualquer modo, ela viveu pouco. Tiveram um filho. De vez em quando ele me escreve, mas é lógico que ele não é um Greenshaw. Sou a última dos Greenshaws. — Endireitou os ombros com um certo orgulho e ajustou outra vez a posição de seu chapéu de palha. Depois, virando-se, disse rispidamente:

— Sim, Sra. Cresswell, o que deseja?

Perto deles, vinda da casa, via-se uma mulher que, se comparada à Srta. Greenshaw, era ridiculamente diferente. Sra. Cresswell tinha os cabelos azulados maravilhosamente penteados para cima formando cachos e rolos meticulosos. Era como se ela tivesse se penteado para ir a um baile de carnaval fantasiada de marquesa francesa. O resto desta mulher de meia idade vestia o que deveria ter sido um vestido de seda farfalhante, mas que na realidade era feito de raion preto dos mais brilhantes. Embora não fosse corpulenta, tinha seios grandes e espetaculares. Quando falava, sua voz era inesperadamente grave. Sua dicção era apurada — uma pequena hesitação na pronúncia de palavras começadas por “h”, e a enunciação destas dotadas de aspiração exagerada levava-nos a suspeitar que há muito tempo, quando ainda jovem, tivera tendência a não pronunciá-la.

— O peixe, madame — disse a Sra. Cresswell, — o bacalhau. Ainda não foi entregue. Pedi a Alfred para ir buscá-lo e ele se nega.

De repente Srta. Greenshaw deu uma gargalhada semelhante a um cacarejo.

— Ele se recusa, é?

— Alfred, madame, não tem sido muito prestativo.

A Srta. Greenshaw levou dois dedos sujos de terra à boca e, repentinamente, deu um assobio agudo. Em seguida berrou: — Alfred, venha aqui.

Em resposta a seu chamado um jovem contornou a esquina da casa, uma pá na mão. Seu rosto era bonito e atrevido e, enquanto se aproximava, sem sombra de dúvidas, lançava à Srta. Greenshaw olhares rancorosos.

— Chamou-me, madame? — ele disse.

— Sim, Alfred. Disseram-me que você se recusou a ir buscar o peixe. O que você me diz, hein?

Alfred respondeu rudemente.

— Irei se a senhora quer, madame. É só dizer.

— Realmente, eu quero. Preciso dele para o jantar.

— Tá bem. Já vou.

Deu uma rápida olhada insolente em direção à Sra. Cresswell, que corou

e resmungou.

— Pensando bem — disse a Srta. Greenshaw, — estamos exatamente precisando de alguns desconhecidos, não é Sra. Cresswell?

A Sra. Cresswell não entendeu.

— Desculpe, madame...

— Para aquilo que você já sabe muito bem o que é — disse a Srta. Greenshaw, balançando a cabeça. — O beneficiário de um testamento não pode testemunhá-lo. Não é? — perguntou a Raymond West.

— Cem por cento certo — disse Raymond.

— Conheço as leis suficientemente bem para saber isto — disse a Srta. Greenshaw; — e os senhores são homens de prestígio.

Jogou a pá de pedreiro dentro da cesta de jardinagem.

— Importar-se-iam de vir comigo até minha biblioteca?

— Com prazer — Horace respondeu prontamente.

Mostrou-lhes o caminho através de portas envidraçadas e de uma sala de estar dourada, cujas paredes estavam recobertas por um brocado desbotado, e cujos móveis estavam protegidos da poeira por capas. Depois atravessou um grande vestíbulo sombrio, subiu a escada e entrou num quarto no segundo andar.

— A biblioteca de meu avô — ela explicou.

Horace examinou a sala com grande prazer. De seu ponto de vista, era um aposento repleto de monstruosidades. Cabeças de esfinges podiam ser vistas nos mais esdrúxulos móveis, havia um bronze imenso representando, assim ele acreditava, Paulo e Virgínia, e um relógio de bronze enorme com motivos clássicos. Sentiu uma vontade tremenda de fotografá-los.

— Uma bela coleção de livros — disse a Srta. Greenshaw.

Raymond já os estava examinando. Uma rápida olhada convenceu-o de que não somente os livros eram de pouco valor, como também do fato de que jamais tinham sido lidos. Eram coleções de clássicos, lindamente encadernados, comumente vendidas há noventa anos atrás para compor bibliotecas de cavalheiros. Alguns romances de um período mais antigo tinham sido incluídos. Todavia demonstravam poucos sinais de terem sido lidos.

A Srta. Greenshaw estava mexendo nas gavetas de uma grande escrivaninha. Finalmente tirou de uma das gavetas um documento apergaminhado.

— Meu testamento — explicou. — Tenho que deixar meu dinheiro para alguém — foi o que me disseram. Se eu morrer sem fazer um, creio que aquele filho do vendedor de cavalos fica com tudo. Sujeito bonito, Harry Fletcher, mas um bom velhaco. Não vejo porque seu filho deveria herdar. Não — continuou como se estivesse respondendo a alguma inaudível objeção — já me decidi. Vou deixar tudo para Cresswell.

— Sua governanta?

— É. Já expliquei tudo para ela. Faço um testamento deixando tudo que tenho para ela e não preciso, então, lhe pagar ordenado algum. Com isso, economizo um bocado agora e a mantenho em rédea curta. Não pode se despedir e ir embora de um momento para o outro. Muito metida a besta e tudo o mais, não é? Seu pai, porém, era apenas um bombeiro hidráulico de segunda categoria. Não vejo por que ela se tem em tão alta conta.

Ao mesmo tempo em que falava, a Srta. Greenshaw desdobrava o documento. Pegou uma pena, molhou-a no tinteiro e assinou, Katherine Dorothy Greenshaw.

— Pronto — ela disse. — Os senhores viram-me assiná-lo, agora os dois o assinam e, com isto, o documento é legal.

Entregou a pena a Raymond West. Este hesitou um momento, sentindo uma inexplicável repulsa em relação ao que lhe era pedido. Então, rapidamente, escreveu seu tão conhecido autógrafo, que lhe havia sido solicitado por carta, naquela manhã, por nada menos que seis diferentes pessoas.

Entregou a caneta a Horace que acrescentou sua própria assinatura miúda.

— Acabou-se — disse a Srta. Greenshaw.

Moveu-se por entre as estantes de livros, parou, ficou a olhá-las de maneira insegura, e então abriu uma porta de vidro, apanhou um livro, enfiando o documento por entre as suas folhas.

— Tenho os meus próprios lugares para guardar as coisas — ela disse.

— O Segredo de Lady Audley — observou Raymond West, lendo o título do livro enquanto ela o repunha no lugar.

A Srta. Greenshaw deu outra de suas risadas cacarejantes.

— Foi um best-seller na época — ela comentou. — Bem diferente dos seus livros, não?

Deu uma repentina cotovelada amigável nas costelas de Raymond.

Este ficou bastante surpreso ao perceber que ela tinha conhecimento de que ele escrevesse livros. Embora o seu fosse um nome dos “bons” em literatura, ele dificilmente poderia ser considerado um autor de um best-seller. Apesar de ter suavizado sua maneira de escrever à medida que ficava mais velho, seus livros tratavam avidamente dos aspectos mais sórdidos da vida.

— Será — Horace perguntou esbaforidamente — que eu posso, pelo menos, tirar uma fotografia do relógio?

— Lógico — disse a Srta. Greenshaw. — Acredito que tenha vindo da Exposição de Paris.

— Com toda certeza — disse Horace. Bateu a chapa.

— Este quarto não tem sido muito usado desde que meu avô morreu — disse a Srta. Greenshaw. Esta escrivadinha está cheia de seus velhos diários. Creio que são interessantes. Meus olhos cansados não me permitem lê-los. Gostaria de

vê-los publicados, mas penso que isso daria muito trabalho.

— A senhorita poderia empregar alguém para se desincumbir de tal tarefa — disse Raymond West.

— Verdade? Acho que é uma boa ideia. Vou pensar nisto.

Raymond West espiou seu relógio.

— Não devemos abusar mais de sua bondade — disse ele.

— Foi um prazer — disse a Srta. Greenshaw graciosamente.

— Pensei que o senhor fosse um policial quando o pressenti virando a esquina da casa.

— Por que um policial? — quis saber Horace, que nunca tinha vergonha de fazer perguntas.

A Srta. Greenshaw reagiu estranhamente.

— Se você quiser saber as horas, pergunte a um policial — ela cantarolou, e com este exemplo de humor vitoriano ela cutucou Horace nas costelas e riu às gargalhadas.

— Foi uma tarde maravilhosa — suspirou Horace, quando voltaram para casa. — Não resta dúvida que aquela casa tem de tudo. A única coisa que está faltando naquela biblioteca é um corpo. Aquelas velhas histórias de detetive sobre um crime na biblioteca... exatamente o tipo de biblioteca que os escritores têm em mente, tenho certeza!

— Se você quiser falar sobre assassinato — disse Raymond — deve conversar com a tia Jane.

— Tia Jane? Você quer dizer Miss Marple? Horace sentiu-se um tanto perplexo.

Aquela velhinha encantadora, que tão bem representava uma época já passada e a quem tinha sido apresentado na noite anterior, seria a última pessoa do mundo a ser lembrada quando se pensava em assassinatos.

— Ela mesma — disse Raymond. — É uma de suas especialidades.

— Mas meu caro, que coisa esquisita! O que você quer dizer com isso?

— Exatamente isto — disse Raymond. — Vou explicar melhor. Alguns cometem assassinatos, outros nele se envolvem, enquanto que outros os têm literalmente atirados em seus braços. Minha tia Jane pertence a este terceiro grupo.

— Você está brincando.

— Nem um pouquinho. Pode perguntar ao último Comissário da Scotland Yard, vários chefes de polícia, e um par de dedicados detetives do “Departamento de Investigação Criminal”.

Horace comentou com prazer que coisas surpreendentes estavam sempre acontecendo. À mesa, enquanto tomavam chá com Joan West, a esposa de Raymond, Louise Oxley, a sobrinha de Joan, e a idosa Miss Marple, os dois fizeram um relato dos últimos acontecimentos, contando, em detalhes, tudo o que

a Srta. Greenshaw lhes dissera.

— Sinceramente acredito — disse Horace — que há alguma coisa um tanto ou quanto sinistra nesta história toda. Aquela criatura que nos lembra uma duquesa, a governanta — quem sabe uma pitada de arsênico no chá, agora que ela já sabe que sua patroa fez um testamento em seu favor?

— O que a senhora acha, Tia Jane? — disse Raymond. — Será que vai haver um assassinato ou não? O que a senhora acha?

— Penso — disse Miss Marple, enrolando um novelo de lã, com um ar bastante severo — que você não deveria brincar tanto quanto você brinca com estas coisas, Raymond. Realmente, arsênico é uma possibilidade bem viável. É tão fácil de se comprar. Provavelmente neste momento deve haver um pouco no galpão de ferramentas e utensílios, em forma de fungicida.

— Ora, francamente, minha querida — disse Joan West, carinhosamente. — Isto não seria excessivamente óbvio?

— Fazer um testamento, isto eu compreendo — disse Raymond, — contudo não creio que a pobre mulher tenha algo a deixar a não ser aquela casa, um verdadeiro elefante branco! E quem é que iria querer comprar aquilo?

— Talvez uma companhia cinematográfica, um hotel ou uma instituição, — apartou Horace.

— Comprá-la-iam por uma bagatela — disse Raymond; contudo Miss Marple discordou.

— Sabe, meu caro Raymond, não posso de modo algum concordar com esta sua opinião. Quero dizer, a respeito do dinheiro. O avô era, evidentemente, uma dessas pessoas que gastam dinheiro a rodo por terem facilidade em ganhá-lo, mas que não consegue economizar. Pode ter ficado em situação financeira precária, como você nos contou, mas dificilmente deve ter ido à falência. Caso isto tivesse acontecido, seu filho não teria herdado a casa. Bem, como sempre acontece, o filho tinha uma personalidade totalmente diferente da do pai. Era um unha de fome. Um homem que economizava cada centavo. Arrisco-me a dizer que durante a sua vida ele provavelmente juntou uma boa quantia. Neste aspecto parece que a Srta. Greenshaw saiu a ele — isto é, ela não gosta de gastar dinheiro. É, acho muito possível que ela tenha escondido uma quantia bem substancial.

— Neste caso — disse Joan West, — eu me pergunto... que tal Lou?

Olharam para Lou, que estava silenciosamente sentada ao pé da lareira.

Lou era sobrinha de Joan. Como ela própria dizia, seu casamento tinha degringolado, deixando-a com dois filhinhos e dinheiro que mal dava para sustentá-los.

— Isto é — disse Joan, — se esta tal de Srta. Greenshaw realmente deseja alguém que examine os diários e prepare um livro para ser publicado...

— É uma ideia — disse Raymond.

Lou falou em voz baixa:

— É o tipo de trabalho que eu poderia fazer... e penso que teria prazer em fazê-lo.

— Vou escrever para ela — Raymond disse.

— Gostaria de saber — retrucou Miss Marple pensativamente — o que a velha senhora quis dizer ao se referir a um policial.

— Ora, foi somente uma piada.

— Lembra-me — disse Miss Marple, sacudindo a cabeça vigorosamente — sim, lembra-me muito o Sr. Naysmith.

— Quem foi o Sr. Naysmith? — perguntou Raymond, cheio de curiosidade.

— Dedicava-se à apicultura — disse Miss Marple — e era bamba em resolver os acrósticos dos jornais dominicais. Gostava de dar impressões erradas às pessoas. Só de farra. Mas algumas vezes esta sua atitude criou problemas.

Todos ficaram quietos por uns instantes, pensando no Sr. Naysmith, mas como não parecia haver qualquer semelhança entre ele e a Srta. Greenshaw, chegaram à conclusão de que a querida tia Jane talvez estivesse um pouco desligada por causa de sua idade.

II

Horace Bindler voltou para Londres sem acrescentar nada à sua coleção, e Raymond West escreveu para a Srta. Greenshaw comunicando-lhe que conhecia uma Sra. Louise Oxley que teria competência para escrever o livro baseado nos diários de seu avô. Dias após, chega uma carta manuscrita com caligrafia antiga e traços tão finos que pareciam ter sido feitos por uma aranha. A Srta. Greenshaw declarava-se ansiosa em assegurar os serviços da Sra. Oxley e marcava uma data para que esta fosse vê-la.

Lou compareceu pontualmente e chegaram ambas a um acordo bastante generoso. Louise começou a trabalhar no dia seguinte.

— Estou muitíssimo grata — disse ela a Raymond. — Vai dar tudo maravilhosamente certo. Levo as crianças para a escola, vou para a Extravagância de Greenshaw e, ao voltar para casa, apanho as crianças. Tudo aquilo é extraordinário. É preciso ver aquela mulher para se acreditar que ela realmente existe.

Quando seu primeiro dia de trabalho terminou, Lou foi à casa de Raymond para lhe contar tudo o que acontecera.

— Praticamente não vi a governanta — ela contou. — Apareceu às 11:30 para me trazer café e biscoitos. Seus lábios contraídos de maneira afetada mal se abriram para falar comigo. Acho que ela é totalmente contrária à minha presença. — E prosseguiu: — Parece existir uma rixa entre ela e o jardineiro,

Alfred. Ele é um jovem das vizinhanças e bastante preguiçoso, pelo menos esta é a minha impressão. Ele e a governanta não se falam. A Srta. Greenshaw explicou-me com muita dignidade: “Sempre houve inimizade entre o pessoal do jardim e o da casa. Isto já acontecia quando meu avô era vivo. Naquela ocasião tínhamos três homens e um menino trabalhando no jardim, e oito empregadas domésticas, e os atritos eram constantes”.

No dia seguinte, Lou voltou com notícias frescas.

— Imagine só — ela disse. — Hoje me pediram para telefonar para o sobrinho.

— O sobrinho da Srta. Greenshaw?

— Ele mesmo. Parece que ele é um ator que trabalha numa companhia que está fazendo uma temporada de verão em Boreham-on-Sea. Telefonei para o teatro e deixei um recado convidando-o para vir almoçar amanhã. É realmente engraçado. A velhinha não queria que a governanta soubesse. Acho que a Srta. Cresswell fez alguma coisa que a aborreceu.

— Não perca, amanhã, o próximo capítulo desta novela emocionante — murmurou Raymond.

— É exatamente iguazinhos uma novela, não é? Reconciliação com o sobrinho. Os laços de família são mais fortes. Vai fazer outro testamento e destruir o anterior.

— Tia Jane, a senhora está com uma cara muito séria!

— Verdade, meu querido? Você ouviu alguma outra coisa sobre o policial? Louise ficou perplexa.

— Não sei de policial nenhum.

— Aquela observação dela, minha querida — disse Miss Marple — deve ter algum significado.

No dia seguinte, Lou chegou ao trabalho toda animada. Entrou pela porta da frente que, como todas as portas e janelas da casa, estava sempre aberta. A Srta. Greenshaw dava a impressão de não temer ladrões, e provavelmente tinha razão em não temê-los, pois a maioria das coisas pesava toneladas e não renderia nada. Lou passara por Alfred quando se dirigia à casa. Quando o viu, ele estava encostado a uma árvore, fumando um cigarro; mas assim que ele a percebeu, pegou de uma vassoura e começou diligentemente a varrer as folhas. Um jovem preguiçoso mas de boa aparência, ela pensou. Ao atravessar o vestibulo em direção às escadas que levavam à biblioteca, deu uma espiada no quadro de Nathaniel Greenshaw que, por cima da lareira, dava a impressão de tudo controlar. O quadro o retratava no auge de uma prosperidade vitoriana, sentado numa cadeira de braços, mãos pousadas na corrente de ouro tipo príncipe Alberto, que passava por cima de seu amplo estômago. Ao levantar os olhos para seu rosto de mandíbulas fortes, sobranceiras cerradas e basto bigode, ocorreu-lhe a ideia que Nathaniel Greenshaw deveria ter sido muito bonito quando jovem.

Talvez um pouco parecido com Alfred...

Encaminhou-se para a biblioteca no segundo andar, fechou a porta atrás de si, abriu a máquina de escrever, e retirou os diários da gaveta lateral da escrivaninha. Olhando pela janela, vislumbrou a Srta. Greenshaw lá embaixo, usando um vestido estampado, cor de burro quando foge, curvada sobre seu canteiro, removendo laboriosamente todas as ervas daninhas. Havia chovido durante dois dias e elas haviam crescido rapidamente.

Lou, jovem criada na cidade, resolveu que se algum dia ela tivesse um jardim, este nunca seria do tipo que exigisse que as ervas daninhas fossem tiradas manualmente. Só então começou a trabalhar.

Quando a Sra. Cresswell entrou na biblioteca, às 11:30, trazendo o café, percebia-se facilmente que estava de muito mau humor. Pousou, com violência, a bandeja na mesa e comentou para quem quisesse ouvir:

— Temos um convidado para o almoço e não temos nada em casa. Gostaria de saber o que eu posso fazer? E nem sequer sinal de Alfred.

— Ele estava varrendo a entrada quando eu cheguei — Lou falou, tentando ajudar.

— Provavelmente, pois é um trabalho fácil.

A Sra. Cresswell saiu da sala, como um vendaval, batendo a porta. Lou sorriu maliciosamente. Estava imaginando como seria o “sobrinho”.

Terminou o café e recomeçou a trabalhar. O que estava fazendo era tão absorvente que as horas passaram rapidamente. Quando começara a escrever seu diário, Nathaniel Greenshaw tinha se deixado levar pelas delicias da franqueza. Ao datilografar um trecho relativo aos encantos pessoais de uma empregada de um botequim na cidade mais próxima, Lou refletia sobre o fato de que seria necessário reescrever quase tudo.

Foi quando se entretinha com este pensamento que se assustou com um grito vindo do jardim. Logo abaixo de sua janela viu a Srta. Greenshaw cambalear em direção à casa. Suas mãos apertavam-lhe o peito e por entre elas via-se uma haste emplumada que Lou, estupefata, reconheceu ser a haste de uma flecha.

A cabeça da Srta. Greenshaw, com seu velho chapéu de palha, tombou por sobre seu peito. Chamou por Lou com voz enfraquecida:

— ... atirou... ele me acertou... com uma flecha... peça socorro...

Lou correu para a porta. Virou a maçaneta, porém a porta não se abriu. Lou levou alguns momentos forçando a porta antes que percebesse que haviam-na trancado. Correu de volta para a janela e gritou:

— Estou trancada!

A Srta. Greenshaw, oscilando de costas para Lou, apelava para a governanta que se encontrava numa janela um pouco mais distante.

— Telefone policia... telefone...

Então, cambaleando de um lado para outro, como um bêbado, a Srta. Greenshaw desapareceu do campo de visão de Lou, ao penetrar na sala de visitas no andar térreo. Pouco depois Lou ouviu o estrondo de porcelana quebrada, uma queda violenta e, em seguida, silêncio. Sua imaginação reconstituiu a cena. A Srta. Greenshaw devia ter cegamente ido de encontro a uma mesinha, onde estava colocado um serviço de chá de Sèvres.

Desesperadamente, Lou esmurrou a porta da biblioteca, chamando, berrando. Não havia trepadeira ou cano de escoamento do lado de fora, que ela pudesse usar para descer.

Exausta de tanto esmurrar a porta, Lou voltou à janela. A cabeça da governanta, lá de longe, da janela da sala de estar, podia ser vista.

— Venha me soltar, Sra. Oxley. Estou trancada.

— Eu também.

— Oh meu Deus, isto é horrível, não? Já telefonei para a polícia. Há uma extensão nesta sala, mas, Sra. Oxley, não posso entender por que estamos trancadas. Nem sequer ouvi barulho de chaves. A senhora ouviu?

— Não. Nadinha. Oh, Deus, o que vamos fazer? Talvez Alfred pudesse nos ouvir. — Lou gritou o mais alto possível: — Alfred, Alfred.

— Vai ver que ele foi almoçar. Que horas são?

Lou olhou para o seu relógio de pulso.

— Doze e vinte e cinco.

— Ele tem ordens para ir às 12:30, mas sai de mansinho, antes da hora, sempre que pode.

— A senhora acha... acha...

Lou queria perguntar “Acha que está morta?” mas as palavras não lhe saíam.

Não havia nada a fazer a não ser esperar. Sentou-se no parapeito da janela. Pareceu-lhe que uma eternidade havia se passado quando viu o feio capacete de um policial aproximar-se da casa. Debruçou-se para fora da janela e ele olhou para cima, protegendo os olhos com a mão.

— O que está se passando?— ele perguntou.

De suas respectivas janelas, Lou e a Sra. Cresswell despejaram nervosamente uma torrente de informações.

O policial tirou lápis e bloco de um bolso.

— As senhoras correram para cima e se trancaram? Como se chama, por favor?

— Alguém nos trancou. Venha nos tirar daqui.

O policial respondeu desaprovadamente:

— Tudo a seu tempo — e desapareceu pela porta envidraçada do andar de baixo.

Mais uma vez o tempo parecia não passar. Lou ouviu o barulho de um

carro chegando, e, depois do que lhe pareceu uma hora, mas na realidade haviam se passado somente três minutos, primeiro a Sra. Cresswell e depois Lou foram soltas por um sargento de polícia mais ativo que o outro policial.

— Srta. Greenshaw? — A voz de Louise vacilou. — O que... o que aconteceu?

O sargento pigarreou.

— Sinto ter de lhe informar, madame — disse ele. — o que já contei à Sra. Cresswell. A Srta. Greenshaw está morta.

— Assassinada — disse a Sra. Cresswell. — É isto aí — assassinato.

Em dúvida, o sargento disse:

— Poderia ter sido um acidente — algum menino da redondeza brincando com seu arco e flecha.

Ouviu-se, outra vez, o barulho de um carro chegando.

O sargento explicou:

— Deve ser o médico-legista — e dirigiu-se às escadas.

Contudo, não era o médico. Quando Lou e a Sra. Cresswell estavam descendo as escadas, um jovem entrou hesitantemente e parou, olhando a seu redor com um ar perplexo.

Em seguida, falando com uma voz agradável, que de algum modo soou familiar a Lou, talvez por lembrar a voz da Srta. Greenshaw, perguntou:

— Com licença, bem, é aqui que mora a Srta. Greenshaw?

— Por favor, pode me dizer seu nome? — disse o sargento encaminhando-se em sua direção.

— Fletcher — respondeu o jovem. — Nat Fletcher. Aliás, sou sobrinho da Srta. Greenshaw.

— Verdade, senhor? Bem, sinto muito mas...

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou Nat Fletcher.

— Houve um... acidente. Sua tia foi atingida por uma flecha... que penetrou em sua jugular...

A Sra. Cresswell interveio histericamente e sem sua afetação normal:

— Sua tia foi assassinada, foi isto que aconteceu. Sua tia foi assassinada!

III

O Inspetor Welch puxou a cadeira para mais perto da mesa e deixou que seu olhar vagasse de uma para outra das quatro pessoas que estavam na sala. Era a tarde do mesmo dia. Tinha vindo à casa dos Wests para interrogar Lou outra vez.

— A senhora tem certeza que foram exatamente estas palavras? Atirou... ele me acertou... com uma flecha... peça socorro?

Lou balançou a cabeça, confirmando.

— E que horas eram?

— Olhei para o relógio um ou dois minutos mais tarde, eram então 12:25...

— Seu relógio funciona bem?

— Também olhei para o relógio de parede. — Lou não deixou dúvidas quanto à sua exatidão.

O Inspetor dirigiu-se a Raymond West.

— Parece que há cerca de uma semana atrás o senhor e o Sr. Horace Bindler foram testemunhas do testamento da Srta. Greenshaw.

Concisamente Raymond relatou os acontecimentos da visita que ele e Horace Bindler tinham feito à Extravagância de Greenshaw.

— Seu depoimento pode ser muito importante — disse Welch. — A Srta. Greenshaw claramente lhe disse, não foi? que estava fazendo um testamento em favor da Sra. Cresswell, a governanta, e que não esteve lhe pagando ordenado algum, face às perspectivas que a Sra. Cresswell tinha em lucrar com a morte dela?

— É, foi o que ela me disse.

— O senhor poderia afirmar que a Sra. Cresswell estava inteiramente a par destes fatos?

— Eu diria que não resta a menor dúvida. A Srta. Greenshaw comentou, em rainha presença, da impossibilidade do beneficiário ser testemunha e a Sra. Cresswell, sem sombra de dúvidas, entendeu as implicações do que a Srta. Greenshaw dissera. A própria Srta. Greenshaw referiu-se ao fato de que havia chegado a um acordo com a Sra. Cresswell.

— Onde se conclui que a Sra. Cresswell tinha razão para acreditar que ela era a parte interessada. Em seu caso, o motivo é bastante evidente, e ousado dizer que ela seria a principal suspeita se não fosse pelo fato de se encontrar, tanto quanto a Sra. Oxley, inegavelmente prisioneira em seu quarto. Há também o fato de que a Srta. Greenshaw disse explicitamente que um “homem” atirara nela...

— Não há a menor dúvida de que alguém a tivesse trancado em seu quarto?

— Claro que não. O Sargento Cayley soltou-a. A porta tem uma fechadura grande e antiquada e a chave também é grande e antiga. A chave estava na fechadura e não havia a menor possibilidade de ter sido virada pelo lado de dentro, ou que tivesse havido qualquer truque deste tipo. Não, o senhor pode acreditar cem por cento no fato de que trancaram a Sra. Cresswell no quarto e que ela não podia sair. Além disso, não havia nem arcos nem flechas em seu quarto e a Srta. Greenshaw não poderia ter sido atingida desta janela. Não havia ângulo. Não, a Sra. Cresswell pode ser excluída. Fez uma pequena pausa e depois prosseguiu. — O senhor acha que a Srta. Greenshaw era dada a pregar

peças?

Miss Marple, de seu canto, olhou-o como quem já viu tudo.

— Então, afinal de contas, a Sra. Cresswell não era a beneficiária, não é?
— perguntou Miss Marple.

O inspetor olhou para ela bastante atônito.

— Esta sua suposição é muito arguta, madame — ele disse. — Não, a Sra. Cresswell não é a beneficiária.

— Igualzinho ao Sr. Naysmith — disse Miss Marple, balançando a cabeça.
— A Srta. Greenshaw disse para a Sra. Cresswell que iria lhe deixar tudo e com isto deixou de lhe pagar ordenado; e d então, deixou seu dinheiro para uma outra pessoa. Não é de se admirar que tenha dado uma risadinha de contentamento quando guardou o testamento entre as folhas de O Segredo de Lady Audley.

— Felizmente a Sra. Oxley pôde nos contar tudo a respeito do testamento, e também nos dizer onde havia sido guardado — disse o Inspetor. — Caso contrário, perderíamos um tempo enorme procurando-o.

— Um senso de humor vitoriano — murmurou Raymond West.

— Então ela afinal legou todo o seu dinheiro para o sobrinho — disse Lou.

O Inspetor sacudiu a cabeça negativamente.

— Não, — ele disse, — ela não o legou a Nat Fletcher. Comenta-se por aí, e naturalmente sou um estranho e somente sei dos mexericos em segunda mão, mas parece que, outrora, tanto a Srta. Greenshaw como a irmã estavam interessadas no jovem e bonito professor de equitação, e que a irmã o conquistou. Não, ela não deixou nada para o sobrinho... — o Inspetor fez uma pausa e esfregou o queixo. — Deixou tudo para o Alfred — ele disse.

— Alfred — o jardineiro? — Joan perguntou inteiramente surpresa.

— É, Sra. West. Alfred Pollock

— Mas por quê? — exclamou Lou.

Miss Marple tossiu e falou num sussurro:

— Embora eu possa estar enganada, acredito que deva ter havido o que costumamos chamar de “razões familiares”.

— De uma certa maneira — concordou o Inspetor. — Parece que é de conhecimento geral no povoado que Thomas Pollock, o avô de Alfred, era um dos filhos ilegítimos do Sr. Greenshaw.

— Lógico — gritou Lou, — a semelhança!

Lembrou-se de que, após ter passado por Alfred ao se dirigir a casa, havia olhado para o retrato do velho Greenshaw.

— Suponho que — disse Miss Marple — ela pensara que Alfred Pollock poderia orgulhar-se da casa, poderia até querer morar nela, enquanto que seu sobrinho não ia querer ter nada com a casa e, assim que possível, vendê-la-ia. Ele é um ator, não é? Em que peça está trabalhando agora?

Somente uma senhora idosa desviar-se-ia tanto do assunto, pensou o

Inspetor Welch, embora respondesse educadamente:

— Creio, madame, que estão fazendo uma temporada dedicada às peças de Sir James M. Barrie.

— Barrie — ecoou Miss Marple, pensativamente.

— O Que Toda a Mulher Sabe — disse o Inspetor e ficou corado. — É o nome da peça — acrescentou rapidamente. — Não sou muito de ir ao teatro, continuou — mas a patroa foi vê-la a semana passada. Ela me disse que está muito bem encenada.

— Barrie escreveu algumas peças muito encantadoras — disse Miss Marple — devo confessar, entretanto, que quando fui com um velho amigo meu, General Easterly, ver a peça A pequena Maria, de Barrie, — abanou a cabeça num gesto triste, — nenhum de nós sabia para onde olhar.

O Inspetor, por desconhecer a peça A pequena Maria, ficou totalmente confuso.

Miss Marple explicou:

— Quando eu era jovem, inspetor, ninguém jamais mencionava a palavra “estômago”.

O Inspetor dava a impressão de estar desorientado. Miss Marple começou a pronunciar títulos de peças à meia-voz.

— O Admirável Crichton. Muito sagaz, Mary Rose, uma peça deliciosa. Lembro-me que chorei. Já a Rua da Nobreza não gostei tanto. Depois levaram Um beijo para Cinderela. Oh, é claro!

O Inspetor Welch não tinha tempo a perder, discutindo peças teatrais. Voltou ao assunto em pauta.

— O problema é este — ele disse, — será que Alfred Pollock sabia que a velha senhora tinha feito um testamento em seu favor? Será que ela lhe contou? — E continuou: — Vejam bem, existe um clube de Arco e Flecha lá pelos lados de Boreham, e Alfred Pollock é sócio dele. É excelente no arco e flecha.

— Neste caso não está tudo bem claro? — perguntou Raymond West. — Explicaria as portas trancadas, e ele sabia muito bem onde encontrar as duas mulheres.

O Inspetor olhou para ele e falou com profunda tristeza na voz.

— Ele tem um álibi.

— Sempre achei que os álibis são indiscutivelmente suspeitos — Raymond observou.

— Talvez — disse o Inspetor Welch. — O senhor fala como escritor.

— Não escrevo histórias de detetive — disse Raymond West, horrorizado pela simples ideia.

— É muito fácil se dizer que os álibis são suspeitos — prosseguiu o Inspetor Welch. — Infelizmente, no entanto, temos de lidar com fatos. — O Inspetor suspirou. — Tem os três bons suspeitos — continuou. — Três pessoas que,

como os fatos provam, estavam muito próximas da cena no momento do crime. Contudo o mais estranho é que, aparentemente, nenhuma das três o poderia ter cometido. Já analisamos a situação da governanta; o sobrinho, Nat Fletcher, no momento em que a Srta. Greenshaw foi assassinada, estava a um par de milhas, num posto de gasolina, enchendo o tanque de seu carro e pedindo informações como chegar aqui; quanto a Alfred Pollock, seis pessoas poderão testemunhar que às 12:20 ele entrou no “Dog and Duck” onde permaneceu por uma hora comendo seu habitual sanduíche de queijo e bebendo cerveja.

— Deliberadamente criando assim um álibi — disse Raymond esperançosamente.

— Talvez — disse o Inspetor Welch — mas, se é este o caso, ele realmente conseguiu seu objetivo.

Houve um longo silêncio. Então Raymond voltou-se para onde Miss Marple estava sentada, ereta e pensativa.

— Agora é com a senhora, Tia Jane — ele disse. — O Inspetor está perplexo, o Sargento está perplexo, eu estou perplexo, Joan está perplexa, Lou está perplexa. Mas para a senhora tudo está claro como a água. Não é verdade?

— Não diria isto — disse Miss Marple, — não claro como a água. E crime, meu caro Raymond, não é um jogo. Não creio que a própria Srta. Greenshaw quisesse morrer, e o crime foi particularmente brutal. Muito bem planejado e a sangue-frio. Não é caso para brincadeiras.

— Desculpe — disse Raymond. — Não sou tão insensível como pareço. Às vezes referimo-nos a uma coisa levemente para exorcizar, bem, todo o seu horror.

— Esta é, acredito, a tendência atual — disse Miss Marple. — Todas estas guerras, e ter que falar amavelmente sobre funerais. É, talvez eu tenha sido descuidada quando dei a entender que você estava sendo insensível.

— Lógico que não é como se a tivéssemos conhecido a vida toda — disse Joan.

— Isto é bem verdade — disse Miss Marple. — Você, cara Joan, nem sequer a conhecia. Nem eu. Raymond formou uma opinião sobre ela baseada numa só conversa. Lou só a conhecia há dois dias.

— Vamos, Tia Jane — disse Raymond, — conte-nos suas ideias. O senhor não se importa, não é Inspetor?

— Nem um pouco — disse o Inspetor delicadamente.

— Bem, meu caro, tudo nos leva a crer que tenhamos três pessoas que tinham — ou podemos acreditar que tivessem — um motivo para matar a velha senhora. E três razões bastante simples para que nenhuma das três pudesse tê-lo feito. A governanta não poderia ter matado a Srta. Greenshaw porque se encontrava presa em seu quarto e porque sua patroa positivamente declarou ter sido um homem. O jardineiro estava no “Dog and Duck” na ocasião, e o sobrinho

no posto de gasolina.

— A senhora expôs tudo muito bem, madame — disse o Inspetor.

— E, posto que parece bastante improvável que qualquer pessoa de fora o tivesse cometido, onde, então, nos encontramos?

— É isto o que o Inspetor quer saber — disse Raymond West.

— É muito comum ter-se uma falsa perspectiva das coisas — disse Miss Marple, como que se desculpando. — Se não podemos alterar as localizações e movimentos destas três pessoas, então será que não poderíamos alterar a hora em que o crime foi cometido?

— A senhora está sugerindo que, tanto o meu relógio de pulso como o de parede estavam com defeito? — perguntou Lou.

— Não, meu bem — disse Miss Marple, — isto nem me passou pela cabeça. O que estou sugerindo é que o crime não foi cometido à hora em que pensamos que ocorreu.

— Mas eu mesmo o vi sendo cometido — bradou Lou.

— Bem, minha cara, o que eu gostaria de saber era se não pretendiam que você o visse. Sabe, eu me pergunto se esta não foi a verdadeira razão de lhe terem dado este emprego.

— Tia Jane, o que a senhora realmente tem em mente?

— Ora, meu bem, é esquisito. A Srta. Greenshaw não gostava de gastar dinheiro. No entanto ela a contrata e concorda, com toda a boa vontade, com as suas condições. Parece-me que queriam que você estivesse lá, naquela biblioteca do segundo andar, olhando pela janela de maneira a se tornar a testemunha-chave, alguém estranha à casa e de conduta irrepreensível, que pudesse fixar a hora e local exatos do crime.

— Contudo a senhora não pode ter a intenção de dizer — disse Lou incredulamente — que alguém tinha planejado assassinar a Srta. Greenshaw.

— O que eu quero mostrar, querida — disse Miss Marple, — é que você nunca a conheceu. Acho que não há prova alguma de que a Srta. Greenshaw, que você encontrou quando foi contratar o emprego, seja a mesma Srta. Greenshaw que Raymond vira alguns dias antes, você não acha? Oh, sim, eu sei — prosseguiu Miss Marple imediatamente, com o objetivo de sustar a réplica de Lou, — ela estava vestindo aquela roupa estampada e antiquada e bastante incomum, aquele chapéu de palha esquisito, e seus cabelos estavam despenteados. Tudo isso correspondia exatamente à descrição que Raymond nos fez no último fim de semana. Todavia, não sei se você percebeu, aquelas duas mulheres eram aproximadamente da mesma idade, altura e tamanho. Quero dizer, a governanta e a Srta. Greenshaw.

— Mas a governanta é gorda! — Lou exclamou. — Ela tem seios enormes.

Miss Marple deu uma tossidinha encabulada.

— Entretanto, meu bem, realmente, hoje em dia eu mesma os tenho visto, muito indelicadamente, expostos nas vitrines. É muito fácil alguém ter... hum, hum... seios de qualquer tamanho e dimensão.

— O que a senhora está insinuando? — exigiu Raymond.

— Eu só estava pensando que, durante os dois dias em que Lou trabalhou lá, uma mulher poderia ter desempenhado ambos os papéis. Você própria disse, Lou, que quase nunca viu a governanta, exceto de manhã, por um instante, quando ela lhe trazia o café. Vê-se, no palco, atores representando diferentes papéis com somente pouquíssimos minutos para trocarem de roupa, e tenho certeza que a substituição, no caso, podia se processar muito facilmente. O penteado à marquesa poderia ser simplesmente uma peruca que se põe ou tira rapidamente.

— Tia Jane! A senhora está afirmando que a Srta. Greenshaw já estava morta antes de eu começar a trabalhar lá?

— Morta não. Drogada, sim. Tarefa bastante fácil para uma mulher inescrupulosa como a governanta. Aí ela lhe contratou, pediu que você telefonasse para o sobrinho convidando-o para ir, a uma hora marcada, almoçar lá. A única pessoa que poderia saber que a Srta. Greenshaw não era a Srta. Greenshaw seria Alfred. E, como você se lembra bem, os primeiros dois dias em que você trabalhou estava chovendo e a Srta. Greenshaw ficou dentro de casa. Alfred jamais entrava na casa por causa de sua briga com a governanta. E, na última manhã, Alfred estava na entrada da casa, enquanto a Srta. Greenshaw estava trabalhando no jardim pedregoso... gostaria de dar uma olhada neste jardim.

— Então foi a Sra. Cresswell quem matou a Srta. Greenshaw?

— Acredito que depois de ter-lhe levado o café, a governanta trancou-a, ao sair do quarto, depois carregou a inconsciente Srta. Greenshaw para a sala de visitas lá embaixo, depois vestiu seu disfarce de “Srta. Greenshaw” e foi lá para fora trabalhar no jardim de modo que você a pudesse ver de sua janela no segundo andar. No momento adequado, ela gritou e cambaleou em direção a casa segurando uma flecha como se esta tivesse lhe penetrado na garganta. Pediu socorro e teve o cuidado de dizer “ele me acertou” de modo a desviar qualquer suspeita sobre a governanta, sobre ela própria. Também olhou para cima, para a janela do quarto da governanta, e gritou por ela como se a tivesse vendo. Aí, já dentro da sala de visitas, derrubou a mesinha com o serviço de porcelana, correu escada acima rapidamente, botou a sua peruca de marquesa, e assim pôde, alguns momentos depois, debruçar-se sobre o peitoril da janela para lhe dizer que ela também estava aprisionada.

— Mas ela realmente estava aprisionada — disse Lou.

— Eu sei. É aí que entra o policial.

— Que policial?

— Exatamente — que policial? Será, Inspetor, que o senhor se importaria de me dizer como e quando o senhor entrou em cena?

O inspetor dava a impressão de estar um tanto confuso.

— Às 12:29 recebemos um telefonema da Sra. Cresswell, a governanta da Srta. Greenshaw, que declarava que tinham atirado em sua patroa. O Sargento Cayley e eu próprio nos dirigimos de carro para lá imediatamente e chegamos a casa às 12:35. Encontramos a Srta. Greenshaw morta e as duas senhoras trancadas em seus quartos.

— Você compreende, minha querida — disse Miss Marple para Lou. — O oficial da polícia que você viu não era, de jeito algum, um policial de verdade. Você jamais pensou nele outra vez — ninguém pensa — simplesmente aceita um uniforme a mais como símbolo da lei.

— Mas quem? Por quê?

— Quanto ao “quem” — ora, o personagem principal da peça Um Beijo para Cinderela, que está sendo encenada agora, é um policial. Nat Fletcher unicamente teria que usar o traje que veste no palco. Pediria orientação no posto de gasolina, tendo o cuidado de chamar atenção para a hora — 12:25; depois dirigiria à toda velocidade, deixaria o carro numa esquina, envergada seu uniforme de policial, e representaria sua parte.

— Mas por que — por quê?

— Alguém tinha que trancar a porta do quarto da governanta por fora, alguém tinha que enfiar uma flecha na garganta da Srta. Greenshaw. Você pode enfiar uma flecha em alguém tão bem quanto se você a disparasse — é preciso somente ter força.

— A senhora quer dizer que eles estavam ambos agindo de comum acordo?

— Oh, acredito que sim! Provavelmente são mãe e filho.

— Porém a irmã da Srta. Greenshaw morreu há muito tempo.

— Foi, mas, sem dúvida, o Sr. Fletcher se casou outra vez — parece ter sido um homem deste tipo. Pense que é bem possível que a criança tenha morrido também e que este suposto sobrinho é filho da segunda esposa do Sr. Fletcher, e assim não tem parentesco algum com a Srta. Greenshaw. A mulher conseguiu este emprego de governanta e inspecionou a propriedade. Então ele escreveu para a Srta. Greenshaw dizendo-se seu sobrinho e dispôs-se a visitá-la — pode ter até feito alguma referência jocosa ao fato de ir vestido de policial — lembram-se, ela comentou que estava esperando um policial. Suponho, no entanto, que a Srta. Greenshaw suspeitou da verdade e recusou a vê-lo. Ele teria sido seu herdeiro se ela tivesse morrido sem fazer um testamento — mas, naturalmente, no momento em que ela fizesse um testamento a favor da governanta, pensaram, então também não haveria problema.

— Mas por que uma flecha? — objetou Joan. — Tão forçado!

— Nem um pouco, meu bem. Alfred é membro de um Clube de Arco e Flecha — Alfred levaria a culpa. Foi muito azar dele ter estado no botequim às 12:20. Ele sempre ia para lá um pouquinho antes da hora combinada e isto se ajustava como uma luva. — Balançou a cabeça. — Parece tudo errado — quero dizer, do ponto de vista moral, o fato de que a preguiça de Alfred o tenha salvo.

O Inspetor pigarreou.

— Bem, madame, estas suas sugestões são muito interessantes. Terei, obviamente, que fazer investigações.

IV

Miss Marple e Raymond West estavam perto do jardim e olhavam para a cesta de jardinagem que estava repleta de vegetação murcha.

Miss Marple murmurou:

— Alisso, saxifraga, citisus, dedaleiras... É, era essa toda a evidência de que eu necessitava. Quem quer que estivesse tirando as ervas daninhas aqui, ontem de manhã, não entendia nada de jardinagem — arrancou tanto as plantas quanto as ervas daninhas. Assim, agora sei que estou certa. Muito obrigada, meu caro Raymond, por ter-me trazido aqui. Eu queria ver o local com os meus próprios olhos.

Ela e Raymond, ambos, olharam para aquela coisa ultrajante que era a Extravagância de Greenshaw.

Uma tossidela fê-los virar-se. Um jovem bem apessoado também olhava para a casa monstruosa.

— Uma casa desmesuradamente grande — ele disse. — Demasiadamente grande para os dias de hoje, todo mundo diz. Não sei. Se eu ganhasse a loteria esportiva e ganhasse um bocado de dinheiro, este é exatamente o tipo de casa que eu ia construir.

Sorriu encabuladamente para eles.

— Acho que agora eu posso contar que aquela casa ali foi construída pelo meu bisavô — disse Alfred Pollock — Todo mundo pode chamá-la de “A Extravagância de Greenshaw”, mas é muito bacana.

FIM

Notas

[1]Referência a bunch of flowers, ramalhete de flores. (N.E)

[2]Tiglath-Pileser foi o mais famoso dos monarcas do primeiro império assírio (por volta de 1110 a.C.). (N.T.)

[3] Café da manhã. (N.T.)

[4]Slack: desleixado, negligente. (N.T.)

[5] Ultrapassados. (N.T.)

[6]Estilo de mobília inglesa, de design despojado, elaborado a partir do início do século XIX. (N.T.)

[7] Little Mary é uma gíria para estômago.

.pdf



xa.yimg

.ePub



2013

Capa

Pastel de Cath Sheard

<http://cathsheard.wordpress.com/tag/pastels>



HOME WHERE I LIVE



Obrigada!

Table of Contents

Rosto

Agatha Christie

ÍNDICE

SANTUÁRIO

UMA PIADA INCOMUM

O CASO DA FITA MÉTRICA

O CASO DA ZELADORA

O CASO DA CRIADA PERFEITA

MISS MARPLE CONTA UMA HISTÓRIA

A BONECA DA MODISTA

ATRAVÉS DE UM ESPELHO SOMBRIO

A EXTRAVAGÂNCIA DE GREENSHAW